

ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

REVISTA
Linguísticos e Literários

Estudos Lingüísticos e Literários, nº 17, Salvador, Mestrado em
Letras, Universidade Federal da Bahia, jul. 1995, 91p.
15,5 x 22,5 cm.

1. Letras - Periódicos I. Mestrado em Letras,
Universidade Federal da Bahia.

CDU 8 (05)

ISSN 0102-5465

ESTUDOS

LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

Número 17/ julho 1995

MESTRADO EM LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ESTUDOS

Linguísticos e Literários

Número 17/ Julho 1995

Mestrado em Letras
Universidade Federal da Bahia
PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

Cordenador do Mestrado

Elizabeth Hazin

Editor

Celina Scheinowitz

Co-Editor

Evelina Hoisel

Conselho Editorial

Lígia Guimarães Telles (UFBA)
Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)
Maria da Conceição Paranhos (UFBA)
Regina Zilberman (PUC/Rs)
Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBA)
Serafina Pondé (UFBA)

Assessoramento Editorial

Celeste Aida Galeão (UFBA)
Jacques Salah (UFBA)
Robélia Cabral (UFBA)

Projeto Gráfico

Cid Seixas

Editoração Eletrônica

Manoel Boullosa e Beté Capinan

Digitação

Viviane Rebouças Julião

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Luís Felipe Serpa

INSTITUTO DE LETRAS

Diretor

Aurélio Lacerda

Vice-Diretor

José Carlos Sant'Anna

INSTITUTO DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Campus de Ondina, CEP 40.170-290,
Salvador, Bahia, Brasil
Telefone: (071) 366-0790
Fax: (071) 336-8355

SUMÁRIO

Apresentação	7
Myrian Barbosa da Silva	
A palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical	11
Leda Bisol e Dermeval da Hora	
Uma leitura auto-segmental das substituições consonantais na aquisição do português	25
Carmem Lucia M. Hernandorena	
A elisão das sílabas não-acentuadas na aquisição do português como língua materna	31
Carola Rapp	
Acentuação lexical e acentuação frasal em português	39
João Antônio de Moraes	
Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoante /l/	59
Eliana Pitombo Teixeira	
Condicionamentos sócio e geolingüísticos na realização do /R/ no português do Brasil	69
Dinah Callou e João Antônio de Moraes	
Constritivas implosivas em área nordestina	79
Jacyra Mota e Vera Rollemberg	
Variação geográfica: repensando estratégias descritivas	87
Myrian Barbosa da Silva	

APRESENTAÇÃO

MYRIAN BARBOSA DA SILVA

As primeiras observações sobre a fonética portuguesa datam do século XVI e estão contidas nas duas primeiras gramáticas dessa língua, a de Fernão de Oliveira e a de João de Barros, que descrevem com minúcias a correspondência fonética/fonológica das letras, fornecendo assim as primeiras informações sobre o componente fonológico da língua lusa. A elas se seguiram várias ortografias destinadas, quase sempre, ao ensinamento dos nobres, entre as mais significativas das quais estão as de Duarte Nunes do Lião (da segunda metade do século XVI), Joam Franco Barreto e Luis Caetano de Lima (ambas do século XVII), João Madureira Feijó e Luís do Monte Carmelo (século XVIII).

A importância de Portugal no cenário do comércio internacional, impulsionado pelos descobrimentos, fez crescer o interesse de ensinar a língua portuguesa, então aos estrangeiros. Eis que surgem inúmeros trabalhos que, embora não tivessem como objetivo discutir a fonética da língua, acabavam por fazê-lo. São trabalhos contrastivos como o de Claudio Debruillart Coursan (*Arte das línguas francesa & portuguesa*, 1700) e o de J. Castro (*Grammatica Anglo-lusitanica & Lusitano-anglica or a New Grammar, English and Portuguese, and Portuguese and English*, de 1770) e outros diretamente relacionados com o ensino de português como segunda língua, de que é exemplo o de João Crisóstomo do Couto (*Grammaire portugaise ou Méthode*

Abrégée pour faciliter l'étude de cette langue, 1806).

O estudo fonético mais importante, no entanto, é o de Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna e só vem à tona nos fins do século XIX, antes, pois, do estabelecimento da Lingüística como ciência autônoma. A obra desse grande fonetista ainda é hoje considerada relevante, sobretudo para os estudos de história da língua.

Mais ou menos nessa mesma época acende-se no Brasil a discussão sobre a identidade e autonomia da língua nacional, que se estende pela primeira metade do século seguinte, estimulada pela Semana de Arte Moderna. Resulta dessas discussões a preocupação de defender a *língua brasileira*, e por isso mesmo descrever as suas peculiaridades - especialmente fonéticas - caracterizando-as quanto à variedade regional e social a que pertenciam, vinculando-as às formas lusas, atribuindo-as às influências autóctones ou africanas. São dessa fase trabalhos de variadas extensões e de importância também diversa, entre os quais lembramos alguns, os de J. J. Paranhos da Silva (1879), Amadeu Amaral (1920), Sousa da Silveira (1921), Antenor Nascentes (1922-53), Renato Mendonça (1936) e, mais recentemente, Serafim da Silva Neto (1950).

Com o advento do Estruturalismo, porém, outro segmento de estudiosos começou a produzir novo tipo de informação: as descrições fonológicas.

No Brasil o autor da obra estruturalista mais significativa (1953-70), não só pela extensão, mas também pela qualidade, foi sem dúvida Joaquim Mattoso Câmara Jr.. Ele nos legou a descrição mais completa da fonologia (como da morfossintaxe) do português brasileiro, baseando suas observações no dialeto carioca, que analisou sob a perspectiva do estruturalismo europeu. Em Portugal destacam-se nesse grupo José Herculano de Carvalho e Jorge Morais Barbosa.

Aproveitando-se de outra ferramenta teórica - a fonologia gerativa - Maria Helena Mira Mateus, em Lisboa, nos ofereceu a segunda descrição fonológica mais abrangente, sobre o português europeu: *Aspectos da fonologia portuguesa* (1975). Sob esse enfoque teórico muitos trabalhos de qualidade foram produzidos por lingüistas brasileiros, mas nenhum logrou tal amplitude.

No momento atual vários centros de interesse orientam os trabalhos de fonologia do português, tanto no Brasil como em Portugal. O número 17 da **Revista Estudos**, que ora tenho o prazer de apresentar, espelha bem essa multiplicidade de abordagens.

A fonologia do Português vem sendo estudada no Brasil tanto do ângulo da sua estrutura invariante quanto da variante.

No primeiro caso, os trabalhos mais recentes aparecem sob as várias orientações pós-gerativistas da fonologia auto-segmental, da fonologia métrica, da fonologia lexical etc., privilegiando aspectos pouco contemplados pelas abordagens teóricas que lhe precederam. Assim os estudos fonológicos voltaram-se mais para a sílaba, para o acento, para a estrutura prosódica da língua, e, especialmente, para examinar as relações

entre o componente fonológico e o léxico.

Incluem-se nessa perspectiva os dois primeiros artigos dessa revista: o de Leda Bisol & Dermeval da Hora - *A palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical* - e o de Carmem Lúcia Matzenauer Hernandorena - *Uma leitura auto-segmental das substituições consonantais na aquisição do português*. Bisol & Hora examinam a relação entre os fenômenos de palatalização da oclusiva, a síncope e a neutralização da vogal átona final, reunindo argumentos para considerá-los regras de natureza diversa dentro da estrutura do léxico. O segundo trabalho a aparecer neste número, da autoria de Hernandorena, apoia-se nos pressupostos da fonologia auto-segmental para analisar as substituições de consoantes no processo de aquisição do português por crianças entre 2:0 a 4:3 anos. A pesquisadora considerou os dados examinados mais uma evidência em favor da existência de uma organização hierárquica dos sons das línguas, da independência fonológica entre os traços e da solidariedade dos traços agrupados em nós estruturais.

Também resulta de uma investigação da conduta lingüística das crianças em processo de desenvolvimento da linguagem o terceiro trabalho, *A elisão das sílabas não-acentuadas na aquisição do português como língua materna*, de Carola Rapp. A autora estuda, por meios quantitativos, a elisão silábica em palavras de três e quatro sílabas, observando, entre as do primeiro tipo, interferência da estrutura prosódica sobre o processo em causa.

Como bem expressa seu título - *Acentuação lexical e acentuação frasal em português: um estudo acústico-perceptivo* -, o extenso trabalho de João

Antônio de Moraes, quarto aqui apresentado, inscreve-se no campo da fonética experimental, pouco difundido no Brasil, por, entre outras razões, depender de moderna aparelhagem, de manutenção quase sempre muito dispendiosa.

O estudo da variação fonológica, tanto no Brasil quanto em Portugal, começou pela dialectologia rural, campo que continua muito produtivo em ambos os países. Desde a década de 70, o estudo da heterogeneidade lingüística ganha aqui novo impulso com a introdução dos estudos de orientação laboviana, que compreende a variação como parte do sistema e estende a sua observação do campo puramente geográfico para o social, o etário, o estilístico etc.. Desde então grandes projetos de pesquisa têm sido executados, dentre os quais o Projeto NURC, (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre), os projetos CENSO e PEUL (Rio de Janeiro).

Quatro estudos de variantes do português brasileiro dentro dos pressupostos labovianos aparecem neste número: três deles tratam de temas muito próximos: variação e mudança entre as consoantes implosivas.

Eliana Pitombo Teixeira estuda a variável (l) em *Variação fonológica na região de Monte Santo* e verifica num estudo de tempo aparente a mudança que se opera nessa cidade do sertão baiano desde a realização velarizada entre os mais velhos, a alternância entre esta e a emissão da semivogal recuada no grupo de meia idade e finalmente a completa substituição da variante inovadora no grupo dos mais jovens.

O sexto artigo, na ordem de apresentação, de autoria de Dinah Callou e João Antônio de Moraes, intitula-se

Condicionamentos sócio e geolingüístico na realização do /R/ no português do Brasil. Trata do estudo das variantes de (R) em posição posvocálica (final e interna) e em dois outros contextos: início de vocábulo e intervocálico, baseado no *corpus* do Projeto NURC em todas as cinco cidades participantes desse projeto.

A variável (S) em posição implosiva é analisada por Jacyra Mota e Vera Rollemberg no sétimo artigo publicado neste número da *Estudos: Constrictivas implosivas em área nordestina*. As autoras observam o fenômeno em amostras da Bahia e de Sergipe, constituídas a partir de dados do *Atlas prévio dos falares baianos* e do *Atlas lingüístico de Sergipe*, analisando-o como um processo de palatalização que avança do seu contexto mais favorecedor - as consoantes marcadas pelo traço de anterioridade - até o de final absoluto de palavra, como ocorre na região que focalizam, alcançando finalmente os demais contextos fônicos.

Finalmente a esse mesmo campo de interesses, pela variação sócio e geolingüística, se vinculam as preocupações expressas em *Variação geográfica: repensando estratégias descritivas por Myrian Barbosa da Silva*. A autora expõe nesse trabalho as dificuldades de formular sínteses das pesquisas realizadas em diferentes pontos do território e propõe a discussão de estratégias para compor um quadro descritivo geral.

O número 17 da Revista Estudos apresenta, pois, contando com a colaboração de todos os que aqui publicam, uma síntese do que ocorre na fonologia brasileira moderna. Ressalte-se, enfim, o empenho da editora da revista, Celina Scheinowitz, cujos esforços viabilizaram também esse volume.

Salvador, 10 de janeiro de 1995.

A PALATALIZAÇÃO DA OCLUSIVA DENTAL E A FONOLOGIA LEXICAL

Leda Bisol

UFRGS/PUCRS

Dermeval da Hora

UESB

Resumo

Com base na Fonologia Lexical, discutimos a interrelação de três regras: a neutralização da vogal átona final, a palatalização da oclusiva e um caso de síncope. Concluímos que a neutralização é uma regra lexical e que as outras duas são regras pós-lexicais. O ordenamento entre neutralização e palatalização é intrínseco, enquanto entre as duas regras pós-lexicais é livre. Uma ou outra leva a resultados esperados.

Introdução

Um dos principais avanços da fonologia gerativa, em se tratando da interação entre a fonologia e a morfologia, está na Fonologia Lexical. Em sua proposta básica, o léxico constitui uma organização interna muito rica, em que as regras de formação de palavras (morfológicas) se interrelacionam com regras fonológicas par a par em níveis diferenciados.

A idéia básica reside no fato de que os processos derivacionais e flexionais de uma língua organizam-se em uma série de níveis ou estratos, onde se condicionam regras de formação de palavras e regras fonológicas. No primeiro estrato, dispõem-se raízes ou radicais morfofonêmicos, candidatos em potencial para receberem afixos, cuja entrada no mesmo estrato ou estratos subseqüentes, atende à ordenação dos processos morfológicos envolvidos na formação da palavra. Cada estrato está, pois, associado a um conjunto de regras fonológicas, cujo domínio de aplicação é por ele definido.

O número de estratos, segundo Halle & Mohanan (1985, p.58), pode diferir de uma língua para outra, porém todas as línguas têm pelo menos dois, por componentes também referidos, o lexical e o pós-lexical.

A ênfase da Fonologia Lexical está nas relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e a forma como as regras fonológicas a elas se aplicam. A fonologia gerativa clássica valeu-se, para codificar essas relações, de símbolos limítrofes (+, #, # #), os quais foram substituídos, no modelo aqui delineado, por colchetes, em benefício de uma teoria mais restrita, cujo alcance se deve à concepção do léxico como uma organização de níveis ordenados. Esses colchetes vão desaparecendo à medida que se passa de um nível para outro, de modo que, ao atuarem as regras pós-lexicais, eles não estão mais disponíveis.

De acordo com esta proposta, a saída (output) de cada regra de formação de palavra é submetida, dentro do próprio léxico, às regras fonológicas de seu estrato. Isso determina uma divisão básica entre as regras fonológicas: as que se aplicam no léxico, em um ou mais níveis ou estratos, e as que operam sobre o resultado da sintaxe, ou seja, em combinações de palavras.

As primeiras, segundo Kiparsky (1982, p.131), são intrinsicamente cíclicas, uma vez que podem ser reaplicadas, após cada passo da formação da palavra no seu nível morfológico. As últi-

mas são intrinsicamente não cíclicas.

Enquanto as primeiras são regras da fonologia lexical, as últimas são regras da fonologia pós-lexical.

Para Kiparsky (1982, p.132), o léxico está estruturado da maneira ilustrada no **quadro 01**.

Neste modelo, a saída das caixas da direita constituem, coletivamente, o conjunto dos itens lexicais da língua. Cada item lexical, saída de um estrato, pode constituir a entrada de outro estrato.

Uma questão que se pode colocar é a seguinte: como distinguir a regra lexical da pós-lexical?

Respondendo com base em Mohanan & Mohanan (1984), dizemos: são da primeira categoria as que exigem informação morfêmica; são da segunda as que atravessam fronteiras de palavras e, ignorando dessas a estrutura morfológica, dispensam a informação oferecida pelos colchetes. Regras que não atravessam fronteiras mas não exigem informação morfêmica podem ser aplicadas em um e outro componente, preferentemente no último, o não-marcado, desde que

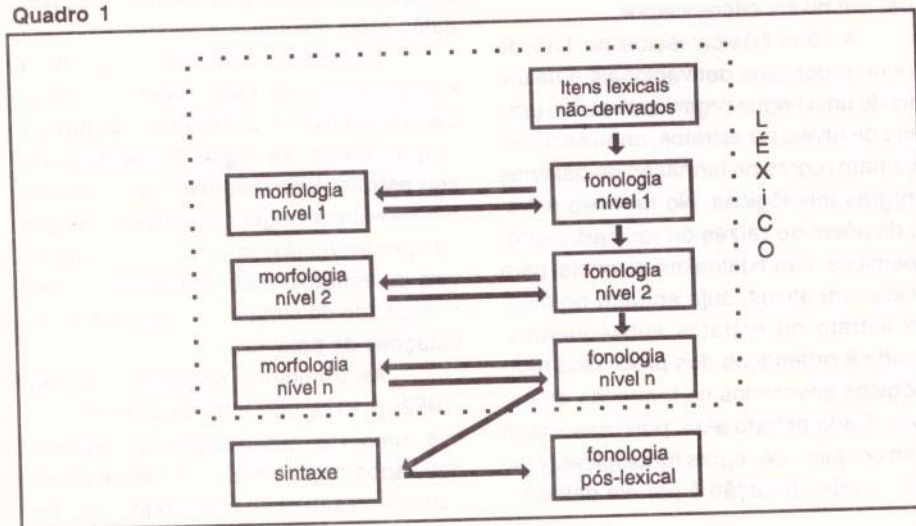
não haja evidência ao contrário.

Separando as regras fonológicas em lexicais e pós-lexicais e admitindo um léxico estratificado, a Fonologia Lexical pode fazer afirmações sobre a reanálise das fronteiras lexicais, sobre a ordenação dos elementos morfológicos, ou seja, sobre os afixos e conseqüentemente sobre o ciclo na fonologia (Goldsmith, 1990, p.237).

A idéia básica expressa pelo modelo de Kiparsky é a de que uma regra fonológica lexical se aplica assim que a morfologia ou fonologia tenha criado uma forma que satisfaça as exigências de sua descrição estrutural. E uma de suas vantagens teóricas é que a ciclicidade deixa de ser uma propriedade inerente às próprias regras para resultar da organização do léxico.

Na concepção de Booij & Rubach (1984,1987), que buscam o aprimoramento da proposta de Kiparsky, a simples divisão em dois grandes blocos, o lexical e o pós-lexical não é suficiente, pois há regras fonológicas, nitidamente lexicais, que, em virtude de serem cíclicas, fogem aos princípios que regem as regras do primeiro bloco.

Quadro 1



Propõem que, uma vez feita essa divisão básica, seja a classe de regras lexicais subdividida em cíclicas e pós-cíclicas. Daí os três blocos:

a) **Regras lexicais cíclicas** - aquelas que interagem com as regras fonológicas de forma direta e que se reaplicam após cada processo de formação de palavra. Essas regras estão sujeitas ao princípio do ciclo estrito.

b) **Regras lexicais pós-cíclicas** - que não interagem com a morfologia e que não estão sujeitas ao princípio do ciclo estrito.

c) **Regras pós-lexicais** - que se aplicam em sentenças derivadas pelo componente sintático. Atravessam fronteiras de palavras mas podem também ser aplicadas no interior de palavras, ignorando, porém, qualquer espécie de informação morfêmica.

O modelo revisado, segundo esses autores, (1984, p.2) se delinea como no **quadro 2**:

Esse modelo constitui, afirmam Booij & Rubach (1987, p.8), uma teoria bem motivada da estrutura organizacional da fonologia, sem contar que ele faz

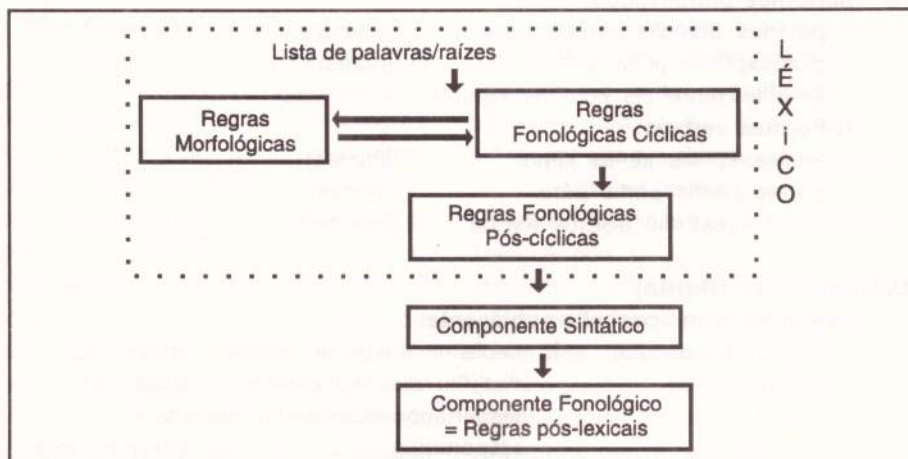
previsões corretas no que diz respeito a interações de regras.

Os trabalhos realizados com base na Fonologia Lexical levam em conta princípios e/ou convenções, que, embora não sejam suficientes para determinar onde e como a regra se aplica, restringem, de forma significativa, a extensão da arbitrariedade. Em linhas gerais, pois o espaço de que aqui dispomos mais não permite, podem ser assim introduzidos:

A utilização da *Convenção de Apagamento de Colchetes* (*Bracket Erasure Convention*), por exemplo, impõe apagamento de colchetes ao final de cada estrato, quando se determina a forma gramatical. Seu resultado demonstra que a estrutura interna de um estrato de número inferior não fica disponível para ser referido em estratos de número superior.

Básico para a Fonologia Lexical é o princípio geral chamado de *Elsewhere Condition* que faz parte da Literatura Gerativista desde 1973 e tem a propriedade de resolver, em determinado ponto da derivação, uma situação de conflito entre duas regras de contextos similares, mas de resultados distintos. Ele dá priori-

Quadro 2



dade de aplicação àquela de domínio mais restrito e tem o poder de definir uma relação de disjuntividade entre regras que estejam situadas no mesmo componente.

A *Condição do Ciclo Estrito* limita a ciclicidade a estruturas derivadas, redefinindo o que fica entendido por estrutura derivada em termos de Mascaró (1978) e Kiparsky (1982). A relação entre esse princípio e o anteriormente citado foi amplamente discutido por Kiparsky (1982).

O princípio da *Preservação da Estrutura* estabelece restrições quanto ao resultado de derivações, com base no inventário dos segmentos subjacentes e combinações permitidas para um sistema dado.

Por fim, deve-se ainda ter em mente a distinção entre *regras que constroem estruturas* como as de redundância, em uso no modelo gerativo clássico, ao lado das quais figuram regras *default*,

que preenchem vazios, (admitindo-se na subjacência segmentos subespecificados) e *regras que mudam estruturas*, a fim de que se possa ter ao menos uma idéia aproximada de toda extensão dos princípios que sustentam esta nova Teoria, ainda em elaboração.

São essas, em linhas gerais, as características do modelo que orienta a análise que segue.

análise

Neste artigo, vamos considerar a palatalização da oclusiva dental e sua interação com outras duas regras: neutralização e síncope.

Os dados, provenientes da amostra de Bisol (1986) e de Hora (1990), respectivamente falar gaúcho e baiano, esse específico de Alagoinhas, aquele restrito à capital, estão exemplificados a seguir:

A palatalização ocorre como regra

(1) a. Porto Alegre (Rio Grande do Sul)

Nominais com vogal alta subjacente:

- | | |
|---------------------|--|
| i. dliáriu (diário) | ii. medlisíne ~ medisíne ~ meɖsíne (medicina) |
| remédiu (remédio) | ɖlipóstu ~ dispóstu ~ ɖspóstu (disposto) |
| ẽntligu (antigo) | retlisénsie ~ retsénsia ~ retsénsie (reticência) |

iii. Nomes pluralizados:

- | |
|--|
| parédes > paréɖis ~ parédis ~ paréɖs (paredes) |
| pÓtes > pÓtɖis ~ pÓtis ~ pÓts (potes) |
| koré ⁿ tes > koré ⁿ tɖis ~ koré ⁿ tis ~ korénts (correntes) |

iv. Formas verbais:

- | |
|---|
| kēntes > kēntɖis ~ kēntis ~ kēnts (cantes) |
| pártes > pártɖis ~ pártis ~ párts (partes) |
| asÉrtes > asÉrtɖis ~ asÉrtis ~ asÉrts (acertes) |

b. Alagoinhas (Bahia)

Nominais com vogal alta subjacente:

- | | |
|--|--|
| i. i ⁿ sé ⁿ ɖiu (incêndio) | ii. medlisíne ~ medisíne ~ meɖsíne (medicina) |
| Óstia (hóstia) | ɖistɖintu ~ distɖintu ~ dstɖintu (distinto) |
| ɖíru (tiro) | despertadór > ɖispertadór ~ dispertadór ~ ɖspertadór (despertador) |

iii. Nomes pluralizados:

elefáⁿtes>elefēⁿtis~elefēⁿtis~elefēⁿts (elefantes)

rédes>rédⁱis~rédi^s~réds (redes)

paréⁿ-tes>paréⁿtis~paréⁿtis~paréⁿts (parentes)

iv. Esses inexistem nesta amostra, em virtude não ser usual o tratamento de segunda pessoa verbal, correspondente ao pronome *tu*.

geral, exceto em sílaba átona, quando segue /S/, contexto em que formas variantes aparecem. Uma adequada descrição desses dados prevê a aplicação de três regras sensíveis ao contexto: a elevação da átona em posição final de palavra, conhecida por neutralização (NEU), a palatalização da oclusiva dental seguida de vogal alta (PAL) e a síncope entre consoantes homorgânicas (SINC).

Adotando o modelo não-linear, vamos tratar de descrever esses fatos por meio de regras que lidam com traços independentemente, o que permite distinguir assimilações parciais de totais e captar a especificidade do processo. Também na linha de Clements, consideramos que o ponto de articulação de vogais e consoantes são definíveis pelo mesmo conjunto de traços, assim, por exemplo, [coronal] tanto especifica consoantes como vogais frontais; e [dorsal], consoantes e vogais posteriores.

Mas é pela Fonologia Lexical, que este estudo se norteia, pois o seu intento é descrever a interrelação de três regras, cuja posição no sistema buscamos primeiramente aclarar. Se forem sensíveis à informação morfêmica, se forem cíclicas, ou tiverem exceções, tenham todas essas características ou uma que outra, ficam no componente lexical; se apresentarem características de regra lexical mas não forem cíclicas, situam-se no fim deste componente como lexicais pós-cíclicas, de acordo com a proposta de Booij & Rubach

(1987), que aqui seguimos; se atuarem sobre o resultado da sintaxe, ou forem variáveis, figuram no componente fonológico como pós-lexicais.

A primeira observação é que, de acordo com a Teoria, as Convenções Universais de Associação determinam que os traços, representados em linhas separadas, sejam ligados a alguma especificação estrutural, de acordo com os princípios de boa-formação, da esquerda para a direita, e se remanescente houver, que seja associado ao mais próximo à esquerda preferentemente, de modo que todos estejam ligados no domínio do mapeamento, e linhas cruzadas não existam.

A segunda observação é que cada regra tem um domínio próprio. Começamos pela palatalização (PAL). Vamos admitir que, no português, as consoantes oclusivas coronais estão plenamente especificadas quando a palatalização acontece, comportando-se como regra que muda traços, ao invés de regra que constrói estruturas. As duas possibilidades são previstas pela Teoria. Vamos também pressupor que o processo de palatalização consiste no espraiamento do traço [+coronal], dominado pelo nó [vocálico]. Trata-se, pois, de espraiamento de traço secundário (ou de traços) que, ao ser assimilado pela consoante [+coronal,+anterior] precedente, provoca a mudança do traço que não combina com o assimilador e seus dominados. Neste caso o [+anterior] da consoante converte-se em [-anterior],

uma vez que todo vocálico é redundantemente [-anterior].

Quanto ao domínio específico, PAL somente alcança o âmbito da sílaba em que se encontra. Por conseguinte a regra assim se expressa:

(2) Palatalização da oclusiva dental (PAL)

Domínio: sílaba
 Gatilho: [+coronal]voc, -abⁿ
 Receptor: /d,t/

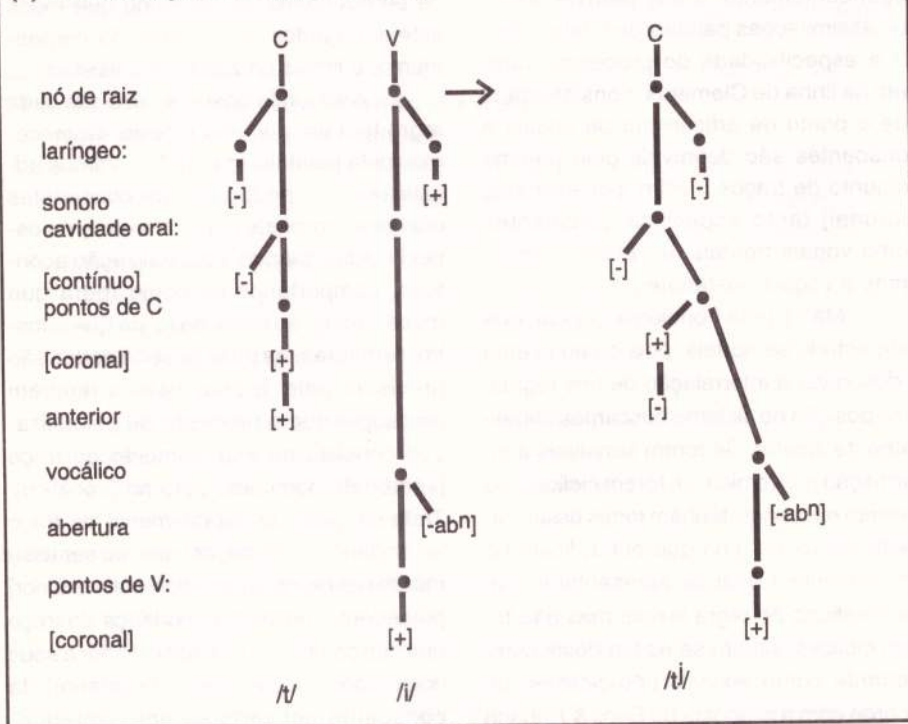
O efeito desta regra, que espraia o traço vocálico que domina [+coronal] de uma vogal alta, caracterizada como [-abertoⁿ], ou seja, a vogal, cujo grau de abertura é 0 (Clements), está representado em (3), onde a estrutura dos segmentos atende à hierarquização da

Geometria de Traços.

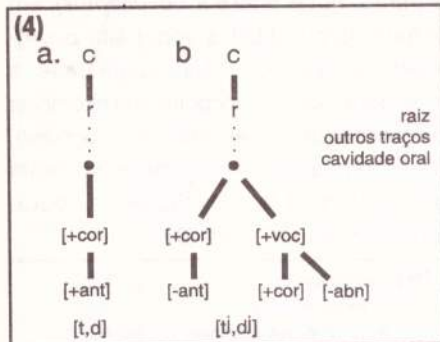
As linhas pontilhadas indicam o espraimento do traço vocálico com os seus dominados que, ao entrar no nó dos pontos de C, opera primeiramente no vazio, uma vez que encontra ocupada a posição do traço coronal, o gatilho da regra, mas tem o efeito de converter [+anterior] em [-anterior], pois leva consigo o traço [-ant], que caracteriza redundantemente toda vogal.

Esse processo representa a incorporação de traços secundários na matriz de uma consoante que em princípio se formaria apenas por traços primários, se PAL não tivesse sido ativada. O resultado, considerando-se apenas os pontos de articulação, onde ocorre esse processo,

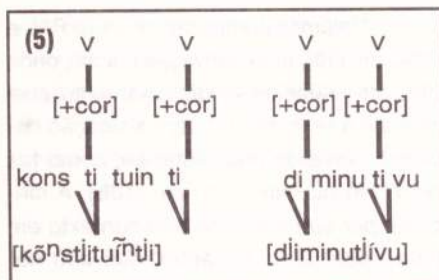
(3) Palatalização da oclusiva dental⁴



está em (4b), uma consoante complexa, que se opõe (4a), não submetida à regra.



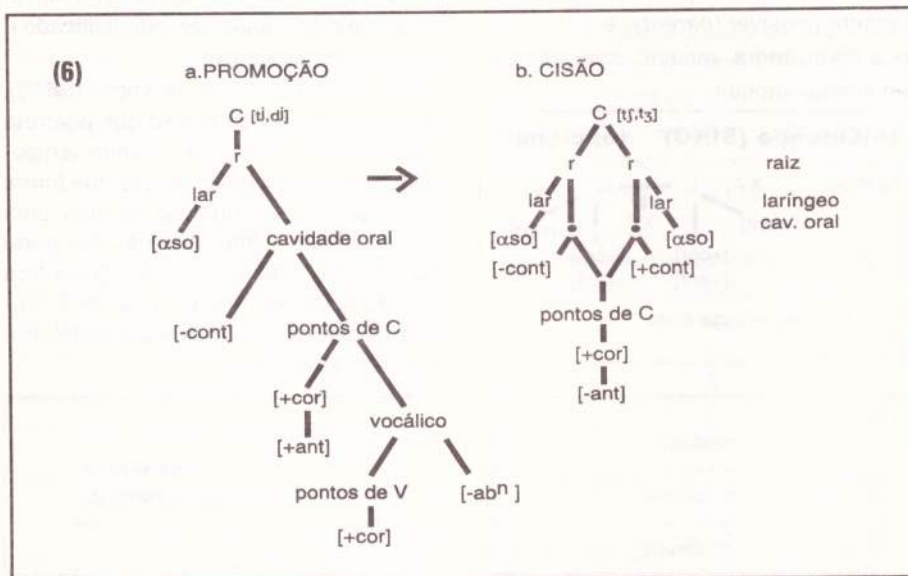
Os exemplos de (5), a seguir refletem o processo e o seu domínio.



O processo de palatalização envolve dois estágios. O primeiro representado em (3) palataliza a consoante, criando uma articulação secundária (ti>tj; di>dj). O segundo cria africadas [tʃ,dʒ] por promoção, segundo (Clements, 1991:100). Ou seja, no segundo estágio, o traço secundário da consoante é promovido à articulação primária, bifurcando-se a consoante em duas raízes, tal como em ditongos.

Observe-se em (6) que se o nó laríngeo (lar) for especificado como [-sonoro], a consoante que se delinea é /t/; ao contrário, se for especificado como [+sonoro], /d/ é representado.

Voltemo-nos agora para as variantes (1b,c,d). Elas revelam que a palatalização tem aplicação opcional no contexto da sibilante subsequente à vogal alta. Embora a regra tenha por domínio a sílaba, ela é sensível à consoante seguinte, esteja na mesma sílaba ou não. Sendo /S/, a marca de pluralização, é esse o contexto produtivo desta varian-



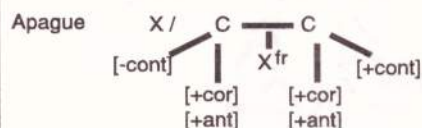
te. Mas não é condição necessária a existência de coda. O ataque (onset) da sílaba seguinte, se for uma consoante com os referidos traços, ou seja, uma sibilante [+cor,+ant] pode também favorecer o surgimento da variante, desde que a sílaba envolvida seja fraca, do ponto de vista prosódico. Introduzimos então a **restrição variável da palatização** vista em (7)

(7) Restrição Variável da Palatização

Se V[-abⁿ], em sílaba fraca, seja pretônica ou postônica, estiver entre consoantes coronais, anteriores, onde C1 e C2, são respectivamente [-cont] e [+cont], então PAL é opcional.

Antes de localizar esta regra no modelo da Fonologia Lexical, examinemos as duas outras. Passemos à síncope, que tem todas as características de uma regra fonética, por conseguinte pós-lexical, diretamente ligada ao que acabamos de descrever, que provoca a outra variante possível (*parents*) e que se coloca como regra variável, com atuação em sílabas átonas.

(8) Síncope (SINC) (opcional)



onde X é qualquer vogal átona, menos /a/.

(10) a.

partes	medisina
pártis	_____
pártis	medisina
_____	_____
[pártis]	[medisíne]

b.

partes	medisina
pártis	_____
_____	_____
pártis	medisina
[pártis]	[medisíne]

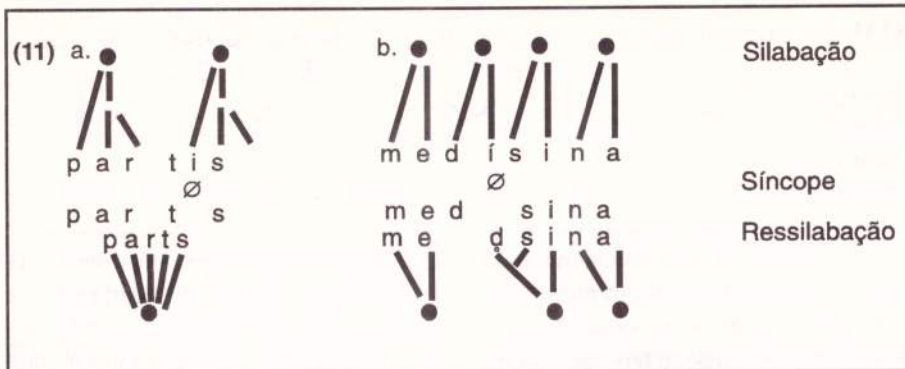
Neutralização
Palatalização/restricção
Síncope

A idéia de que a vogal apagada é sempre a alta ou [-abⁿ] (*parents* por *parentis*; *novecents* por *novecentus*), em virtude de constituir a vogal alta o segmento vocálico de menor sonoridade, é tentadora. Todavia encontramos exemplos de omissão de /e/, (akõnteséw~akõntséw), não porém de /a/. Diante disso, somente a vogal baixa fica excluída da regra. Exemplos seguem em (9):

(9) parentis>parents	[parents]
dispensa>dspensa	[dspéns]
dezanovi>dizanovi>dzanovi	[dzanÓvi]
aconteceu>acõnceu	[akõ ⁿ tséw]
novecentus>novecents	[nOvesé ⁿ ts]
cataratas	*[kataráts]

Vejamus comparativamente PAL e SINC em (10), uma derivação parcial, onde PAL, em virtude de seu afrouxamento, cuja causa é a restrição (7), tem aplicação opcional, podendo manifestar-se, como faz em (10a) ou não como em (10b). A síncope, por sua vez, não tem contexto em (10a), pois as consoantes não são homorgânicas, mas tem em (10b). Admitimos que o ordenamento exemplificado é uma opção disponível.

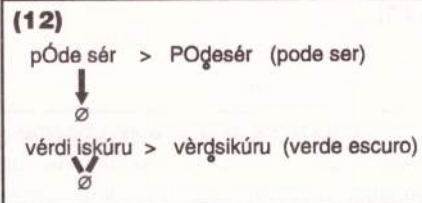
O apagamento da vogal (SINC), neste caso, é um processo que acarreta ressilabação, pois uma unidade temporal é perdida. É a ressilabação que forma um segmento de contorno, ou seja, uma africada [+cor, +ant], que não faz parte do sistema, mas que não é jogada fora pelo Princípio de Preservação de Estrutura (Kiparsky, 1985), que somente controla regras lexicais.



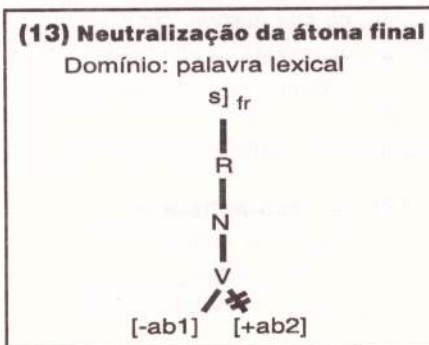
A silabação consiste na categorização dos picos de sonoridade como núcleos e, a começar da esquerda para a direita, na formação do ataque por adição ao nó da sílaba da consoante à esquerda (até duas no português). No segundo momento, completa-se a rima, anexando-lhe como coda, se houver, a consoante à direita. Considerando-se que essas etapas já foram consolidadas quando a síncope acontece, essa deixa segmentos flutuantes, razão pela qual a ressilabação é chamada, e, procedendo da mesma forma, incorpora os segmentos flutuantes ao núcleo da sílaba seguinte se for possível, de outra forma incorpora-os à rima da sílaba precedente. Veja em (11).

Como dissemos, a ressilabação cria a africada não-palatal, que não faz parte do sistema da língua, fugindo, pois ao controle da Preservação de Estrutura. Por conseguinte, Síncope e Ressilabação conseqüente constituem um só processo pós-lexical. Por outro lado, a rima superpesada, com quatro seguimentos em (11a), que este processo pode criar, contrariando os padrões silábicos do português, que maximamente admite três, oferece uma evidência a mais em

favor da sua caracterização como pós-lexical. Lembremos: regras pós-lexicais não estão mais submissas aos princípios da Teoria Lexical, entre eles o da Preservação de Estrutura. Outra evidência é que ela também acontece através de fronteira de palavras vista em (12).



Por fim, vejamos a Neutralização que consiste na perda de um traço vocálico quando V se encontra em posição de sílaba final fraca. Em nossa visão, tem a forma mostrada em (13):



(14)	coronal	dorsal	coronal	dorsal	coronal	dorsal	radical
	i	u	e	o	E	O	a
Abertura	/		/		/		
aberto 1	-	-	-	-	-	-	+
aberto 2	-	-	+	+	+	+	+
aberto 3	-	-	-	-	+	+	+

Em (13), *fr* indica sílaba fraca, ou seja, não acentuada, em outros termos, o membro fraco de um pé prosódico que se encontra em posição final de palavra (]). Quando nesta posição ocorrem vogais caracterizadas como [-ab1,+ab2], ou seja, /e,o/, o traço de abertura [+ab2] é desassociado. Por regra de redundância, o vazio criado é preenchido por [-ab1], manifestando-se, pois, as vogais /i,u/ respectivamente. O quadro em (14) facilita a regra junto com os exemplos de (15).

(15) parede>paredi
redondo>redondu
perene>pereni

Esta regra, que se aplica livremente em sílaba acabada em vogal, mas não em sílaba acabada em consoante, carrega uma exceção: se a coda for [-soante], ela também ocorre em rima com coda. Veja em (16).

O contexto em que não se aplica também inclui a sílaba superpesada, embora esses casos com acento não-final figurem, na sua maioria, como resquícios de formas antigas ou empréstimos (17).

A vogal inicial /e/ seguida de /N/ ou /S/ tende a tornar-se /i/ como regra geral, assim como a vogal /e/ dos prefí-

xos de *S* e *N*. Se estamos diante da mesma regra ou não, envolveria discutir outros problemas, além do status do prefixo na visão da Fonologia Lexical, que foge, por hora, aos nossos objetivos. Se as evidências apontarem nessa direção, então, (13) atingindo as duas bordas da palavra, figuraria como regra espelho. Possivelmente mais exceções do que a prevista teriam de figurar.

Voltando ao problema de que a neutralização ocorre em sílaba de rima com coda somente se essa for /S/, vale observar que o recurso da invisibilidade da consoante final da regra de acento não está mais disponível, pois todos exemplos citados, incluídos os que lhe fazem barreira, possuem uma consoante que foi ignorada pelo paradigma acentual. Trata-se, sim, de invisibilidade específica para a regra de neutralização, a qual atinge unicamente o segmento /S/. Vamos chamar esse segmento de extraprosódico e admitir que a regra que atribui esta característica faz parte do processo de neutralização, da mesma forma que a extrametricidade fica incorporada ao paradigma acentual².

(17) látex [látex] *[látiks]

(16) a. Não-aplicação

caráter [karáter]
Lucifer [lúsifer]
amável [amá+amavew]

*[karátir]
*[lusífir]
*[amávi]

b. aplicação

tapes>tapis
herpes>>herpis
lírios>lirius.

Com essa informação, estipulamos que o processo de neutralização da átona final compreende as duas regras do seguintes:

(18)

- a. Marque como extraprosódico o segmento /S/.
- b. Desassocie [+ab2], da posição final, em segmento vocálico com dois traços de abertura, [-ab1], [+ab2].

A regra tem a mesma representação posta em (13). A derivação procede como em (19).

O ponto que merece agora nossa atenção é a sua especificação como regra lexical ou pós-lexical. A questão que se coloca é que o contexto da regra pode ser a palavra lexical, cuja borda é referida (|) na regra (cf. 13), como também o vocábulo fonológico, pois o acento já foi atribuído e valores prosódicos como sílaba, pé e palavra fonológica também estão presentes no nível pós-lexical. Por conseguinte é uma regra que pode ser incorporada tanto ao nível da palavra lexical quanto ao pós-lexical. Todavia dois pontos dirigem nossa conclusão. Em primeiro lugar, essa regra está intimamente relacionada com a regra de acento, que é lexical. Ela é uma consequência imediata daquela. Em segundo lugar, não fora o recurso da extraprosodicidade que a Teoria nos oferece para alcançar a generalidade pretendida, essa regra contaria com uma exceção. Regras que trazem exce-

ções ou condições ou marcas específicas são regras lexicais. Embora em sua formulação atual não tenha exceções, ela precisa contar com o apoio da regra da extraprosodicidade, ou seja, ela precisa de alguma informação adicional. Diante desses dois fatos, estamos inclinados a interpretá-la como regra lexical. A neutralização, em nosso entender, é, pois, uma regra lexical pós-cíclica.

Se o componente da representação lexical compreende dois ou mais estratos ou se constitui um só grande bloco não interfere diretamente na questão do interrelacionamento das três regras em estudo. Por enquanto estamos como uma regra lexical pós-cíclica, e uma regra pós-lexical, respectivamente neutralização e síncope. Resta ver a palatalização. Voltemos, pois, à regra (2), representada em (3).

Procurando por suas características, a primeira observação é que não possui estrutura morfêmica, a segunda é que não possui exceções arbitrárias, o que induz a considerá-la pós-lexical. Há, porém, o fato de ser rara a sua ocorrência entre palavras, embora um teste de aceitabilidade lhe tenha dado crédito também no contexto observável em (20).

Todos os exemplos mostram que, neste caso, sua aplicação depende de uma regra anterior, a elisão de uma vogal, /a/ nos exemplos citados, que ocorre em processos de sândi externo. E que a raridade de sua ocorrência decorre das restrições de aplicação daquela. Afora o

(19)

vále	kóNtoS	flóreS	
—	(S)	(S)	Extraprosodicidade (18a)
i	u	i	
[váli]	[kõ ^h tus]	[flóris]	Neutralização (18b ou 13)

(20) Exemplo de boa aceitabilidade

festa engraçada	[fÉste i ⁿ grasáde ~ fÉstʃi ⁿ grasáde]
mora nesta esquina	[mÓre nÉste iskíne ~ mÓre nEstʃiskíne]
lata escura	[láte iskúre ~ látʃiskúre]
toda estação	[tóde istasew-tódʒistasew]

caso de degeminação, a vogal /a/ é a mais freqüentemente elidida em sândi externo, embora apresente restrições. Acreditando que o critério de aceitabilidade possa ser tomado como evidência, somos levados a considerá-la pós-lexical, pois é admitida depois de uma regra de sândi externo, que, por natureza, é pós-lexical.

Neste ponto, estamos com uma regra lexical, a neutralização (NEU), e duas regras pós-lexicais, síncope (SINC) e palatalização (PAL). A primeira versus as duas últimas juntas pertencem a diferentes componentes. Podemos, pois, dizer que o ordenamento entre a primeira e as duas últimas não é uma propriedade das regras mas é uma questão de organização do léxico. Então, de acordo com a teoria aqui seguida, não existe exigência de ordenamento explícito entre elas, pois os componentes a que pertencem e em consequência os seus domínios diferenciados as colocam em relação de ordenamento intrínseco, ou seja,

a neutralização precede naturalmente as duas outras, independente do fato de ser ela alimentadora da palatalização.

Todavia a relação entre as duas regras que ficam no mesmo componente, SINC e PAL, parece livre. Qualquer ordem leva aos resultados encontrados. Elas estão em relação mútua de "bleeding". Potencialmente, as duas regras podem ser aplicadas no mesmo contexto. Se a aplicação de PAL tiver prioridade, o que sobra para SINC são os casos em que PAL falhou por conta da restrição variável, além da vogal alta ou média que fazem parte de seu contexto. Se SINC tiver prioridade, o resultado será ao inverso, a ação de PAL é que fica reduzida. Vejamos em (21):

Tanto (21a) quanto (21b) levam a resultados corretos. Por conseguinte podemos afirmar que nenhuma declaração de ordem extrínseca se faz necessária. A ordem entre PAL e SINC é, conseqüentemente, livre³.

(21) a.	paréNteS	paréNteS	paréNteS	
ord. intrínseco	+	+	+	NEU
	tʃ	—	—	PAL
sem ord.expl.	—	—	ø	SINC
	[paré ⁿ tʃis]	[paré ⁿ tis]	[paré ⁿ ts]	
b.	paréNteS	paréNteS	paréNteS	
intrínseco	i	i	i	NEU
sem ord.expl.	—	—	ø	SINC
	tʃ	—	—	PAL
	[paré ⁿ tʃis]	[paré ⁿ tis]	[paré ⁿ ts]	

Conclusão

Neste estudo foi discutida a inter-relação existente entre a neutralização da átona final, palatalização e síncope em contexto restrito, amparando-nos na concepção do léxico em blocos, tal como a Fonologia Lexical propõe, com a distinção entre regras lexicais cíclicas, não-cíclicas e pós-lexicais. O estudo levou-nos à conclusão de que entre a neutralização e a palatalização, o ordenamento é intrínseco, decorrente da própria Teoria e que entre as duas outras, palatalização e síncope, a relação de ordem é livre.



Abstract

Based on Lexical Phonology, the interrelation of three rules (neutralization of final unstressed vowel, the palatization of dental stops and a case of deletion) has been discussed. The conclusion is that neutralization is a lexical rule and that the other two are post-lexical rules. The ordering between neutralization and palatization is intrinsic, while the ordering of the other two post-lexical rules is free. One way or the other leads to the expected results.

Notas

- 1 A primeira versão desta regra encontra-se em Dermeval da Hora (1990).
- 2 Para detalhes sobre extraprosodicidade, cujas características são similares à da extrametricidade, ver Kiparsky (1985)
- 3 Uma declaração de ordem explícita se faria necessária, se os dados revelassem a presença de formas como [parent^h], [redi^h], onde a consoante palatalizada não estivesse seguida de vogal alta. Neste caso, a PAL necessariamente precederia a SINC.

Referências Bibliográficas

- BISOL, Leda. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language* 89, p.107-124, 1991.
- BOOIJ, Geert. Morphological and prosodic domains in Lexical Phonology. *Phonology Yearbook*, n.1, p.1-27, 1984.
- BOOIJ, Geert & Jerzy Rubach. Postcyclic versus postlexical rules in lexical phonology. *Linguistic Inquiry*, v.18, n.1, p.1-44, 1987.
- CLEMENTS, G.N. The Geometry of phonological features. *Phonology Yearbook* 2, 178, 1986.
- Place of Articulation in Consonants and Vowels. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n.5, p.77-123, 1991.
- GOLDSMITH, John A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- HALLE, Moris & K.P.Mohanan. Segmental phonology of modern english. *Linguistic Inquiry*, v.16, n.1, p.57-116, 1983.
- HORA, Dermeval da. A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.
- KIPARSKY, Paul. From cyclic phonology to lexical phonology. In: HULTS, Harry van der, & Norval Smith (org.). *The structure of phonological representations* (parte 1). Dordrecht: Foris, p.131-76, 1982.
- Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2. London: Cambridge University Press, p.85-138, 1985.
- MASCARO, John. *Catalan phonology and the phonological cycle*. PhD dissertation. Distributed by Indiana University Linguistic Club, 1978.
- MOHANAN, K. P. Syllable structure and Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2. London: Cambridge University Press, p.139-155, 1985.
- MOHANAN, K. P. & Tara Mohanan. Lexical Phonology of the consonant system in Malayam. *Linguistic Inquiry*, v. 15, n.4, p.575-602, 1984.

UMA LEITURA AUTO-SEGMENTAL DAS SUBSTITUIÇÕES CONSONANTAIS NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS

Carmem Lúcia Matzenauer Hernandorena

UFPel

Resumo

Com base na hierarquização dos traços distintivos proposta pela Fonologia Auto-segmental, este texto visa apresentar uma análise das substituições consonantais que regularmente se observam no processo de aquisição da fonologia do Português e mostrar a naturalidade de sua ocorrência.

O processo de aquisição da linguagem tem-se evidenciado uma área de fundamental relevância na consideração e sustentação de aspectos relativos à teoria lingüística. Ao tratar-se do componente fonológico, tem-se verificado que os diferentes processos fonológicos identificados nos diversos estágios de aquisição da língua, assim como as regularidades observadas nesse curso de desenvolvimento, podem ser eloqüentes explicitações tanto da natureza e do funcionamento do sistema, como da validade de modelos lingüísticos propostos para descrevê-lo e explicá-lo.

Neste texto, registram-se as substituições consonantais livres de contexto que regularmente se observam no processo de aquisição da fonologia do Português - aqui chamadas de "substituição padrão" - e faz-se uma análise com fundamentos da fonologia auto-segmental.

O modelo teórico enfocado neste trabalho - a fonologia auto-segmental - conforme apresentam Clements (1985, 1989, 1991), Sagey (1986), Archangeli (1985), Pulleyblank (1988), Mester (1988), tem, como um dos embasamen-

tos mais relevantes, o reconhecimento de uma organização hierárquica dos traços fonológicos. Na representação dos sons da fala, os traços fonológicos são os elementos terminais de uma estrutura que os une a nós de classe que representam classes naturais, sendo que esses nós de classe estão ligados a um ponto inicial - nó de raiz-, o qual é dominado por uma unidade abstrata de tempo.

Como os nós de classe dominam conjuntos de traços que sistematicamente atuam como unidades em processos fonológicos, lembra Wetzels (1991) que a base empírica da geometria de traços é formada pelos processos fonológicos que ocorrem nas línguas. Assim, como decorrência, a estrutura de árvore ideal deve também ser capaz de oferecer um procedimento de avaliação que possa distinguir regras fonológicas naturais de regras não naturais: as regras que se referem a traços individuais ou a nós de classe são mais naturais do que as regras que se referem a conjuntos arbitrários de traços.

Nessa teoria, portanto, sob os nós estruturais devem ficar os conjuntos de traços que são solidários em regras fonológicas. Ao mesmo tempo, há o entendimento de que cada traço também pode ser manipulado independentemente. Para a verificação das implicações desse fato, no presente trabalho parte-se da geometria de traços que aparece na **Fig.1**, a qual registra traços que são pertinentes na análise dos dados deste trabalho.

Ao se voltarem os estudos para a aquisição da fonologia, tem de ser destacado que, embora seja incontestável que as crianças podem apresentar grande variação não só quanto à idade em que se tornam capazes de realizar sons e usar fonemas, mas ainda quanto à ordem na qual essas unidades são empregadas, o que a literatura tem verificado é a também incontestável existência de regularidades nesse encaminhamento gradual em direção ao sistema fonológico considerado alvo a ser atingido.

A observância dos processos fonológicos que se mostram como regularidades no decorrer da aquisição da fonologia pode ter implicações quanto à sua naturalidade e quanto a uma geometria de traços que possa explicitar essa naturalidade.

Os dados da aquisição da fonologia aqui interpretados são de 134 crianças, com idade entre 2:0 e 4:3, falantes de Português, monolíngües. Os sujeitos foram divididos em 14 faixas etárias (FE), englobando, cada uma, o período de 2 meses.

Adotando-se o percentual de 85%

como critério de aquisição, consideraram-se substituições de alta freqüência todas aquelas registradas numa percentagem acima de 15%. A essas decidiu-se chamar "substituições-padrão" na aquisição do Português, porque integraram o desenvolvimento fonológico de 100% dos sujeitos da pesquisa até a FE-3 (até 2:5) e 95% dos sujeitos até a FE-8 (até 3:3).

As substituições-padrão - que apresentaram percentual superior a 15% e que, portanto, efetivamente alteraram os sistemas fonológicos das crianças - foram apenas 14, conforme mostra a **tabela 1**. A tabela também explicita a faixa etária mais alta em que cada substituição ocorreu num percentual superior a 15%.

Observando-se essas substituições com base na fonologia linear clássica, verifica-se que os segmentos envolvidos em cada uma delas são semelhantes, uma vez que diferem por poucos traços, sendo que, num percentual majoritário dos casos, os segmentos envolvidos na substituição diferem por apenas um traço. Explicar-se-iam, pois, as substituições com base na métrica de simplicidade: com base no número de traços

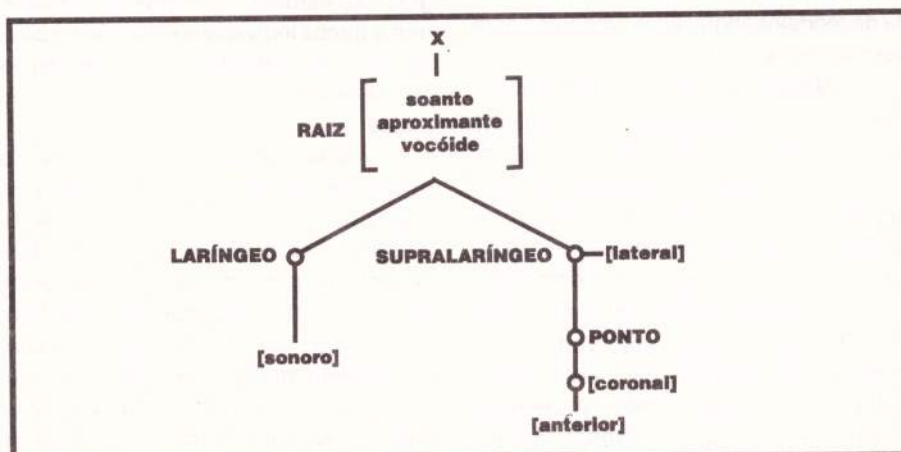


FIGURA 1- Geometria de traços utilizada neste trabalho⁽¹⁾

necessários para a descrição das regras que as representam. A partir desse argumento, poderiam não ser consideradas naturais algumas das substituições que se registram na classe das líquidas (como, por exemplo, a substituição l -> y), quando se reconhece serem essas substituições comuns nas línguas e no processo de aquisição de diferentes línguas.

Com essa fundamentação, o que seria possível também concluir-se diz respeito à existência de uma distinção - nos dados referidos na **tabela 1** - entre as substituições que envolvem consoantes com o traço [-soante] e as que contêm o traço [+soante], pois as substituições registradas com consoantes do último tipo tendem a alterar um número maior de traços. Esse fato pode apontar um comportamento diferenciado das consoantes no tocante a substituições, em se tratando do traço [soante].

Diferentemente, ao se observarem essas substituições à luz de um modelo que estabeleça uma hierarquização entre os traços, uma nova leitura tem de ser feita. Pelos princípios que norteiam essa organização hierárquica, desde logo tem de focalizar-se a natureza do(s) traço(s) alterado(s) na substituição, a posição que ocupa(m) na geometria dos traços e, conseqüentemente, as relações

(de dependência ou de independência) que mantêm com os outros traços de todo o conjunto.

Tendo como base a geometria de traços adotada neste trabalho e retomando a separação das consoantes quanto ao traço [soante], vê-se que as substituições-padrão na aquisição do Português que envolveram as consoantes com a propriedade [-soante] implicaram a alteração de traço(s) de natureza específica, o que resultou ter atingido um único nó de classes:

1º) as substituições (1) b -> p, (2) g -> k, (6) z -> s, (9) ʒ -> ʃ atingiram o *nó laríngeo*;
2º) as substituições (3) k -> t, (4) s -> ʃ, (5) z -> ʒ, (7) ʃ -> s e (8) ʒ -> z atingiram o *nó de ponto*.

Esse dado inicial já vem ao encontro do reconhecimento pela fonologia auto-segmental não só da hierarquia dos traços, mas dos variados graus de independência entre eles, representados pelas categorias de ramificações.

As substituições do 1º grupo acima representam regras fonológicas que afetam um traço laríngeo- o traço [sonoro]-, sem afetar qualquer traço de outra natureza. Por essa independência do nó laríngeo, pode-se entender o fato de esse tipo de regra ser aplicado por muitas crianças até idade bem mais avançada no pro-

SUBSTITUIÇÕES	FE	SUBSTITUIÇÕES	FE
(1) b -> p	1	(8) z -> z	até 12
(2) g -> k	1	(9) z -> s	1-6-10
(3) k -> t	1	(10) l -> y	1-2
(4) s -> ʃ	1	(11) ʎ -> l	até 5
(5) z -> ʒ	até 4	(12) ʎ -> y	até 5
(6) z -> s	10	(13) r -> l	até 9
(7) s -> ʃ	até 12	(14) r -> y	até 6

TABELA 1- Substituições-padrão na aquisição da fonologia do Português

cesso de aquisição (FE-10-3:6, 3:7).

As substituições do 2º grupo, ao atingirem o nó de ponto, na verdade afetam todas (com exceção da no (3)) somente o traço [anterior], que é entendido por Clements, Pulleyblank e Mester como uma subcategorização do traço [coronal], no sentido de que dele é dependente.

Se esse modelo de traços retrata a produção da fala, como refere Clements (1985), e as relações mútuas entre as ações simultâneas nela envolvidas, o fato de o traço [anterior] mostrar-se uma subcategorização de um outro traço ligado ao nó de ponto (o traço [coronal]) pode representar uma ação periférica que ele traduz na composição do segmento que apresenta a propriedade de ser [+coronal]. Esse fato pode conduzir à explicação de as substituições (7) $\int \rightarrow s$ e (8) $z \rightarrow \int$ constituírem a regra de aplicação mais prolongada no processo de aquisição da fonologia do Português (até a FE-12-3:10, 3:11). Ou, por outro lado, a ocorrência freqüente e prolongada dessas substituições pode significar a explicação da subcategorização do traço [anterior] em relação ao traço [coronal] em razão do fato de que apenas a coronalidade seria, num primeiro momento, adquirida pela criança - o traço [coronal] é o não-marcado para a categoria de ponto -, ficando a distinção quanto ao traço [anterior] para uma etapa subsequente.

Com referência à substituição (3) $k \rightarrow t$, ainda aqui não analisada, essa também atinge o nó de ponto, pois altera os traços [coronal] e [anterior]. O que se tem é a alteração de apenas um traço ligado ao nó de ponto - o traço [coronal] - com a conseqüente modificação do valor de seu dependente. O fato de essa substituição representar uma regra cedo des-

cartada no processo de aquisição da fonologia (já na FE- até 2:1), diferenciando-se das outras há pouco referidas, talvez se dê exatamente por constituir a alteração de um traço mais elevado na ramificação do agrupamento hierárquico dos traços ou, melhor ainda, por implicar a modificação de um traço não-marcado.

No tocante às consoantes que apresentam o traço [+soante], vê-se, na **tabela 1**, que são representadas pelas substituições numeradas de (10) a (14), sendo que atingem especificamente a classe das líquidas. Como grande diferença das substituições-padrão há pouco discutidas, estas podem implicar também a alteração de traços diretamente ligados ao nó supralaríngeo - o que efetivamente ocorre, envolvendo o traço [lateral], como se verifica nas substituições (10) $l \rightarrow y$, (12) $\lambda \rightarrow ye$ e (13) $r \rightarrow l$ - e, mais ainda, as substituições com líquidas podem implicar problemas com traços integrantes da própria raiz: é um problema com os traços [aproximante] e [vocóide] que se verifica nos chamados processos de semivocalização das líquidas. Esses processos, cuja freqüência é alta na aquisição de diferentes línguas - conforme referem, entre outros, Locke (1983), Stoel-Gammon & Dunn (1985) e Ingram (1989) -, representam, segundo Wetzels (1992), uma distinção adquirida tardiamente, pelas crianças, entre os traços [aproximante] e [vocóide]. O problema, nesse caso, seria mais de categorias maiores do que da própria geometria.

Um fato que também tem de ser referido é que essas substituições, como as da classe [-soante], quando implicaram a alteração de um traço do nó de ponto, tiveram afetado especificamente o traço [anterior]: foi o que ocorreu nas

substituições (10), (11) e (14).

Retomando-se todas as substituições-padrão na aquisição da fonologia do Português que afetaram traços do nó supralaríngeo - (3), (4), (5), (7), (8), (10), (11), (12), (13) e (14) -, pode-se verificar que os segmentos afetados apresentam o traço [+coronal] e, quando tiveram o nó de ponto atingido, houve alteração do traço [anterior]. Esse comportamento pode levar à corroboração mais uma vez de que o traço [anterior] é dependente do [coronal], como também pode ser indício de que as consoantes coronais são subespecificadas (2) quanto ao traço [anterior], isto é, na subjacência não são especificadas quanto a esse traço. Essa posição - que exige, sem dúvida, maior estudo - explicaria a razão por que as substituições $j \rightarrow s$ e $z \rightarrow z$ são as últimas eliminadas no processo de aquisição da fonologia do Português.

O que se observa neste estudo preliminar é que os aspectos aqui levantados vêm comprovar a organização hierárquica dos traços na composição da estrutura dos sons da fala, como também mais uma vez vêm mostrar o poder explicativo da fonologia auto-segmental. Ao lado desses pontos, pode concluir-se que, por esta análise, fica também explicitada a naturalidade das regras aplicadas durante o processo de aquisição do Português, o que, numa implicação de reciprocidade, pode atribuir à geometria de traços mais uma evidência de sustentação no que se refere aos graus de independência fonológica encontrados entre os traços como também no tocante à solidariedade dos traços agrupados em nós estruturais. Se a organização da fala é a organização do conhecimento fonológico, o processo de aquisição da linguagem pode testemunhar que esse conheci-

mento se faz gradativamente, com interferência tanto do fato de os traços poderem ser manipulados independentemente como do seu funcionamento solidário em determinadas regras fonológicas.

Abstract

Based on the distinctive features hierarchy proposed by Autosegmental Phonology, this paper presents an analysis of consonantal substitutions that are regularly observed in the acquisition process of Portuguese phonology and shows the naturality of their occurrence.

Notas

- 1 Os traços [soante], [aproximante] e [vocóide] são traços maiores, que integram a raiz: derivam diretamente dos traços fonéticos e nunca espraíam (Wetzels, 1992).
- 2 Para maiores esclarecimentos sobre a "subespecificação" leia-se PULLEY-BLANK (1988) - citado nas referências deste trabalho e ARCHANGELI (1984); ARCHANGELI, D. (1984) Underspecification in Yawelmani Phonology and Morphology. PHD Dissertation.

Referências Bibliográficas

- ARCHANGELI, D. (1985) Yokuts Harmony: evidence for coplanar representation in nonlinear phonology. *Linguistic Inquiry* 16.
- CLEMENTS, G. N. (1985) The geometry of phonological features. In: *Phonology Yearbook*, 1.
- CLEMENTS, G. N. (1989) *On the Representation of Vowel Height*. Preliminary version.
- CLEMENTS, G. N. (1991) Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. In: *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, 5.
- INGRAM, D. (1989) *First Language Acquisition: method, description and explanation*. Baltimore, University Park Press.

- LOCK, J. (1983) *Phonological Acquisition and Change*. New York, Academic Press.
- MESTER, R. A. (1988) Dependent tier ordering and the OCP. In: Hulst, H. van der & N. Smith. *Features Segmental Structure and Harmony Processes* (Part II).
- PULLEYBLANK, D. (1988) Vocalic underspecification in Yoruba. *Linguistic Inquiry*, 16.
- SAGEY, E. (1986) *The Representation of Features and Relations in Nonlinear Phonology*. PHD dissertation.
- STOEL-GAMMON, C. & DUNN, C. (1985) *Normal and Disordered Phonology in Children*. Baltimore, University Park Press.
- WETZELS, L. (1991) Uma análise não-linear das alternâncias vocálicas do sistema verbal do Português do Brasil. *Cadernos de Linguística*, 21.
- WETZELS, L. (1992) Curso sobre *Análise autosegmental do Português*. ABRALIN/44a. SBPC, São Paulo

A ELISÃO DAS SÍLABAS NÃO ACENTUADAS NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA

Carola Rapp

UFBA

Resumo

Neste artigo iremos analisar o processo de elisão das sílabas fracas, na aquisição do português como língua materna, levando em conta as estruturas prosódica e lexical das 27 palavras que compõem o corpus de nossa análise. Tomamos por base o Grupo etário 1 (2;1-2;6), que encerra 216 enunciados, emitidos por 8 sujeitos, que têm pelo menos um dos pais com nível universitário completo.

Introdução

Apresentamos aqui o desdobramento de um primeiro trabalho (RAPP, 1991) que examinou o grau de difusão do processo de elisão das sílabas não acentuadas na aquisição do português como língua materna, à luz dos construtos teóricos propostos por Ingram (1976) e Teixeira (1885), em quatro estágios aquisicionais. Analisou-se um *corpus*¹ composto por 27 palavras, que se irradiam por 864 enunciados, emitidos por 32 crianças, de ambos os sexos, em que pelo menos um dos pais tivesse nível superior completo, reunidas em 4 grupos de 8 sujeitos G1 (2;1-2;6), G2 (2;7-3;0), G3 (3;1-3;6), G4 (3;7-4;0).

Constatamos que a presença desse processo é mais marcante no grupo 1, correspondendo a 55% em valores relativos, o total de enunciados com elisão (349). Verificou-se também que o número de enunciados em que a elisão afeta apenas parcialmente a sílaba é, nesse grupo, duas vezes maior do que a queda

de uma sílaba inteira, isto é, dos 216 enunciados analisados, 191 expressaram algum tipo de elisão (88%), tendo, desses 191, 64 (34%) apresentando queda total de sílaba e 127 (66%), queda parcial.

1- A elisão total de sílabas nos enunciados do grupo 1

Por elisão total entendemos a queda de uma sílaba inteira, i.e, o apagamento de suas margens (quer inicial e/ou final) e de seu núcleo. Tomemos a palavra escova como exemplo. Se a criança tiver realizado essa palavra como ['kove], então houve a queda total da sílaba pretônica, inicial da palavra. Se ela tiver dito [i'kovɛ], então a sílaba caiu parcialmente, tendo caído o elemento que compunha a margem final da sílaba internamente à palavra.

Estamos aqui partindo do pressuposto que a sílaba é composta por um centro silábico, que, em português, é uma vogal (V) e de margens. As margens podem ser iniciais ou finais e podem ser ocupadas por consoantes (C) e/ou por semivogais (S). Na palavra **biscoito** por exemplo, teríamos a seguinte composição:

bis	coi	to
CVC	CVS	CV

O padrão silábico universal é o CV (INGRAM, 1976). E parece ser o preferido pelas crianças, durante a aquisição da fonologia.

2 - Descrição e análise dos dados

Como ponto inicial de nossa análise, observemos o **quadro 1**.

A composição desse quadro leva em conta as estruturas prosódica e lexical das palavras. A coluna totalmente à esquerda é organizada de acordo com o número de sílabas das palavras, listando primeiramente as trissilábicas e depois as tetrassilábicas. Esses dois blocos de palavras ainda são subdivididos, de acordo

com a estrutura prosódica, respectivamente em trissilábicas paroxítonas, proparoxítonas e oxítonas, e tetrassilábicas paroxítonas. Na disposição vertical, temos uma primeira coluna que indica quantas vezes a palavra foi enunciada com elisão de sílaba, no grupo etário em questão. A coluna seguinte dispõe o número de sílabas elididas em cada item lexical examinado. Em seguida, temos as colunas que retratam a posição da queda da sílaba na palavra.

Quadro 1 - G1

		Itens Lexicais	Es c/ ET	S. elidiadas	PsTI	PrTNI	PsTNF	PsTF	
T R I S S Í L A B I C A S	P	/aR'maryu/	2	2	100%				
	A	/ba'neyru/	-	-	-				
	R	/biS'koytu/	3	3	100%				
	O	/ʃi'kleti/	3	3	100%				
	S	/di'neyru/	-	-	-				
	Í	/eS'kova/	3	3	100%				
	L	/gay'ɔla/	-	-	-				
	A	/ga'rafa/	1	1	100%				
	B	/ʒillrafa/	-	-	-				
	O	/i'greʒa/	3	3	100%				
	S	S	/pa'ʎasu/	-	-	-			
			/re'loʒyu/	-	-	-			
			/soR'veti/	-	-	-			
			/to'aʎa/	1	1	100%			
P R O P A R O X Í T O N A S	P	/'aRvori/	5	5			100%		
	R	/'fɔSforu/	4	4			100%		
	O	/'makina/	5	5			80%	20%	
	P	/'ɔkuluS/	6	6			17%	83%	
	A	/'onibuS/	4	4			75%	25%	
	R	/'ʃikara/	3	3				100%	
O X Í T O N A S	O	/vio'lāw/	3	4	75%	25%			
T E T R A S S Í L A B I C A S	P	/bisi'kleta/	3	5	40%	60%			
	A	/boRboleta/	4	4		75%		25%	
	R	/kāba'ʎɔta/	5	6	67%	33%			
	O	/'gwaRda'ʃuva/	4	5	40%				
	A	X	/pasa'riju/	2	3	67%	33%		
			/taRta'ruga/	1	1				

ENUNCIADOS TRISSÍLABICOS PROPAROXÍTONOS

<i>/'jikara/</i>	<i>/'aRvori/</i>	<i>/'fɔSforu/</i>	<i>/'makina/</i>	<i>/'ɔkuluS/</i>	<i>/'onibuS/</i>
[<i>'kikɐ</i>] ₁	[<i>'abi</i>] ₁	[<i>'fɔsu</i>] ₂	[<i>'makɐ</i>] ₁	[<i>'ɔsu</i>] ₁	[<i>'obus</i>] ₁
[<i>'srikɐ</i>] ₁	[<i>'avi</i>] ₃	[<i>'fɔtu</i>] ₁	[<i>'tasɐ</i>] ₁	[<i>'ɔsku</i>] ₁	[<i>'otu</i>] ₁
[<i>'sikɐ</i>] ₁	[<i>'afli</i>] ₁	[<i>'fɔtu</i>] ₁	[<i>'maykɐ</i>] ₁	[<i>'ɔku</i>] ₃	[<i>'õ^mbus</i>] ₁
			[<i>'maki</i>] ₁	[<i>'ɔksu</i>] ₁	[<i>'onu</i>] ₁

Quadro 2

No que se refere à palavra **máquina**, parece predominar a elisão da sílaba PsTNF, (Postônica Não-Final) em 80% dos casos, e nos enunciados referentes à palavra **ônibus**, em 75% dos casos. No que diz respeito aos enunciados referentes às palavras **árvore** e **fósforo**, em 100% dos casos de ET(Elisão Total.), caiu a PsTNF(Postônica Não-Final).

Os enunciados referentes às palavras **óculos** e **xícara** merecem uma atenção específica. À primeira vista, as elisões recaem, contrariamente às nossas hipóteses, em maior grau sobre a postônica final. Aparentemente, em **óculos**, 83% das elisões recaem sobre a PsTF e apenas 17% sobre a PsTNF. Já em **xícara**, 100% das elisões incidem sobre a PsTF.

Para entendermos esses casos um pouco mais, observemos o Quadro 2, que apresenta a transcrição fonética dos enunciados trissilábicos proparoxítonos com elisão total de sílaba, seguidos do número absoluto de ocorrências no *corpus* analisado. No anexo 1, encontram-se todos os enunciados do Grupo 1, ordenados por sujeito (S1, S2...). o **quadro 2**.

Observando-se, por exemplo, que, no item **óculos**, parece ser a própria estrutura da palavra a responsável por essa inversão no resultado. Parece-nos que a presença da consoante oclusiva velar surda /K/ na sílaba PsTNF evi-

tou a sua queda por ser mais saliente que a lateral //.

Portanto, a presença de uma obstruente na sílaba parece impedir a sua queda. Isso também pode ser observado em todos os outros itens lexicais aqui examinados. A obstruente se mantém a despeito da estrutura das sílabas que compõem as palavras analisadas (o que se constituiria em uma outra hipótese de trabalho).

2.1 Palavras trissilábicas proparoxítonas

Observemos primeiramente o conjunto de palavras trissilábicas proparoxítonas. Das 14 palavras aí listadas, 7 apresentaram queda total de sílaba, isto é, 50% das palavras trissilábicas proparoxítonas não apresentaram queda total de sílaba.

Dessas 7 palavras com queda total de sílaba, todas as sílabas elididas correspondem à pretônica. Note-se que essas palavras só têm pretônicas iniciais. Não houve nenhuma queda de sílaba postônica, talvez por serem estas postônicas finais de palavra.

Notamos, então, que, no que se refere à aquisição das palavras trissilábicas, o quadro nos mostra um resultado totalmente uniforme. A cada enunciado corresponde uma sílaba elidida e todas as elisões recaem sobre a pretônica. O que acontece muito nos enunciados referentes a essas palavras é a sujeição à

queda parcial de sílaba, principalmente nos casos em que a estrutura da sílaba não corresponde ao padrão universal CV. Mas isso é matéria a ser detalhada num trabalho posterior. Note-se aqui que, de acordo com o **quadro 1**, as palavras alvo que só têm padrão CV.CV.CV não apresentam elisão.

2.2 Palavras trissilábicas proparoxítonas

Obedecendo à ordem da tabela, analisemos os enunciados referentes às próximas seis palavras, que são as trissilábicas proparoxítonas. Vê-se que, nesse grupo, em relação ao anterior, o número de enunciados com elisão total de sílaba cresce. Embora nesse grupo ainda haja a correspondência de uma sílaba elidida por enunciado, notamos que as elisões oscilam entre duas posições na palavra: ora um enunciado apresenta elisão da postônica não final (PsTNF), ora da postônica final (PsTF), e ora de ambas.

Observe-se que, no que se refere a esse grupo de palavras, não pode haver queda de pretônicas, por a sílaba tônica já ser a sílaba inicial da palavra.

Nos enunciados referentes às palavras **árvore** e **fósforo**, ao que tudo indica, tivemos em 100% dos casos, a queda da postônica não final. Nos enunciados referentes às palavras **máquina** e **ônibus**, também.

Ainda observando o **quadro 2**, notamos que, paralelamente aos processos de elisão, ocorre, ainda, um outro, que, embora não sendo matéria relativa ao nosso trabalho, merece ser comentado por estar intimamente associado à maneira pela qual a criança rearranja as estruturas adultas.

O fenômeno da coalescência constituiu-se, basicamente, na junção, em uma

única sílaba, de partes de sílabas que estavam separadas no enunciado adulto. Dos 6 conjuntos de enunciados, todos apresentaram casos de coalescência ['sike], ['avi], ['fɔsu], ['make], ['ɔsu] e ['onu].

É interessante notar que os dados mostram que, na realidade, no caso das trissilábicas proparoxítonas, o processo da elisão das sílabas fracas realiza-se, caracteristicamente, através da combinação das estratégias implementacionais de apagamento e de coalescência de segmentos:

- a) da queda da vogal da sílaba PsTNF e;
- b) da queda da consoante (não obstruente) da sílaba PsTF.

O argumento que, particularmente, subsidia esta análise baseia-se nos enunciados infantis para os itens **árvore** e **máquina**, casos em que as vogais das sílabas PsTNF e PsTF são heterorgânicas, i.e., possuem qualidades diferentes.

No caso de **ônibus**, a consoante da sílaba PsTF é mantida, talvez pela força de seu traço [+ obstruente], enquanto a consoante nasal da sílaba PsTNF é apagada totalmente, podendo o traço de nasalidade ser transferido para a vogal imediatamente precedente (vide as três primeiras formas de **ônibus**, no **quadro 2**).

2.3 Palavras trissilábicas oxítonas

Voltando ao **Quadro 1**, e continuando a sua análise, notamos que a única palavra trissilábica oxítona apresenta 75% das elisões sobre a pretônica inicial (PrTI) e 25% sobre a pretônica não inicial (PrTNI), observando-se que, nestes casos, a palavra não possui sílaba postônica, ex. **violão**. Infelizmente, não podemos afirmar nada sobre o comportamento de palavras trissilábicas oxítonas, por essa amostra não ser representativa para tal finalidade.

ENUNCIADOS TETRASSILÁBICOS PAROXÍTONOS

/bisi'kle'ta/	/boRbo'leta/	/kāba'kɔ'ta/	/'gwaRda 'ʃuva/	/pasa'riɲu/
[bi'tetɛ] ₁	[bẽ'letɛ] ₁	['lɔtɛ] ₁	['fuve] ₁	['i.ɲu] ₁
['tɛtɛ] ₂	[e'etɛ] ₁	[ta'ɔtɛ] ₁	[da'tuve] ₁	[sa'riu] ₁
	[bobo'li] ₁	[a'bɔtɛ] ₁	[a'puve] ₁	
	[bo'eta] ₁	[ba'ɔtɛ] ₁	[e'vuve] ₁	
		[tõ'bɔtɛ] ₁		

Quadro 3

2.4 Palavras tetrassilábicas paroxítonas

Observemos agora os enunciados referentes às palavras polissilábicas paroxítonas.

Inicialmente percebemos que o número de enunciados já não corresponde mais em sua totalidade ao número de sílabas elididas. Isto sinaliza que pode haver mais de uma sílaba elidida por enunciado. Este fenômeno parece estar relacionado à própria extensão da palavra.

Para um melhor acompanhamento da investigação dos casos, observemos o Quadro 3, que se refere à transcrição fonética dos enunciados tetrassilábicos paroxítonos.

A análise desse grupo de palavras se apresentou mais complexa do que o inicialmente previsto, por causa da qualidade das vogais pretônicas, que são, em todos os casos homorgânicas. Coloca-se aqui a crucial pergunta: Qual foi a sílaba que caiu?

No grupo das palavras tetrassilábicas, o maior número de enunciados com elisão se refere à palavra **cambalhota**. De 8 enunciados, 5 apresentaram elisão. Esse resultado se deve provavelmente à estrutura lexical da palavra, que, apesar de ser composta por sílabas CV apresenta um certo "vai - e - vem", no que diz respeito ao ponto de articulação das con-

soantes. Elas estão dispostas na seguinte ordem: velar / bilabial / palatal / dentoalveolar, constituindo os quatro pontos básicos que ocorrem na língua. Esta combinação de pontos articulatorios exige da criança, nessa faixa etária (2;1-2;6), um domínio bastante razoável dos órgãos fonarticulatorios e a isso acrescenta-se a extensão da palavra. Portanto, essa combinação de pontos articulatorios juntamente com a extensão da palavra provocaram esse elevado índice de elisão.

Somos da opinião que os itens lexicais **borboleta**, **tartaruga** e **guarda-chuva** devem merecer o mesmo tratamento analítico, por apresentarem uma duplicação quase perfeita das sílabas pretônicas. Aparentemente **guarda-chuva** não se enquadraria neste caso, por causa da maior diferença qualitativa entre as pretônicas. Mas, verificando melhor, nessa idade, nem a consoante final de sílaba / R / nem a semivogal / w / estão adquiridas (TEIXEIRA, 1991), tem-se, desse modo, o padrão silábico da PrT1 idêntico ao de PrTNI, em termos de provável realização fonética.

Em **borboleta**, temos 4 enunciados com elisão de sílaba, mas, apenas em [bobo'li], fica claro qual tenha sido a sílaba elidida, i.e., houve elisão da PsTF, (fato este pouco comum nestes casos). Em relação às pretônicas, permanece a dúvida. Encontramos a mesma dificulda-

de em **tartaruga**, que apresenta apenas um caso de elisão, [ta' ugv] (cf. anexo I). Em **guarda-chuva**, palavra que estamos considerando tetrassilábica paroxítona, na realização da fala adulta, como oficialmente é o caso de **guardanapo**, etc, temos 4 casos de elisão total: um caso em que as duas pretônicas caem ([' fuvv]), outro em que claramente cai a PrTI ([da]'tuvv]) e outros dois nebulosos ([a'puv], [ã' vuv]).

Os enunciados referentes aos itens lexicais **bicicleta** e **passarinho**, que poderiam nos oferecer pistas mais concretas acerca de qual sílaba cai mais, uma vez que o modo de articulação das pretônicas é distinto, presenteiam-nos com resultados antagônicos.

Notamos que, em **bicicleta**, 40% dos casos de elisão correspondem à PrTI e 60% à PrTNI. De acordo com os dados do Anexo 1, percebemos uma interessante correlação entre a queda da PrTI e da PrTNI, uma vez que a PrTI, nesse caso especificamente, só cai se a PrTNI também cair. Em **passarinho**, temos dois casos de elisão total. No primeiro ([' iju]), temos a queda das duas pretônicas, e, no segundo ([sa'riu]), a elisão da PrTI. No cômputo geral, temos, para esse item lexical, em 67% dos casos, a elisão da PrTI e 33% da PrTNI. E aqui a PrTNI só cai acompanhando a queda da PrTI.

Esses resultados mostram que, à medida que um enunciado apresenta mais de uma sílaba elidida, ele merece tratamento especial, para evitar distorções nos resultados analíticos. E que, para se determinar, qual sílaba cai de fato, nos tetrassilábicos paroxítonos, é necessário que itens, com centros silábicos heterorgânicos, nas pretônicas, sejam incluídos na testagem. Em relação às postônicas, vê-se que estão fora da problemáti-

ca desse grupo. O único enunciado que apresentou queda da postônica foi [bobo'li], forma bastante idiossincrática e totalmente inesperada. Deve-se também, para melhor compreensão do comportamento da aquisição das palavras tetrassilábicas, verificar o que acontece nas **tetrassilábicas oxítonas**.

Conclusão

Vimos, então, que, no que se refere às palavras **trissilábicas paroxítonas**, as palavras que foneticamente se apresentam compostas pela estrutura CV não apresentam queda de sílaba. Esse resultado traz à tona toda a força do padrão CV.

Nas **trissilábicas proparoxítonas**, o fator chave para o desencadeamento da elisão parece ser a estrutura prosódica da palavra, uma vez que nenhum enunciado deste tipo, ainda que a palavra a que ele se refira fosse composta pela estrutura CV, deixou de apresentar o processo de elisão. O processo de elisão esteve, pois, presente em todos os enunciados. Percebe-se, também, que a elisão tende a se manifestar na sílaba PsTNF, o que nos leva a refletir sobre a saliência fônica dessa sílaba. Tendo em vista a predominância da queda de seu núcleo silábico (conforme atestam nossos dados), esta sílaba parece estar sendo, paralelamente a fenômenos de redução que ocorrem na fala adulta, mais afetada aquisicionalmente do que a postônica final (exceto quando esta última apresenta uma consoante oclusiva em sua margem).

Por fim, no que diz respeito às palavras **tetrassilábicas de quatro sílabas**, nota-se que há uma dificuldade em apontarmos que sílaba realmente mais cai. Talvez essa dificuldade resida na natureza estrutural dos itens lexicais estu-

dados. A maior dificuldade reside no fato de todas as palavras aqui analisadas terem o centro silábico das pretônicas formado por vogais homorgânicas, e quatro delas terem na margem inicial dessas sílabas, consoantes com o mesmo modo de articulação. Os únicos itens que de fato poderiam nos fornecer alguma pista são **bicicleta** e **passarinho**, por terem, pelo menos, o modo de articulação distinto em suas pretônicas. Contudo, estes, contrariamente a nossas expectativas, apresentam resultados antagônicos. No primeiro item cai mais a pretônica não inicial e, no segundo, a pretônica inicial. Estes fatos, aparentemente contraditórios e inconclusivos, sugerem, mais uma vez, a necessidade de ampliação da amostra em termos dos itens tetrassilábicos em geral.

Observamos, ainda, que não só a sílaba como um todo é susceptível à elisão, partes da sílaba também podem cair. E aqui se encontra a motivação para trabalhos futuros. Pretendemos futuramente não só analisar a queda parcial da sílaba como também estabelecer um paralelo entre a queda total da sílaba e a parcial. Pensamos estarem embutidos nessa comparação detalhes bastante enriquecedores, possibilitando, assim, a ampliação do conhecimento do funcionamento do processo de elisão.

Resümee

In diesem Artikel werden wir den Prozet der Silbenelision beim Erwerb des Portugiesischen als Muttersprache analysieren, dazu werden die prosodischen und lexicalischen Strukturen der 27 Wörter unseres corpus berücksichtigt. Unsere Analyse bezieht sich auf eine Studie in Altersgruppe 1 (2;1 - 2;6) bei einer Produktion von 216 Äußerungen durch 8 Kinder. Mindestens ein Elternteil hat ein vollständiges Universitätsstudium.

Notas

- 1 Esse *corpus* integra o Banco de Dados do Projeto de Pesquisa "A aquisição da Fonologia por Falantes do Português", coordenado pela Prof^a Dr^a Elizabeth R. Teixeira (UFBA), do qual a autora deste artigo faz parte.

Referências Bibliográficas

- INGRAM, David. *Phonological disability in children*. London: Edward Arnold, 1876.
- RAPP, Carola. O grau de difusão do processo de elisão das sílabas não acentuadas na aquisição do português como língua materna. *Estudos; lingüísticos e literários*, n.12, p. 205-215, Salvador, UFBA, dez.1991.
- TEIXEIRA, E. R. *The acquisition of phonology in cases of phonological disability in portuguese-speaking subjects*. London: University of London (tese inédita de doutorado).
- _____. Perfil do desenvolvimento fonológico em português (PDFP). *Estudos; Lingüísticos e literários*, n.12. p.225-237, Salvador, UFBA, dez.1991.

ANEXO 1

PALAVRAS COM ALGUM TIPO DE ELISÃO GRUPO 1 (2;1-2;6)

	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8
/aR'maryu/	['mayu]	[a'malu]	[a'malu]	[a'malyu]	[a'mayu]	['malyu]	[a'balyu]	---
/ba'neyru/	---	---	[ba'elu]	[bo'elu]	[be'eru]	---	[ba'neu]	---
/biS'koytu/	['totu]	[bi'totu]	['totu]	[bi'totu]	['kotu]	---	[bi'koutu]	[bi'koyto]
/ji'kleti/	[ʃi'keti]	['teti]	['teti]	[ti'teti]	['teti]	[ʃi'teti]	[ʃi'keti]	---
/di'neyru/	---	[i'nelu]	[e'elu]	[di'eru]	---	---	---	[e'kove]
/eS'kova/	[e'kove]	['fove]	['fove]	[i'pove]	['vove]	---	---	---
/ga'yola/	[ga'ole]	[a'ole]	[a'ole]	[da'ole]	[ga'ove]	[ga'ove]	---	---
/ga'Rafa/	---	['afe]	[a'afe]	[pa'afe]	[a'afe]	[ta'afe]	[ga'afe]	---
/zi'rafa/	---	---	[i'lafe]	[pa'afe]	[ia'afe]	[i'lafe]	---	---
/i'gRe3a/	[i'ge3e]	[i'SeSe]	['ge3e]	['de3e]	[i'deze]	['deze]	[i'ge3e]	---
/pa'3aSu/	---	---	[pa'asu]	[pa'atSu]	---	---	---	---
/Re'lo3yu/	[le'lo3u]	[e'lo3u]	[e'lo3u]	[e'3u]	[Se'3u]	[e'lo3i]	---	[e'3yu]
/SoR'veti/	[So'veti]	[to'veti]	[u'veti]	[po'beti]	[o'veti]	[So'veti]	[So'veti]	[So'veti]
/to'ala/	---	['lale]	---	---	---	---	---	---
/aRvori/	['abi]	['avi]	['avi]	['avili]	['avi]	['avili]	---	['afl]
/foSforu/	['foSu]	['fotu]	['foto]	['poptu]	---	['fofolu]	---	['foSu]
/makina/	['mayke]	['make]	['make]	['taSe]	['maki]	---	---	---
/3kuluS/	['3ku]	['3ku]	['3ku]	['3Su]	['3ku]	['3kulu]	---	['3kuSu]
/onibuS/	['obuS]	['otu]	['onu]	['obidu]	['ominu]	['onibi]	---	['o'buS]
/jikara/	---	['kike]	['jike]	---	['jike]	---	---	---
/vi'olaw/	---	['i3w]	[o'i3w]	---	[o'i3w]	---	---	---
/biSi'kleta/	[bi'tete]	[bi'tete]	['tete]	[bi'tete]	['tete]	[bi'Sikete]	[bi'Sikete]	[bi'Sikete]
/boRbo'leta/	[bobo'lete]	[b3'lete]	[e'ete]	[bobo'lete]	[bo'ete]	[bobo'li]	[bobo'lete]	[bobo'lete]
/kaba'3ota/	---	['lote]	[ta'lote]	[a'bote]	[ba'ote]	[to'bote]	---	---
/gwaRda'juva/	[gele'juve]	[de'tuve]	['fuve]	[e'puve]	[3'vuve]	[gade'juve]	[gade'juve]	[gade'juve]
/paSa'riju/	---	---	['iju]	---	[Sa'riu]	---	---	---
/iaRta'ruga/	[tata'ruge]	[taka'luge]	[tata'ude]	[tata'upe]	[ta'uge]	[tata'lude]	[tata'ruge]	[tata'luge]

ACENTUAÇÃO LEXICAL E ACENTUAÇÃO FRASAL EM PORTUGUÊS

UM ESTUDO ACÚSTICO-PERCEPTIVO *

JOÃO ANTÔNIO DE MORAES

UFRJ/CNPq

Resumo

Este trabalho discute a concepção tradicional do acento intensivo do português, distinguindo a acentuação lexical e frasal. Examina a questão, analisando um *corpus* de 36 frases, realizadas por 288 informantes e considerando variáveis de três categorias: extralingüísticas, paralingüísticas ou propriamente lingüísticas.

1- Problemas no estudo dos índices do acento: as interferências entre os diversos níveis

A tradicional concepção do acento em português como um acento dinâmico, intensivo, repousa num julgamento impressionista, pois somente a partir de meados da década passada começam a surgir trabalhos específicos, com base instrumental, sobre a sua realização fonética.

Assim, Norma Fernandes (1976) investiga os correlatos acústicos do acento lexical do português do Brasil (variante de São Paulo) estudando a sua realização em vocábulos inseridos em frases assertivas. A autora conclui que suas marcas são, em ordem decrescente de importância, a duração, a frequência e por fim a intensidade.

Da mesma época data um estudo de longo fôlego da autoria da foneticista portuguesa Maria R. Martins (1977) versando sobre a acentuação no português europeu. O acento é aí estudado a partir de uma abordagem múltipla: acústica, articulatória e perceptiva. Segundo as conclusões a que chega a autora, os índices

prosódicos do acento são apenas a duração e a energia (que são aliás parâmetros que se relacionam estreitamente, posto que a energia corresponde à integração das variações da intensidade na dimensão temporal). Para Martins, tanto as variações da intensidade, consideradas isoladamente, quanto as modulações da frequência não se correlacionam com o acento lexical, mas com o nível da frase. Da mesma forma R. Major (1985), estudando a acentuação no português brasileiro, confere à duração o *status* de correlato primário do acento lexical, uma vez que as modulações da frequência e da intensidade nem sempre indicam, segundo esse autor, a localização da sílaba tônica.

As divergências observadas nos resultados desses estudos devem-se em parte aos princípios teóricos e metodológicos que os nortearam. Há que se considerar, de um lado, a distinção fundamental entre a acentuação lexical e a acentuação frasal, de que tratarei adiante, distinção nem sempre respeitada. Por outro lado há importantes superposições, no plano da substância, entre os índices do acento e outros fenômenos prosódicos, superposições essas que vêm tornar aparentemente fluidas, e mesmo aleatórias, as marcas acentuais, dificultando sobre-maneira a sua apreensão (1).

Assim, o problema crucial num estudo dessa natureza é o de inicialmente detectar, e em seguida controlar, um número importante de variáveis que in-

terferem no comportamento dos parâmetros prosódicos que manifestam o acento, ou que são candidatas a manifestá-lo.

Classifiquei essas variáveis em três categorias: extralingüísticas, paralingüísticas, ou propriamente lingüísticas, conforme podemos ver no quadro abaixo:

1. fatores extralingüísticos

1.1. microfatores (nível da sílaba)

- intrínsecos
- co-intrínsecos

1.2. macrofatores (nível do enunciado)

- linha de declinação da freqüência
- "decrecendo" de intensidade
- alongamento final

2. fatores paralingüísticos

2.1. débito ("tempo")

2.2. nível de intensidade global

2.3. registro vocal

3. fatores lingüísticos

3.1. posição da palavra na frase (interferência com a entoação sintática)

3.2. modalidade da frase (interferência com a entoação modal)

3.3. posição da sílaba tônica na palavra (esquema acentual do vocábulo)

Os fatores intrínsecos são como que um substrato prosódico próprio a cada vogal. A tendência observada em diversas línguas, aparentadas ou não, é a de que quanto maior o grau de abertura de uma vogal, mais intensa, mais longa e menos aguda ela será, mantidas naturalmente constantes as outras variáveis que incidem sobre essas dimensões.

Os fatores co-intrínsecos correspondem às modificações prosódicas imputáveis ao contexto fonético imediato. Assim, uma consoante sonora, por exemplo, tende a alongar, intensificar e a baixar o nível melódico médio da vogal que se lhe segue (cf. A. Di Cristo e M. Rossi, 1981).

A linha de declinação da freqüên-

cia corresponde a uma ligeira queda da altura melódica observável ao longo do enunciado, sobretudo nas sílabas átonas; o "decrecendo" de intensidade é um fenômeno similar que se dá com o nível sonoro, mormente na porção terminal do enunciado. São motivados ambos pela diminuição da pressão subglótica ao longo da emissão (2). Enfim o alongamento final corresponde à maior duração vocálica que se nota em posição final de enunciado (cf. B. Lindblom, 1978).

Já as variáveis paralingüísticas - "débito" (ou "tempo", isto é, a velocidade da emissão), a intensidade global e o registro vocal utilizado pelo falante - são fatores que não são condicionados automaticamente pela fisiologia da fonação, como os extralingüísticos, mas que variam consoante os estilos mais ou menos marcados pela expressividade, utilizados nas diferentes situações de comunicação, e que interferem igualmente com a manifestação dos índices acentuais.

2 - O estabelecimento do *corpus*

Com o intuito de descrever a realização do acento em português sem descurar dos problemas referentes às interferências com esses fatores, estabeleci um modelo - objeto de um estudo instrumental - onde pudesse ser neutralizado e/ou controlado o maior número possível dessas variáveis. Foi gravado um *corpus* de 36 frases, ditas por 8 informantes, um total de 288 enunciados. Os informantes eram cariocas, de nível superior, de ambos os sexos, de idade entre 22 e 33 anos.

O *corpus* foi elaborado a partir de variações sistemáticas dos fatores lingüísticos acima referidos. Assim, foram levados em conta as três posições possíveis do acento na frase; seis diferentes posições da palavra na frase, que são:

palavra isolada, início de frase, fim de frase, fim de tópico, interior de tópico e interior de comentário (as frases apresentavam ordem neutra, tópico-comentário); e duas modalidades enunciativas, *asserção* e *interrogação* (questão total), como podemos ver no **quadro 1**.

Às diferentes combinações dessas categorias (3 x 6 x 2) correspondem às 36 frases do *corpus*.

Com a finalidade de neutralizar as variáveis extralingüísticas, intrínsecas e co-intrínsecas, me servi, nessa primeira fase da pesquisa, de "logátomos", que são palavras sem sentido formadas por uma seqüência de sílabas idênticas, enxertadas em frases naturais. Assim, em vez de se pronunciar um oxítono como "sabiá" em "Ele viu o sabiá", o oxítono é substituído por uma seqüência de três sílabas idênticas acentuadas na última (por exemplo "pipipi"), ou na penúltima, ou na antepenúltima, segundo o padrão acental estudado.

Tal recurso consiste numa técnica bastante difundida em fonética suprasegmental, já desde os trabalhos de A. Rigault (1962) até os mais recentes de M. Liberman e L. Streeter (1978), R. Major (1981, 1985), e isso mesmo em línguas onde se conhecem os fatores de correção microprosódica, devido à sua relativa simplicidade e ao elevado grau de se-

gurança dos dados obtidos; ele se impõe em português, onde não dispomos ainda dos coeficientes de correção dessas variáveis extralingüísticas.

As variáveis paralingüísticas foram controladas através da utilização de frases ditas de maneira neutra, isto é, sem a co-presença de quaisquer emoções ou atitudes.

Os enunciados foram gravados em local insonorizado, sendo posteriormente submetidos ao mingógrafo, que é um aparelho registrador que, acoplado a um intensímetro e a um detector de melodia, fornece-nos traçados referentes à evolução da intensidade e da freqüência fundamental na frase, assim como o oscilograma do sinal sonoro, permitindo conseqüentemente a análise das variações temporais (3).

A partir desses traçados, foram efetuadas as medidas que forneceram os dados que passarei a apresentar e a discutir.

As medidas da freqüência e da intensidade foram feitas tomando-se como referência o ponto de percepção, tal como estabelecido por M. Rossi (1981) (4). Isto é, no caso de haver uma modulação melódica ou de intensidade no interior de uma sílaba, há que se determinar o modo como essa modulação é percebida, o que dependerá basicamente de sua duração e da sua amplitude.

Posição da sílaba tônica	Posição da palavra na frase	Modalidade
oxítono	palavra isolada início da frase	asserção
paroxítono	fim de frase fim de tópico	
proparoxítono	interior de tópico interior de comentário	interrogação

Quadro 1

3 - Sobre a percepção do acento: acentuação lexical, acentuação frasal

Antes de passar à discussão dos dados resultantes da análise dos enunciados do *corpus*, gostaria de me deter brevemente sobre a distinção que deve ser feita entre uma acentuação adstrita ao âmbito vocabular e a acentuação que se manifesta num nível sintagmático superior ao da palavra, isto é, no nível frástico (cf. R. Ladd, 1980; P. Culicover e M. Rochemont, 1983). Há, assim, por um lado, um acento que é inerente a cada vocábulo de mais de uma sílaba, e cuja localização pode eventualmente permitir oporem-se palavras que são idênticas quanto a sua composição segmental: é o chamado acento lexical. Em línguas em que a sua localização não é fixa, como o português, vem ele a assumir uma função semântica, responsável pela distinção de conteúdos referenciais como em *sábia/sabia/sabiá*. Por outro lado, ao considerarmos um enunciado globalmente, percebe-se que apenas algumas poucas sílabas são sentidas como efetivamente proeminentes (ou mais proeminentes), pois uma sílaba acentuada no nível vocabular pode ou não sê-lo no nível do enunciado. Esse tipo de acento - o acento frasal - exerce a função sintática de dar uma maior coesão aos elementos por ele dominados, definindo e delimitando assim uma determinada extensão de cadeia sonora comumente designada por expressões como "grupo rítmico", "grupo prosódico", etc.

Ao se analisar as marcas acentuais, cumpre levar em conta a distinção entre os dois tipos de acento, para se determinar se a essas realidades funcionalmente distintas correspondem distintas manifestações fonéticas, se há uma

correlação entre as funções semântica e sintática do acento e suas projeções acústico-perceptivas.

Enquanto a localização do acento lexical é sempre conhecida *a priori*, vindo assinalada no dicionário, o mesmo não se dá no que diz respeito ao acento frasal (e conseqüentemente com a extensão do grupo prosódico definido por um acento frasal), podendo um mesmo enunciado ser emitido segundo diferentes padrões acentuais frasais.

Testes de percepção acentual realizados num estudo anterior sobre a entoação modal com cerca de 800 enunciações (J. Moraes, 1984) trouxeram alguns subsídios sobre as relações perceptivas que se estabelecem entre esses tipos de acento. As enunciações foram gravadas e submetidas a um grupo de cinco ouvintes, que deveriam se pronunciar quanto à natureza acentuada ou inacentuada de suas sílabas. (Utilizo os termos "sílabas tônicas/átonas" referindo-me ao acento no nível vocabular, e "sílabas acentuadas/inacentuadas" para o nível do enunciado.) Segundo o resultado desses testes, a) uma sílaba átona jamais é sentida como acentuada, b) a sílaba tônica final do enunciado (ou um monossílabo em posição final de enunciado) é sempre percebida como acentuada, e c) as demais sílabas tônicas (ou vocábulos monossilábicos) são sentidas como acentuadas ou não, segundo a posição que ocupam no enunciado. Esses resultados preliminares já mostram que as marcas do acento frasal são, ao menos em certas posições do enunciado, necessariamente distintas das do acento lexical, porquanto algumas tônicas são percebidas como acentuadas (nas posições que chamo "fortes"), e outras não o são (nas posições "fracas"). Cabe aqui a res-

salva de que o acento lexical, em português, realiza-se mesmo nas posições fracas, ao contrário do que parece ocorrer em inglês, onde ele é um acento potencial, e pode ou não se realizar na frase (D. Bolinger, 1958).

A hipótese a ser investigada é a de que as sílabas tônicas que limitam um grupo prosódico (GP) são sentidas como acentuadas; as que ocupam posição interna ao GP são, ao contrário, percebidas como inacentuadas (5).

Assim, num enunciado como "Ele saiu de casa/porque teve um compromisso", em resposta a "Por que Pedro saiu de casa?", teríamos na sua parte temática um acento frasal sobre casa, enquanto que em "Ele saiu de casa ontem/ porque teve um compromisso", em resposta a "Por que Pedro saiu de casa ontem?", esse acento deslocar-se-ia para ontem, vocábulo que encerra aqui uma unidade de informação - nesse caso específico o tópico (ou tema) do enunciado.

Com o intuito de compreender melhor o comportamento perceptivo do acento frasal nos casos em que a sílaba tônica está em posição interna ao GP, uma segunda série de testes perceptivos foi realizada, submetendo-se o *corpus* específico do acento dessa vez, dito por dois dos cinco informantes, ao julgamento de cinco ouvintes que deveriam se manifestar sobre o caráter acentuado ou inacentuado das sílabas que compunham esses enunciados.

Os resultados desses testes vêm confirmar a hipótese avançada de que em vocábulo em posição interna ao GP a tendência é não percebermos a acentuação frasal. Assim, um oxítono teve sua sílaba tônica apontada como acentuada em final de enunciado (em frases assertivas e interrogativas) pela totalidade dos votos

possíveis (20/20). Em posição fraca (interna a tópico) a sílaba tônica do mesmo oxítono recebeu apenas 1 voto em 20 como acentuada. Há entretanto uma observação importante - e de certa forma surpreendente - a ser feita no que diz respeito à influência do esquema acentual do vocábulo na percepção da acentuação frasal. Enquanto a sílaba tônica de vocábulo oxítono recebeu, nas posições internas ao GP (interna a tópico e interna a comentário), apenas 5 votos em 20, as de vocábulo paroxítono e proparoxítono receberam, na mesma ocasião, 18/40 e 33/40 votos respectivamente. Há assim uma nítida progressão na percepção do acento de frase na medida em que a localização do acento lexical se afasta do término do vocábulo. Isso significa que um proparoxítono em posição fraca tem, *ceteris paribus*, maior probabilidade de ser percebido como acentuado no nível frasal que um paroxítono, e este por sua vez maior probabilidade que um oxítono.

Tal fato sugere que a acentuação frasal não está condicionada apenas por fatores de ordem sintática, pois a função e a posição que ocupam na frase os vocábulos de diferentes pautas acentuais são idênticas nos casos em que se observa essa discrepância quanto à percepção da localização do acento.

A explicação para esse fenômeno deve ser buscada, de um lado, nas características intrínsecas às marcas do acento lexical nos distintos esquemas acentuais. Os testes de percepção nos indicam que, em vocábulo oxítono em posição fraca, o acento lexical (embora sempre perceptível) é sentido como fraco no âmbito frasal; em paroxítono ele é sentido como menos fraco, e é enfim percebido como forte - a ponto de sobres-

sair como um dos mais fortes do enunciado - em proparoxítono. Ocorre que há efetivamente uma contrapartida acústica na manifestação do acento lexical a justificar essas distinções, posto que a sílaba tônica de vocábulo oxítono em posição fraca é minimamente marcada (ou mais precisamente não marcada, como veremos adiante). Já entre paroxítono e proparoxítono, cujas sílabas tônicas são ambas assinaladas por modulações de intensidade e de duração, temos, no que diz respeito ao comportamento deste último parâmetro, um aumento médio da vogal tônica em relação à média das átonas de 50.1% nos paroxítonos, contra 65.9% nos proparoxítonos. Há ainda, sobre a tônica do proparoxítono, uma ruptura melódica em relação à sílaba precedente, fenômeno praticamente inexistente no padrão paroxítono. Assim, nas posições fracas, quanto mais afastada do fim do vocábulo se localizar a sílaba tônica, tanto mais fortes serão suas marcas.

Há, por outro lado, um segundo argumento de ordem rítmica, pois parece-nos razoável supor que o maior distanciamento havido entre a tônica do vocábulo em posição interna ao GP e a sílaba prosodicamente dominante que se lhe segue (como ocorre no proparoxítono, *ceteris paribus*, em relação aos demais esquemas acentuais, e no paroxítono em relação ao oxítono) favoreça a percepção de um acento frasal sobre a sílaba tônica em questão, a despeito de uma contrapartida fonética objetiva nem sempre significativa. Seria como se a maior proximidade de um acento frasal dominante dificultasse a percepção da sílaba em causa como acentuada.

4 - Análise acústica dos correlatos prosódicos do acento

Na apresentação das marcas acentuais, dividi os doze contextos em que elas foram estudadas em dois grupos, segundo a palavra portadora do acento ocupe uma oposição forte, final de grupo prosódico, onde à percepção do acento lexical soma-se, como vimos, a de um acento frasal, ou ocupe uma posição fraca, interna a grupo prosódico. Dentre as posições fortes, considere separadamente os índices do acento segundo o GP esteja ou não em posição final de enunciado.

Posições fortes: finais de enunciado

1. *Final de asserção: (Por que Pedro está assim?) Ele viu o ____.* Em posição final de asserção (cf. quadro 1) o acento lexical manifesta-se pela conjunção dos três parâmetros - frequência, intensidade e duração - que se organizam da seguinte maneira:

frequência - queda na tônica em relação à sílaba precedente. Quando postônicas, a frequência continua caindo, provavelmente como consequência da queda de intensidade que aí se observa (6).

intensidade - a intensidade indica a sílaba tônica através de uma queda substancial na postônica, nível esse que se mantém baixo se há mais de uma postônica. No oxítono, por não haver sílaba postônica, não há naturalmente essa queda. A marca do acento será então justamente essa não-queda em qualquer das sílabas da palavra. A ausência de uma modulação objetiva da intensidade nos oxítonos - por exemplo um aumento na tônica e/ou uma diminuição nas átonas -

pode explicar o fato de estudos instrumentais anteriores (N. Fernandes, 1976, M. Martins, 1977) não terem considerado a intensidade como marca acentual; na realidade a própria natureza da modulação (negativa e sobre a postônica) dificulta a compreensão do fenômeno.

duração - há um aumento significativo da duração da tônica em relação às átonas.

(Por que Pedro está assim?)

Ele viu o ____.

(Ver quadro 2)

2. Final de interrogação: (Pedro esteve aqui.) Ele viu o ____ ? Quando

a modalidade da frase é interrogativa (cf. quadro 2), têm-se as seguintes modificações nas marcas acentuais em relação às da frase assertiva na mesma posição:

freqüência - a ruptura melódica em

a. vocábulo oxítono										
parâmetro	Freqüência (QT)			Intensidade (dB)			Duração (cs)			
	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3	
média	0	-0.25	-8.50	0	-1.75	-3.12	6.06	6.06	13.25	
desvio padrão	-	1.75	2.07	-	2.43	6.38	1.35	1.45	2.62	
P<0,05	S			S			S			

b. vocábulo paroxítono										
parâmetro	Freqüência (QT)			Intensidade (dB)			Duração (cs)			
	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3	
média	0	-6.9	-10	0	3.14	-14.5	5.64	10.64	7.37	
desvio padrão	-	3.48	4.90	-	10.30	10.17	1.31	2.08	2.87	
P<0,05	S			S			S			

c. vocábulo proparoxítono										
parâmetro	Freqüência (QT)				Intensidade (dB)			Duração (cs)		
	so	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3
média	6.14	0	-6	-5	0	-11.71	-19.62	8.87	4	6.2
desvio padrão	2.54	-	4.42	2.58	-	11.87	11.20	1.75	1.70	2.25
P<0,05	S		S		S			S		

Quadro 2 - Comportamento da freqüência, intensidade e duração das vogais de vocábulo oxítono (a), paroxítono (b) e proparoxítono (c) em posição final de asserção. Os valores da freqüência são em quartos de tom (QT), os da intensidade em decibéis (dB) e os da duração em centissegundos (cs) (7). s1, s2 e s3 são respectivamente a primeira, segunda e última sílaba do vocábulo, sendo s0, nos proparoxítonos, a sílaba que precede imediatamente a primeira sílaba do vocábulo. Os S que aparecem sotopostos aos desvios padrões indicam que a diferença observada entre os valores médios obtidos é significativa para $p < 0.05$.

relação à sílaba precedente é aqui positiva, isto é, há uma subida melódica sobre a tônica (o que constitui o traço pertinente do ponto de vista da entoação modal), e bilateral, isto é, contrasta igualmente com as postônicas.

intensidade - a intensidade se manifesta não apenas de maneira negativa (nas postônicas) mas igualmente de maneira positiva nas tônicas.

duração - temos, como na asserção, um aumento da duração da tônica em relação às átonas. O contraste tônica/átonas é entretanto mais marcante aqui que na frase assertiva. Uma tônica interrogativa apresenta em média um aumento na sua duração de 107.4% em relação à duração média das sílabas átonas, ao invés dos 85.3% que temos na asserção.

3. *Vocábulo isolado, frase assertiva* (enunciado monovocabular):

(*Quem chegou?*)

Quando o acento lexical recai sobre uma das sílabas de vocábulo que constitui por si só um enunciado assertivo, temos, como na posição final de asserção, uma queda da frequência sobre a tônica, queda ligeiramente menos acentuada aqui para oxítono e paroxítono que em posição final. Nas postônicas a queda da frequência correlaciona-se com a diminuição da intensidade.

O comportamento da intensidade e da duração é similar ao que temos na posição final de asserção.

4. *Vocábulo isolado, frase interrogativa* (enunciado monovocabular):

(*Estive com teu primo.*) _____

_____?

Da mesma forma, não há distinções relevantes entre os índices acentuais neste contexto e em posição final de interrogação.

COMENTÁRIOS

Nesses quatro contextos, o acento lexical manifesta-se pela conjunção dos três parâmetros prosódicos: frequência, intensidade e duração.

Temos, de um lado, uma ruptura melódica sobre a tônica, ausente apenas nos proparoxítonos no contexto "vocábulo isolado" em frase assertiva, onde a frequência deixa de funcionar como índice acentual, uma vez que a ruptura, que se estabelece em relação à sílaba pretônica, deixa naturalmente de existir nesse caso.

A intensidade marca a localização do acento através de uma queda importante nas sílabas postônicas, sendo que na frase interrogativa há comparativamente uma maior participação da intensidade na tônica final. Esse fato deve ser atribuído à dependência relativa que existe entre intensidade e frequência, como o sugerem alguns estudos (G.Faure, 1962, D. Hirst, 1981). O nível melódico elevado de uma sílaba na interrogação acarreta um aumento da intensidade com que é emitida.

Quanto à duração, temos um aumento significativo na sílaba tônica em relação às átonas. O aumento da participação da duração como marca acentual na frase interrogativa, por oposição à assertiva, observável em posição final de enunciado, poderia igualmente receber uma explicação fisiológica (8); tal fenômeno não se mantém entretanto em contexto "vocábulo isolado" (salvo em oxítono), fazendo-nos pensar antes numa variação aleatória, não significativa.

(*Pedro esteve aqui.*) _____

Ele viu o _____ ?

(ver quadro 3)

a. vocábulo oxítono										
parâmetro	Frequência (QT)			Intensidade (dB)			Duração (cs)			
	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3	
sílaba										
média	0	-2.86	9	0	-2.43	3.29	5.5	4.57	14.29	
desvio padrão	-	1.35	2.31	-	5.32	2.75	1.26	1.81	2.53	
	S		S	S			S			
P<0,05	S			S			S			

b. vocábulo paroxítono										
parâmetro	Frequência (QT)			Intensidade (dB)			Duração (cs)			
	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3	
sílaba										
média	0	12.43	-1	0	6	-7.12	5	11.81	9.93	
desvio padrão	-	1.81	3.46	-	4.87	9.46	1	1.98	2.70	
	S		S	S		S	S			
P<0,05	S			S			S			

c. vocábulo proparoxítono										
parâmetro	Frequência (QT)				Intensidade (dB)			Duração (cs)		
	so	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3
sílaba										
média	-8.62	0	-13.57	-15.83	0	-9.5	-16.62	11.12	4	8.33
desvio padrão	2	-	2.94	3.31	-	4.9	11.34	1.33	1.49	2.62
	S		S		S			S		
P<0,05	S				S			S		

Quadro 3- Comportamento da frequência, intensidade e duração das vogais de vocábulo oxítono (a), paroxítono (b) e proparoxítono (c) em posição final de interrogação total (ver legenda do Quadro 1).

Posições fortes: não finais de enunciado

5. *Fim de tópico em asserção:*
(Como ele viu o _____?) Ele viu o _____ picado.

Em posição final de GP interno em frase assertiva (cf. quadro 3), as marcas acentuais se apresentam da seguinte maneira:

frequência - há um aumento do nível melódico sobre a tônica, nível esse que se mantém sobre as sílabas postônicas.

intensidade - como em posição final de asserção, a intensidade cai substancialmente nas postônicas, não havendo portanto marca objetiva nos oxítonos.

duração - o aumento da duração na tônica continua presente, embora nos oxítonas ele seja bem menos exuberante que em posição final de enunciado, onde se dá o chamado "alongamento final", isto é, o efeito alongante próprio à posição (B. Lindblom, 1978). (cf. quadro 5.)

6. *Fim de tópico em interrogação:*

(Ele viu o ____.) Ele viu o ____picado?

Quando a modalidade da frase é interrogativa, temos as seguintes marcas acentuais:

freqüência - a interpretação do comportamento da freqüência é aqui mais delicada. Há uma ruptura melódica (queda) sobre a tônica mais sutil do que a que se tem na frase assertiva, à qual se acrescenta o efeito de queda da freqüência sobre as postônicas devido a redução da intensidade sobre essas sílabas (9).

A intensidade e a duração se comportam de maneira similar à que se observa na frase assertiva correspondente.

7. Inicial em asserção: (o que há de novo?) ____ pediu demissão.

Em posição inicial de frase assertiva não há diferenças marcantes em relação ao que temos em fim de tópico assertivo, salvo no que diz respeito ao comportamento da freqüência nos proparoxítonos onde, à semelhança do que ocorre no contexto vocábulo em posição isolada, não havendo sílaba pretônica, não há marca melódica objetiva em proparoxítono.

8. Inicial em interrogação: ____ pediu demissão?

Na frase interrogativa correspondente, a ruptura melódica sobre a tônica (aumento da freqüência) se estabelece em relação a ambas as sílabas contíguas, a pretônica e a postônica. Não há alterações relevantes no comportamento da intensidade e da duração.

(Como ele viu o ____?)

Ele viu o ____picado.

(ver quadro 4)

COMENTÁRIOS

O comportamento dos três parâmetros prosódicos nesses contextos é na verdade bastante uniforme. Como nas posições fortes finais de enunciado, a fre-

qüência marca a sílaba tônica distintamente segundo a modalidade da frase seja assertiva ou interrogativa, sendo que em posição final de tópico, o comportamento da freqüência é o oposto do que temos em final de enunciado: queda melódica na interrogação, subida na asserção. Levando-se em conta o fato de a marca dominante da entoação modal encontrar-se na última tônica do enunciado (cf. J.Moraes, 1984), temos aqui marcas modais subsidiárias, a antecipar a modalidade da frase. (cf. I. Fónagy e M.H. Galvagny, 1974; I.Fónagy, 1981).

As variações da intensidade não apresentam mudanças notáveis em relação ao que vimos nas posições finais.

Quanto ao parâmetro duração, apenas nos oxítonos temos uma diminuição importante em relação aos índices presentes nas posições finais, onde o alongamento final se faz presente.

Posições fracas, internas a GP

9. Interna a tópico em asserção: (Quando Pedro viu o ____picado?)

Ele viu o ____picado quando saía de casa.

freqüência - nos oxítonos não há qualquer alteração da linha melódica sobre o vocábulo; nos outros casos observa-se uma queda da freqüência nas postônicas, que deve ser interpretada não como uma marca negativa do acento, como pode parecer à primeira vista (pois tal hipótese - queda da freqüência na postônica como índice acentual - entra em conflito com o funcionamento "normal" do parâmetro freqüência, onde a ruptura se dá sobre a sílaba tônica), mas sim como uma consequência da queda da intensidade que se observa nessas sílabas postônicas.

intensidade - há uma queda significativa da intensidade nas postônicas,

a. vocábulo oxítono									
parâmetro	Frequência (QT)			Intensidade (dB)			Duração (cs)		
	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3
sílabas									
média	0	-0.14	5.43	0	0.83	0.83	5.42	7	8.83
desvio padrão	-	2.34	3.60	-	3.87	3.18	0.58	2.45	2.21
P<0,05	S			S			S		

b. vocábulo paroxítono									
parâmetro	Frequência (QT)			Intensidade (dB)			Duração (cs)		
	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3
sílabas									
média	0	5.43	6.33	0	-0.43	-12	5.86	8.71	3.8
desvio padrão	-	2.57	5.13	-	2.44	9.40	1.07	1.73	1.52
P<0,05	S			S			S		S

c. vocábulo proparoxítono										
parâmetro	Frequência (QT)				Intensidade (dB)			Duração (cs)		
	so	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3
sílabas										
média	-4.29	0	-0.14	0	0	-6.87	-7.87	10.12	5.62	6.31
desvio padrão	2.14	-	1.77	2.77	-	3.18	6.17	2.36	1.75	1.67
P<0,05	S				S			S		S

Quadro 4 - Comportamento da frequência, intensidade e duração das vogais de vocábulo oxítono (a), paroxítono (b) e proparoxítono (c) em posição final de tópico em asserção (ver legenda do Quadro 2).

não havendo portanto marca objetiva nos oxítonos. Nos proparoxítonos a intensidade continua decrescendo substancialmente da primeira à segunda postônica. duração - nos vocábulos paroxítonos e proparoxítonos temos o prolongamento habitual da vogal tônica; nos oxítonos a duração não funciona como um índice objetivo da acentuação, não sendo significativo o aumento da tônica em relação à média das átonas, da ordem de 10.29% que se observa neste contexto.

10. *Interna a tópico em interrogação: (Pedro viu o _____ picado.)*

Ele viu o _____ picado quando saía de casa?

Não há alterações significativas no comportamento dos parâmetros prosódicos no que tange à manifestação do acento quando a modalidade da frase passa a ser interrogativa.

11. *Interna a comentário em asserção: (Quando Pedro saiu de casa?)*

Ele saiu de casa quando o _____ pediu.

frequência - o comportamento da frequência em oxítono e proparoxítono é semelhante ao que se observa no con-

texto posição interna a tópico assertivo; em vocábulo paroxítono há um ligeiro aumento da frequência sobre a tônica, seguido de pequena queda na postônica.

Quanto à intensidade e à duração, não há modificações dignas de nota em relação ao que temos na posição interna a tópico.

12. *Interna a comentário em interrogação: (Ontem ele saiu de casa).*

Ele saiu de casa quando o _____ pediu?

freqüência - o seu comportamento é similar ao que temos em posição interna a tópico, sendo que em vocábulo proparoxítono tem-se aqui, além da queda da frequência nas postônicas, atribuível à diminuição da intensidade que aí se observa, um ligeiro aumento da frequência sobre a sílaba tônica.

Não há alterações relevantes no que diz respeito à intensidade. Quanto à duração, embora o prolongamento da tônica em relação à média das átonas seja aqui superior (28.06%) ao que temos em posição interna a tópico, a diferença observada não atinge todavia um nível estatisticamente significativo.

COMENTÁRIOS

Nessas posições fracas, internas em relação ao grupo prosódico, as marcas acentuais sofrem algumas alterações importantes. A frequência, diferentemente do que ocorre nas outras posições, não mais participa da exteriorização do acento lexical, fato aliás já apontado por N. Fernandes (1976), exceto nas proparoxítonas, onde a ruptura melódica, embora atenuada, continua presente. As variações que se observam sobre as postônicas são, segundo a interpretação que dei a esse fenômeno, decorrentes da queda da intensidade que se nota sobre essas sílabas.

A intensidade se comporta da maneira já descrita nas posições fortes.

Temos enfim uma atuação menos marcada da duração enquanto índice acentual, graças à sua não participação nos oxítonos.

(Quando Pedro viu o _____ picado?)

Ele viu o _____ picado

quando saía de casa.

(ver quadro 5)

5 - Para uma tipologia das marcas acentuais

A partir dos resultados apresentados, pode classificar as marcas acentuais segundo três dimensões, não mutuamente exclusivas. São elas: marcas positivas / negativas; unilaterais / bilaterais; diretas / indiretas.

O fato da marca ser positiva ou negativa diz respeito a haver um aumento ou, ao contrário, uma diminuição de determinado parâmetro acentual a assinalar a localização da sílaba tônica.

Temos exemplos de marca positiva e de marca negativa no uso da frequência em posição final de interrogação (aumento) e de asserção (queda), respectivamente.

A classificação de uma marca como bilateral ou unilateral faz referência ao fato de a sílaba tônica contrastar com ambas as átonas que lhe são contíguas, ou com apenas uma delas. Uma ilustração seria o comportamento da frequência em posição final de interrogação (bilateral), e em fim de tópico assertivo (unilateral).

Por fim uma marca será direta quando incidir sobre a sílaba tônica e indireta quando é uma átona que é primariamente assinalada, isto é, quando é sobre uma sílaba átona que se dão as modificações prosódicas que vão indicar a localização do acento. Os exemplos an-

a. vocábulo oxítono										
parâmetro	Frequência (QT)			Intensidade (dB)			Duração (cs)			
	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3	
sílaba										
média	0	-0.43	-0.71	0	0.86	1.86	4.79	5.71	5.79	
desvio padrão	-	1.27	1.70	-	2.11	3.53	0.64	1.25	1.04	
P<0,05 (diferenças não significativas)										
b. vocábulo paroxítono										
parâmetro	Frequência (QT)			Intensidade (dB)			Duração (cs)			
	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3	
sílaba										
média	0	-1.62	-5.75	0	0.87	-13.71	6.06	8.19	4.33	
desvio padrão	-	2.92	4.19	-	3.31	8.67	1.24	0.96	2.29	
P<0,05 (S indica diferenças significativas)										
c. vocábulo proparoxítono										
parâmetro	Frequência (QT)				Intensidade (dB)			Duração (cs)		
	so	s1	s2	s3	s1	s2	s3	s1	s2	s3
sílaba										
média	3.71	0	-4.12	-4.67	0	-7.5	-12.29	8.87	5.37	6.08
desvio padrão	2.63	-	1.36	1.51	-	3.55	11.70	1.69	2.37	1.43
P<0,05 (S indica diferenças significativas)										

Quadro 5 - Comportamento da frequência, intensidade e duração das vogais de vocábulo oxítono (a), paroxítono (b) e proparoxítono (c) em posição interna ao tópico em asserção (ver legenda do quadro 2).

teriormente citados são todos de marcas diretas. Teríamos uma marca indireta no uso da intensidade em paroxítonos (em qualquer posição), onde se observa uma queda na postônica, configurando-se portanto aí uma marca acentual negativa e indireta.

Examinando separadamente o comportamento dos parâmetros prosódicos nos diferentes contextos estudados, as seguintes observações se impõem:

Frequência - As variações da frequência fundamental atuam como marca acentual apenas nas posições fortes,

configurando assim, além de um dos índices do acento lexical (pois assinala a localização da sílaba tônica no âmbito da palavra), o correlato por excelência do acento frasal, indicando, num nível superior ao do vocábulo, a presença de uma fronteira sintática. Essas rupturas melódicas a indicarem o lugar da sílaba tônica são sempre diretas, podendo ser positivas ou negativas, sendo que as primeiras serão ainda bilaterais ou unilaterais, segundo a posição tônica que ocupe no enunciado e a modalidade da frase.

Considerar, escudado no fato de

as variações de frequência constituem o índice característico do acento frasal, que elas não devam ser incluídas no rol das marcas do acento lexical, parece-me uma simplificação do problema, posto que em posição forte, a modulação melódica não apenas efetivamente indica a posição do acento lexical no vocábulo (o que aliás seria teoricamente dispensável, pois uma marca de fronteira sintática não precisa necessariamente fazer referência à sílaba tônica do vocábulo), como quiçá constitui a mais forte das suas marcas nessa posição. Nesses casos a modulação melódica é marca simultânea de ambos os fenômenos, constituindo o índice acústico do acento frasal e um índice a mais do acento lexical.

Intensidade - a queda da intensidade na(s) postônica(s) constitui um índice obrigatório, constante do acento. Temos aqui uma marca acentual negativa e indireta. Nos oxítonos, onde não há postônica no vocábulo, o que caracteriza a tônica do ponto de vista da intensidade é a frustração dessa queda, é a ausência de redução de volume sonoro, esperada sobre a postônica.

Duração - o comportamento da duração como índice acentual é mais complexo, variando segundo a posição que ocupa a palavra na frase e o esquema acentual a que pertence o vocábulo.

Assim, nos paroxítonos e nos pro-

paroxítonos a tônica é em média 66% mais longa que as átonas, não sendo significativa a diferença observável nas três posições da palavra na frase (cf. quadro 5). Nos oxítonos entretanto o comportamento da duração modifica-se, passando a variar, como disse, segundo a posição da palavra na frase. Em posição interna a GP, não há praticamente aumento da duração da vogal tônica (o aumento de médio de 12% que aí aparece não é significativo). Em posição final de GP interno (posição forte não final de enunciado), a tônica passa a apresentar um aumento razoável (31% em média), embora ainda nitidamente inferior ao que se observa nos paroxítonos e proparoxítonos. Em posição final de enunciado, tem-se uma inversão desse quadro, com um alongamento substancial da tônica, conforme podemos observar no **quadro 6**.

Como explicar esse comportamento peculiar da duração nos oxítonos? A argumentação que me parece mais plausível é a de que não há necessidade de um aumento da duração para que se perceba o acento sobre a última sílaba de uma seqüência de sílabas de durações idênticas, similarmente ao que ocorre com a intensidade nos oxítonos. Tal fenômeno explica o comportamento do parâmetro duração em posição interna a GP. Em posição final de GP interno, o aumento relativamente pequeno de 31%

Esquema Acentual \ Posição do Vocabulo	Final de Enunciado	Final de Tópico	Interna a GP
oxítono	152%	31%	12%
paroxítono	61%	66%	65%
proparoxítono	67%	70%	67%

Quadro 6 - Aumento médio da duração da vogal da sílaba tônica em relação à duração das vogais átonas do vocábulo, segundo o seu esquema acentual e a posição que a palavra ocupa no enunciado.

da duração da tônica é uma consequência da modulação melódica que aí se observa, enquanto que o aumento substancial que temos em posição final de enunciado deve ser atribuído parcialmente à modulação melódica própria da posição, mais importante que a que temos em posição não final de enunciado, e sobretudo ao alongamento final típico dessa posição.

Quanto à participação da duração na manifestação do acento frasal, estou persuadido que não pode ser ela considerada uma de suas marcas, por não haver aí incremento deste parâmetro: em paroxítonos e proparoxítonos o seu comportamento é similar em posições fortes e em posições fracas. Tratando-se de oxítonos, o parâmetro temporal é apenas indiretamente uma marca do acento frasal, fruto que é, como foi dito acima, da necessidade de um suporte de maior extensão para se realizarem as variações da frequência, e da posição alongante, no caso de vocábulo em posição final de enunciado.

6 - À guisa de conclusão

A partir dessa análise dos dados referentes à acentuação nos contextos aqui focalizados, foram esboçadas algumas conclusões, que passo a enumerar:

- 6.1. Confirma-se a hipótese de que as marcas do acento em português são sensíveis aos fatores lingüísticos apontados.
 - 6.2. O acento manifesta-se de maneira complexa, podendo servir-se de dois ou três dos parâmetros prosódicos (frequência, intensidade, duração), em dosagens que variam segundo o seu contexto lingüístico.
 - 6.3. A maneira de marcar a localização da sílaba tônica é distinta, segundo os diferentes parâmetros. Enquanto
- to as modulações da duração põem em evidência uma certa extensão, que coincide com a sílaba tônica, contrastando-a com as átonas, o mesmo não ocorre em relação à frequência e à intensidade, cujas modulações não delimitam, na maior parte dos casos, uma extensão, mas sim assinalam um ponto. Há uma ruptura pontual, um limite é demarcado, que é pré-accentual, no caso da frequência, ou pós-accentual, no da intensidade. Já quanto à duração, a "ruptura" temporal, se assim posso me exprimir, é bilateral, isto é, se estabelece simultaneamente em relação à pretônica e à postônica.
- 6.4. Nas posições fortes a modulação ou ruptura da frequência é simultaneamente marca accentual e entoacional. Entretanto, enquanto é a presença da ruptura, seja ela positiva ou negativa, que constitui, nessas posições, o índice de sílaba acentuada, o conteúdo entoacional manifesta-se pela qualidade da modificação melódica.
 - 6.5. A partir do comportamento dos oxítonos, podemos afirmar que, quando uma seqüência de sílabas que constitui uma unidade accentual é emitida com o mesmo peso prosódico (isto é, objetivamente sem acento), a última sílaba será percebida como acentuada. Essa característica da acentuação portuguesa é de capital importância na economia do jogo das marcas accentuais, possibilitando uma redução do esforço articulatório na produção do acento.
 - 6.6. Esse fenômeno está intimamente relacionado com a possibilidade de o acento poder se manifestar num paroxítono através de uma marca negativa, isto é, de uma redução dos

parâmetros prosódicos na postônica em vez de um reforço na tônica, dado que, havendo duas sílabas contíguas de igual peso (a pretônica e a tônica), a percepção do acento se fará sobre a segunda.

6.7. A questão freqüentemente levantada de uma marca prosódica única, ou pelo menos mais importante, na exteriorização do acento parece-me, no que tange à língua portuguesa, uma questão bizantina, uma vez que os três parâmetros funcionam ativamente na sua caracterização. Entretanto, a insistirmos no mito de uma única marca, válida para qualquer situação, deveríamos distinguir as marcas que são mais constantes, das que são mais fortes, isto é, que dominam em caso de conflito. As marcas mais constantes são efetivamente a intensidade e a duração, o que no entanto não nos permite identificá-las pura e simplesmente com a noção de energia (produto da intensidade pela duração), por incidirem, como vimos, sobre sílabas distintas. Já a marca dominante parece ser, ao menos em certos contextos, a freqüência fundamental. Entretanto somente com o concurso dos métodos de síntese da fala poder-se-á dirimir de maneira inequívoca essa questão.

6.8. Cumpre por fim distinguir, a respeito dessa associação dos diferentes parâmetros na acentuação, uma redundância no nível macroscópico oriunda da convergência de diferentes marcas independentes a indicar, com grande margem de segurança, a posição da sílaba tônica, de uma "microredundância", evidenciada pelas correlações que se observam

num determinado nível entre a freqüência e a duração, ou entre a intensidade e a freqüência, por exemplo, ocasionada por condicionamentos fisiológicos, sem maior relevância lingüística.

Résumé

Ce travail traite de la conception traditionnelle de l' accent intensif du portugais, en distinguant l' accent lexical de l'accent phrastique. Il examine la question à partir d'un corpus de 36 phrases, réalisées par 288 informateurs et en considérant des variables de trois catégories: extralinguistiques, paralinguistiques ou proprement linguistiques.

Notas

* Este texto foi apresentado no II Encontro Nacional de Fonética e Fonologia, realizado em Brasília em setembro de 1986.

- 1 A respeito das interferências entre acento e entoação, consulte-se o trabalho pioneiro de D. Bolinger (1955). Os modelos prosódicos da Escola Escandinava - E. Garding (1979, 1984), G. Bruce (1982), para o sueco, N. Thorsen (1978, 1983), para o dinamarquês, assim como estudos como o de J. Pierrehumbert (1980) e o simpósio moderado por E. Garding no 9º Congresso Internacional de Fonética (E. Garding et al, 1980), explicitam as imbricações existentes, do ponto de vista da substância, entre os dois fenômenos lingüísticos.
- 2 Embora as modulações da freqüência se relacionem primariamente com a tensão nas cordas vocais, o fenômeno da declinação parece ser uma conseqüência da diminuição progressiva da pressão subglótica que se observa no decorrer do ato fonatório (cf. R. Collier, 1975, R. Collier e C. Gelfer, 1984; W. Cooper e J. Sorensen, 1981).
- 3 A gravação e os traçados foram obtidos no La-

boratório de Fonética do Institut de Phonétique de Paris (Universidade de Paris III).

- 4 Segundo esse autor, uma modulação da frequência de duração inferior a 50 milissegundos (ms) é sempre percebida como uma melodia estática, localizada a 2/3 da curva. Para durações superiores a 50 ms, a percepção ou não da modulação (ou "glissando melódico") está condicionada ao intervalo entre o seu início e o seu fim: quanto maior a duração e o intervalo melódico, maior a possibilidade de a modulação ser percebida. Quanto a modulações da intensidade, o ponto de percepção situa-se a 2/3 da curva nas modulações positivas, isto é, que apresentam um aumento da intensidade, e a 1/3 da curva nas negativas.
- 5 Poder-se-ia argumentar que a correspondência "limite de GP do acento frasal" é na verdade redundante, circular. Com efeito, parece não haver marcas de limite de GP que independam da percepção da acentuação frasal. Daí o mais prudente ser reformular o que ficou dito acima introduzindo a noção, embora nem sempre precisa, de unidade de informação (M. Halliday, 1967: 21-22): as sílabas tônicas são acentuadas, e sentidas como tal - e nesses casos temos igualmente aí a percepção de um limite de GP - quando ocupam a posição final de uma unidade de informação. O fato de a sílaba acentuada assinalar o limite de um GP não significa que ela seja a sua última sílaba, mas sim que pertença ao vocábulo que ocupa a posição final no GP, respeitando-se assim, no estabelecimento do GP, as *fronteiras vocabulares*.
- 6 As considerações que aqui faço a propósito da interdependência relativa observada entre os diferentes parâmetros devem ser encaradas mais como hipóteses explicativas de um determinado comportamento prosódico do que como conclusões definitivamente assentadas. O estágio atual do nosso conhecimento da fisiologia da fonação não nos autoriza ainda informações categóricas a esse respeito.
- 7 Os valores da frequência e da intensidade representam intervalos medidos em relação à primeira sílaba do vocábulo, podendo ser positivos ou negativos. Isto porque são os intervalos observados entre as sílabas, e não os seus valores absolutos, que são pertinentes, porquanto variam estes com o registro da voz do informante (frequência) ou com a distância do falante ao microfone, ou ainda com a própria regulação do intensímetro, nunca idêntica de uma sessão de gravação à outra (intensidade). Daí ser atribuído, ao estabelecer as médias, o nível zero à primeira sílaba de cada vocábulo, importando a evolução, nas sílabas subseqüentes, do comportamento da frequência e da intensidade em relação a esse ponto de referência. Os testes estatísticos aplicados foram os de Wilcoxon - Mann - Whitney, para a frequência e a intensidade, e o do T de Student - Fisher, para a duração.
- 8 Como demonstraram J.O' hala e W. Ewan (1973), o tempo necessário para se efetuar uma subida melódica é mais elevado que o necessário para uma descida de igual amplitude, provavelmente, como o supõe J. Sundberg (1979) (apud D. Hirst, 1981), pelo fato de o principal músculo envolvido numa queda melódica (o tireo-aritenóideo lateral) ser mais desenvolvido que os músculos responsáveis pela elevação da altura melódica (sobretudo o crico-tireóideo), posto que exerce aquele uma função protetora dos pulmões, através de um estreitamento da laringe, o que não ocorre com esses.
- 9 A única aparente exceção a essa correlação - queda da intensidade em postônica/ queda da frequência fundamental - se dá em 5 (fim do tópico assertivo). Aí à queda da intensidade nas postônicas não corresponde uma queda objetiva da sua frequência, que permanece no mesmo nível melódico. Proponho que se interprete esse nível melódico mantido como a realização, em superfície, graças à queda da intensidade, de um nível melódico abstrato mais elevado pretendido pelo locutor. Aliás, sabe-se que uma queda da intensidade gera, do ponto de vista perceptivo, uma sensação de um aumento da frequência fundamental (Terhardt, 1974, apud M. Rossi, 1981), o que pode ser visto como um mecanismo compensatório que resulta na recupere-

ração, no plano perceptivo, do nível melódico "original", camuflado por um condicionamento fisiológico.

Agradecimentos

Esta pesquisa foi realizada sob os auspícios do CNPq (proc. 302445-84/LA). Agradeço as valiosas sugestões feitas por Ivan Fónagy e Sílvio Elia a versões anteriores deste trabalho, assim como a participação de Maria Deolinda Cabral na aplicação dos testes estatísticos. As lacunas e os equívocos que ele porventura contiver são evidentemente de minha responsabilidade.

Referências Bibliográficas

- BOLINGER, D. Intersections of stress and intonation, *Word* 11 (2): 195-203, 1955.
- BRUCE, G. Developing the Swedish intonation model, *Working Papers* (Department of Linguistics, Lund University) 22:51-116, 1982.
- COLLIER, R. Physiological correlates of intonation patterns, *Journal of the Acoustical Society of America* 58 (1): 249-255, 1975.
- COLLIER, R. e C. GELFER Physiological explanations of FO declination. In: *Proceedings of the 10th International Congress of Phonetic Sciences* M. Van der Broecke e A. Cohen (eds.), Dordrecht, Foris, 1984.
- COOPER, W. e J. SORENSEN *Fundamental Frequency in Sentence Production*. New York, Springer-Verlag, 1981.
- CULICOVER, P. e M. ROCHEMONT Stress and focus in English, *Language* 59 (1): 123-165, 1983.
- DI CRISTO, A. e M. ROSSI Les facteurs de pondération microprosodiques. In: M. Rossi et al. (1981).
- FAURE, G. *Recherches sur les Caractères et le Rôle des Eléments Musicaux dans la Prononciation Anglaise*. Paris, Didier, 1962.
- FERNANDES, N. *Contribuição para uma Análise Instrumental da Acentuação e Intonação do Português*. Dissertação de mestrado inédita, USP, São Paulo, 1976.
- FÓNAGY, I. Fonction prédictive de l'intonation. In: P. Léon e M. Rossi (orgs.) *Problèmes de Prosodie II*, Ottawa, Didier, 1981.
- FÓNAGY, I. e M.H. Galvagny La fonction préindicative de l'intonation en français et en hongrois, *Travaux de l'Institut d'Etudes Linguistiques et Phonétiques I*; 44-65, Paris, 1974.
- GARDING, E. Sentence intonation in Swedish, *Phonetica* 36:207-215, 1979.
- GARDING, E. Comparing intonation, *Working Papers* (Department of Linguistics, Lund University) 27: 75-99, 1984.
- GARDING, E. et al. The relation between sentence prosody and word prosody. In: *Proceedings of the 9th International Congress of Phonetic Sciences*, E. Fisher-Jorgensen e N. Thorsen (eds.), Copenhagen, Institute of Phonetics, 1980.
- HALLIDAY, M. *Intonation and Grammar in British English*. The Hague, Mouton, 1967.
- HIRST, D. Le modèle de production de l'intonation. In: M. Rossi et al. (1981).
- LADD, R. *The Structure of Intonational Meaning*. Evidence from English. Bloomington, Indiana University Press, 1980.
- LIBERMAN, M. e L. STREETER Use of nonsense syllable mimicry in the study of prosodic phenomena, *Journal of the Acoustical Society of America* 63; 231: 233, 1978.
- LINDBLOM, B. Final lengthening in speech and music. In: E. Garding et al. (eds.) *Nordic Prosody*, Travaux de l'Institut de Linguistique de Lund XIII, Lund University, 1978.
- MAJOR, R. Stress-timing in Brazilian Portuguese, *Journal of Phonetics* 9(3): 343-351, 1981.
- MAJOR, R. Stress-timing in Brazilian Portuguese, *Language* 61 (2) : 259-282, 1985.
- MARTINS, M.R. *Aspects de l'accent en Portugais*. Tese de doutorado, Université de Strasbourg, 1977 (publicada por Helmut Buske, Hamburg, 1982).
- MORAES, J. *Recherches sur l'Intonation Modale du Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro*. Tese de doutorado inédita, Université de Paris III, 1984.
- O' HALA, J. e W. EWAN Speed of pitch change,

- Journal of the Acoustical Society of America* 53 (1): 345 (A), 1973.
- PIERREHUBERT, J. *The Phonology and Phonetics of English Intonation*. Tese de doutorado inédita, MIT, Cambridge, Massachusetts, 1980.
- RIGAULT, A. Rôle de la fréquence, de l'intensité et de la durée dans la perception de l'accent en français. In: *Proceedings of the 4th International Congress of Phonetic Sciences*. The Hague, Mouton, 1962.
- ROSSI, M. L'interprétation perceptive. In: M. Rossi et al. (1981).
- ROSSI, M. et al. *L'Intonation. De l'Acoustique à la Sémantique*. Paris, Klincksieck, 1981.
- SUNDBERG, J. Maximum speed of pitch changes in singers and untrained subjects, *Journal of Phonetics* 7 (2) : 71-79, 1979.
- THORSEN, N. On the identification of selected Danish intonation contours, *Annual Report of the Institute of Phonetics*. University of Copenhagen 12; 17-73, 1978.
- THORSEN, N. Standard Danish sentence intonation - phonetic data and their representation, *Folia Linguistica (Acta Societatis Linguisticae Europae)* 17 (1-2) : 187-220, 1983.

VARIAÇÃO FONOLÓGICA NA REGIÃO DE MONTE SANTO; A CONSOANTE /l/

Eliana Pitombo Teixeira

UEFS

Resumo

Este estudo analisa a variável (l) em posição pós-vocálica na fala dos habitantes do povoado de Saco Fundo, Monte Santo, situado no Nordeste da Bahia. Os resultados revelam uma mudança na norma de pronúncia da variável - articulada pelos falantes mais velhos como uma lateral velarizada - em direção à forma vocalizada, já normal no português do Brasil.

1 Introdução

Cerca de quarenta anos atrás, a norma no Brasil era pronunciar o /l/ final de sílaba como uma consoante lateral velarizada. Este fato é assinalado por vários estudiosos da língua portuguesa que, já naquela época, apontavam a tendência à vocalização entre falantes da "classe semi-culta" (Nascentes, 1953) e na "variedade coloquial relaxada" do Rio de Janeiro (Câmara Jr., 1977), antes das vogais *a* e *i*.

Nesta pesquisa, que segue a linha proposta por LABOV (1972), procurou-se identificar os contextos lingüísticos e extralingüísticos condicionadores da variação da consoante /l/ em uma pequena comunidade rural - Saco Fundo - no município baiano de Monte Santo, a 400 Km de Salvador, em que ainda se conservam variantes antigas na fala de seus representantes mais velhos.

O *corpus* utilizado na pesquisa constitui-se de 581 dados, obtidos a partir de gravações da fala de 8 informantes de ambos os sexos, distribuídos em três

faixas etárias: jovens (de 16 a 30 anos), meia-idade (de 31 a 49 anos) e velhos (a partir de 50 anos).

2 As variantes

Dentre as variantes observadas - algumas muito pouco expressivas pela sua baixa freqüência - selecionamos as seguintes:

(l-1) [ɫ] cons. líquida velarizada

(l-2) [lɪ] cons. líquida lateral alveolar seguida de [i]

(l-3) [w] semivogal velar

(l-4) [ø] zero fonético

Estas variantes distribuem-se no *corpus* com as freqüências vistas na **tabela 1**.

l	Número	%
l - 1	266	45,8
l - 2	47	8,0
l - 3	184	31,7
l - 4	84	14,5
TOTAL	581	

Tabela 1. Distribuição geral das variantes de (l).

Ao dividirmos o *corpus*, considerando as duas posições possíveis de ocorrer o (l) pós-vocálico - final de sílaba interna e final de palavra - obtivemos os resultados apresentados na **tabela 2**.

Na leitura horizontal da **tabela 2**, dois fatos merecem ser destacados:

a) o número de ocorrência de [lɪ] em posição interna é tão inexpressivo que podemos afirmar que esta é uma variante típica de final de palavra;

b) [ɫ], que é a variante mais frequente em posição interna, passa a segunda variante em posição final de palavra, ambiente em que há uma predominância de [w].

(l)	Interno		Externo	
	Nº	%	Nº	%
(l) - 1	195	61,7	71	26,8
(l) - 2	2	0,6	45	17,0
(l) - 3	87	27,5	97	36,6
(l) - 4	32	10,2	52	19,6
TOTAL	316		265	

Tabela 2. Distribuição das Variantes de (l) nas posições interna e externa.

3 O fenômeno lingüístico

Consideramos na análise os fatores lingüísticos vogal antecedente¹, segmento seguinte (vogal= V, consoante= C e pausa= //)², acento e dimensão da palavra (monossílabo, dissílabo e trissílabo)³. Analisamos separadamente, a variação nas duas posições: interna e externa.

3.1 Em posição interna

No *corpus*, há 314 ocorrências de (l) em posição final de sílaba interna, pois não consideramos na análise as duas ocorrências de [li] nesta posição⁴. As variantes, seu número e percentagem de ocorrência são mostradas na **tabela 3**, de acordo com os fatores levantados.

VARIANTES	ɫ		w		ø		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
SEG. ANTECEDENTE							
a	126	60,6	74	35,6	8	3,8	208
ε	0	0	1	100	0	0	1
i	2	22,2	4	44,5	3	33,3	9
ɔ	8	74,5	8	15,7	5	9,8	51
u	29	64,4	0	0	16	35,6	45
SEG. SEGUINTE							
A) Modo de Art.							
Oclusivas	128	64,6	48	24,2	21	10,6	198
Fricativas	49	59,8	25	30,5	10	12,2	82
Nasais	19	55,9	14	41,2	1	2,9	34
B) Zona de Art.							
Labial	53	54,1	35	35,7	10	10,2	98
Apical	98	69,0	30	21,1	14	9,9	142
Velar	44	59,5	22	29,7	8	10,8	74
C) Sonoridade							
+ sonoro	79	58,1	49	36,0	8	5,9	136
- sonoro	116	65,2	38	21,3	24	13,5	178
D) Acento							
+ acento	86	66,7	35	27,1	8	6,2	129
- acento	109	58,9	52	28,1	24	13,0	185

Tabela 3. Número de ocorrência e percentagem de freqüência das variantes de /l/ em posição interna, de acordo com fatores lingüísticos.

3.1.1 Os Fatores Segmento Antecedente e Acento

Na leitura da Tabela 3, observamos que: a) as vogais não-arredondadas parecem favorecer a variante [w]; b) a frequência de [ø] depois da vogal [u] é consideravelmente alta. Estas observações permitem-nos levantar a possibilidade de ocorrência de um processo assimilatório em que as vogais não-arredondadas favorecem [w] e as arredondadas, [ø], embora alguns fatos (a alta frequência de [ø] depois de [i], por exemplo) possam contrariar esta conclusão. Note-se, porém, que o número de dados sobre o qual a percentagem de [ø] depois de [i] é calculada é muito baixo.

O fator acento parece interferir tão somente no uso de [ø] que tem a sua frequência sensivelmente aumentada quando a sílaba é não-acentuada.

3.1.2 O Fator Segmento Seguinte

As frequências das variantes em função da consoante seguinte sugerem que as consoantes nasais, labiais e sonoras favorecem [w], enquanto as consoantes surdas favorecem [ø]. [m] parece ser, pois, o segmento que mais favorece a vocalização, já que é uma consoante labial, sonora e nasal. Este fato é perfeitamente explicável em termos articulatórios: o /l/ assimila o traço labial do consoante [m], vocalizando-se em [w].

Contudo, a **tabela 3** mostra que qualquer que seja o fator considerado, a variante [l] atinge o percentual de frequência mais elevado.

3.2 Em Final de Palavra

Numa amostra de 265 ocorrências de (l) nesta posição, as quatro variantes são usadas como indica a **tabela 4**.

VARIANTES FATORES	t		li		w		ø		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
A. Seg. Antecedente									
a	30	28,0	24	22,5	53	49,5	0	0	107
ε	10	35,7	5	17,9	12	42,9	1	3,6	28
i	17	28,3	6	10,0	21	35,0	16	26,7	60
o	11	21,6	8	15,7	11	21,6	21	41,2	51
u	3	15,8	2	10,5	0	0	14	73,7	19
B. Contexto Seguinte									
//	50	23,9	30	14,4	84	40,2	45	21,5	209
V	0	0	9	75,0	3	25,0	0	0	12
C	21	47,7	6	13,6	10	22,5	7	16,0	44
C. Acento									
+ Acento	71	28,7	45	18,2	95	38,5	36	14,6	247
- Acento	0	0	0	0	2	11,1	16	88,9	18
D. Número de Sílabas									
monossílabos	26	31,7	22	26,8	22	26,8	12	14,6	82
dissílabos	29	27,1	11	10,3	46	43,0	21	19,6	107
trissílabos	16	21,0	12	15,8	29	38,2			76

Tabela 4. Distribuição das variantes (l) em final de palavra, de acordo com fatores lingüísticos.

3.2.1 Segmento Antecedente e acento

Na leitura vertical da **tabela 4**, constatamos que é diante da vogal [a] que ocorrem os maiores índices de [l₁] e de [w]. É curioso observar que [a] é a única vogal diante da qual não ocorre [ø]. Esta variante ocorre com maior frequência diante de vogais arredondadas, atingindo a sua frequência mais alta diante de [u], configurando-se assim, um processo de assimilação.

O uso das variantes [w] e [ø] mostra uma relação assimétrica de frequência: [w] atinge o seu índice de frequência mais alto quando antecedido de [a], e vai paulatinamente diminuindo esse índice diante de [ε], [i] e [ɔ], até chegar a [ø] diante de [u]. Na variante [ø], por sua vez, a direcionalidade do aumento de frequência é no sentido inverso ao de [w].

No que se refere ao acento, o índice de supressão é alto nas sílabas não-acentuadas.

3.2.2 Contexto Seguinte

A pausa parece ser o ambiente ótimo para a ocorrência de [w] e [ø]. A presença de uma consoante após (l) tem o efeito de aumentar a frequência de [t], enquanto a presença de uma vogal favorece a frequência de [l₁].

3.2.3 Número de Sílabas

Dentre os fatores analisados, o que apresenta resultados mais interessantes e significativos para a nossa pesquisa é o número de sílabas. Os números da **tabela 4** indicam que os monossílabos favorecem a ocorrência de [t] e [l₁]. Ao contrário, [w] e [ø] apresentam frequência maior nos dissílabos e trissílabos. Esses números mostram, também, haver uma inter-relação entre as ocorrências de [t] e [l₁] de um lado, e de [w] e [ø], de outro: quando há um aumento na frequência do [t] há também um aumento na frequência de [l₁]. O mesmo fato ocorre com os índices de [w] e [ø]. Assim, os dados parecem indicar que [l₁] alterna com [l], e [w] alterna com [ø].

4 O fenômeno extra-lingüístico

Os fatores externos aqui considerados são a idade e o estilo de fala.

4.1 O fator idade

A **tabela 5** apresenta o percentual de ocorrência das variantes de acordo com a faixa etária.

Aqui, a constatação inicial é que as variantes [t] e [l₁] estão desaparecendo da fala dos habitantes do povoado e estão sendo substituídos por [w]. As duas primeiras formas são praticamente inexistentes entre os informantes jovens e há um decréscimo na frequência de uso

VARIANTES FAIXA ETÁRIA	t		l ₁		w		ø		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
jovens	1	0,7	1	0,7	120	78,4	31	20,2	153
meia-idade	100	48,3	13	6,3	61	29,5	33	15,9	207
velhos	165	75,3	31	14,2	3	1,4	20	9,1	219
número	266		45		185		84		579

Tabela 5. Distribuição geral das variantes de (l) por faixa etária.

dessas variantes no grupo de meia-idade em relação ao grupo de velhos.

4.1.1 Em posição final de sílabas interna

Nessa posição, ocorrem as variantes [ɨ], [w] e [ø] em 314 ocorrências da variável (l). A **tabela 6** mostra como essas formas fonéticas se distribuem nas três faixas etárias.

Os dados da **tabela 6** indicam que [l] é uma variante característica dos grupos de velhos e de meia-idade. Mais ainda, a frequência das outras variantes entre os velhos é tão baixa que o uso de [l] parece ser categórico. A variante [w] começa a infiltrar-se no grupo de meia-idade e se difunde amplamente no grupo de jovens ao lado de [ø] único grupo em que essa variante é significativa.

4.1.2 Em posição final de palavra

As 265 ocorrências de (l) em final de palavras realizadas sob as formas fonéticas [ɨ] [lɪ] [w] e [ø], são distribuídas

pelos três grupos de idade (cf **tabela 7**).

A **tabela 7** mostra que, entre os velhos, [ɨ] é a variante mais freqüente e [lɪ] é a segunda variante dentro do grupo. Já [w] é a variante mais freqüente no grupo de meia-idade, seguida de [ø], [lɪ] e [ɨ], nessa ordem.

Comparando-se os dados das **tabelas 6 e 7**, observamos que:

- o índice de freqüência de [w] em final de palavra é expressivamente mais alto do que em final de sílaba interna entre os informantes de meia-idade;
- nesse mesmo grupo, a freqüência de [ø] em final de palavra é mais alta do que em final de sílaba interna, ao passo que entre os velhos, as freqüências de [ø] nas duas posições são equivalentes.
- no grupo de jovens, [ɨ] ocorre só uma vez em posição interna e há só uma emissão de [lɪ] em final de palavra⁵;
- entre os jovens, os índices de [ø] são equivalentes nas duas posições.

VARIANTES		ɨ		w		ø		TOTAL
FAIXA ETÁRIA	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
jovens	1	1,2	66	80,5	15	18,3	82	
meia-idade	91	77,8	20	17,1	6	5,1	117	
velhos	103	89,6	1	0,9	11	9,6	115	
número	195		87		32		314	

Tabela 6. Distribuição das variantes de (l) interno, por faixa etária

VARIANTES		ɨ		lɪ		w		ø		TOTAL
FAIXA ETÁRIA	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
jovens	0	0	1	1,4	54	76,1	16	22,5	71	
meia-idade	9	10,0	13	14,4	41	45,6	27	30,0	90	
velhos	62	59,6	31	29,8	2	1,9	9	8,7	104	

Tabela 7. Distribuição das variantes de (l) externo por faixa etária.

As observações arroladas acima levam-nos a afirmar que na comunidade de Saco Fundo está-se operando uma mudança da norma de pronúncia do fonema /l/ em posição implosiva, pela substituição da variante [t] pela variante [w]. Esta mudança afetou inicialmente a posição final de palavra, como o comprova o comportamento dos falantes de meia-idade.

4.2 O Fator estilo

Na análise do fator estilo, distinguimos dois subfatores: um estilo mais informal, extraído das entrevistas e um outro mais cuidadoso, eliciado em alguns momentos das entrevistas, e, sobretudo, a partir de um teste pós-entrevista. Considerando a totalidade do *corpus*, a **tabela 8** mostra a distribuição das variantes nos dois estilos de fala.

Na **Tabela 8**, podemos observar que as variantes sensíveis ao estilo são [l], que ocorre mais freqüentemente no estilo informal; [w] que é preferida no estilo formal e [ø], mais usada no estilo informal.

5 Cruzamento de fatores

Na distribuição das variantes de (l) por grupos de idade, observamos que cada grupo apresenta um comportamento distinto em relação ao uso dessas variantes. Notamos, também, que é no grupo de meia-idade que se inicia a mudança de [t] para [w], i.e., é nesse grupo que há uma variação significativa entre [t] e

[w]. Decidimos, portanto, cruzar os dados referentes a essa faixa etária com os fatores lingüísticos, como também com o estilo.

5.1 Final de sílaba interna

O *corpus* referente a esse grupo é constituído de 117 ocorrências de (l), realizadas como [t], [w] e [ø]. A variante mais freqüente é [t], seguida de [w] e [ø]. Essa última apresenta um percentual de freqüência muito baixo (cf. **tabela 6**).

Observamos na **tabela 9** uma predominância muito grande da variante [t] sobre [w] e [ø].

Em relação ao fator segmento antecedente, o único fato digno de nota é o aumento considerável da variante [ø] depois da vogal [u]. Esse fato é facilmente explicável em termos de um processo assimilatório.

Quanto ao fator modo de articulação, parece que a presença de uma oclusiva após (l) favorece a variante [t].

A variante [w] tem a sua freqüência aumentada diante de consoantes labiais e sonoras e, em sílabas não-acentuadas, há um aumento da freqüência de [ø] em relação às sílabas acentuadas.

5.1.1 O estilo

Na rodada geral sobre o estilo, a vocalização mostrou-se atuante no estilo formal. Pretendemos verificar se essa tendência se comprova no grupo de meia-idade (cf. **tabela 10**).

VARIANTES	t		l		w		ø		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
+ formal	168	46,4	17	4,7	132	36,5	45	12,4	362
- formal	98	45,2	28	12,9	52	23,9	39	18,0	217

Tabela 8. Distribuição das variantes de (l) por estilo.

Observamos que a frequência de [w] é mais alta no estilo formal. Esse resultado encontra uma confirmação em algumas atitudes dos informantes durante o processo de coleta de dados, quais sejam:

- a) na realização do teste pós-entrevista, um informante, ao pronunciar a palavra "alma", vacilou entre as duas formas de pronúncia, e após ter optado pela forma ['awma], comentou: "quase que era ['alma]."
- b) notamos, em várias ocasiões, a in-

segurança dos falantes quanto ao uso de uma ou de outra forma, e toda vez que pedíamos que repetissem uma palavra, na primeira vez pronunciada com [t], eles a pronunciavam com [w].

5.2 Final de Palavra

Em posição final de palavras, ocorrem as variantes [t], [lɪ], [w] e [ø]. A amostra é constituída de 90 ocorrências de (l) nessa posição.

VARIANTES	t		w		ø		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
A. SEG. ANTECEDENTE							
a	59	75,6	15	19,2	4	5,1	78
E	0	0	0	0	0	0	0
i	1	50,0	1	50,0	0	0	2
o	16	80,0	4	20,0	0	0	20
u	15	88,2	0	0	2	11,8	17
B. SEG. SEGUINTE							
Modo de articulação							
oclusivas	61	85,9	8	11,3	2	2,8	71
fricativas	23	65,7	9	25,7	3	8,6	35
nasais	7	63,6	3	27,3	1	9,1	11
Zona de articulação							
Labial	23	62,2	10	27,0	4	10,8	37
Apical	43	82,7	7	13,5	2	3,8	52
Velar	25	89,3	3	10,7	0	0	28
Sonoridade							
+ Sonoro	39	76,5	11	21,5	1	2,0	51
- Sonoro	52	78,8	9	13,6	5	7,6	66
C. ACENTO							
+ Acento	37	80,4	8	17,4	1	2,2	46
- Acento	54	76,1	12	16,9	5	7,0	71

Tabela 9. Variantes de (l) interno no grupo de meia-idade de acordo com fatores lingüísticos

VARIANTES	t		w		ø		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
- Formal	33	84,6	4	10,3	2	5,1	39
+ Formal	58	74,4	16	20,5	4	5,1	78

Tabela 10. Distribuição das variantes de (l) interno, no grupo de meia-idade, por estilo.

Como mostra a **tabela 11**, a variante [w] já se expandiu a tal ponto que são poucos os fatores que restringem a sua frequência. A presença de uma consoante depois de (l) é um fator dessa restrição. O segundo fator é o número de sílabas: nos monossílabos, a variante [l₁] apresenta uma frequência de uso maior do que a de [w]⁶.

A resistência à queda de (l) final nos monossílabos encontra uma confirmação nas regras morfofonológicas de formação de plural dos vocábulos terminados em -l, no português. Os vocábulos monossilábicos são os únicos que conservam o /l/ na forma de plural, obrigatória ou facultativamente, ex: mal - males; mel - meles ou méis; fel - feles ou féis. Alguns estudos tais como os de AMARAL, 1920 e OLIVEIRA, 1983 atestam também a tendência à preservação de consoantes finais nos monossílabos.

A variante [ø] ocorre apenas antes de pausa em relação ao fator contexto seguinte. O seu uso é categórico após a vogal [u] e variável após as outras vogais com exceção de [a] após a qual nunca ocorre [ø]. A ocorrência de [ø] após as vogais [ε] e [i] é explicada em termos de outro fator - o acento. Observamos que toda vez que a sílaba é não-acentuada, a regra de supressão do (l) é categórica. O grupo de palavras não-oxítonas terminadas em -l é formado, na sua maioria, de adjetivos e a vogal que antecede o -l é sempre [i] ou [ε]. Na série terminada em -il encontram-se os adjetivos "fácil" e "difícil", vocábulos de uso comum, que ocorreram frequentemente na amostra desse grupo. As formas terminadas em -vel, por outro lado, constituem um grupo de palavras mais eruditas, e por isso ocorreu só uma vez no *corpus*. Esse [ε] foi reduzido a [l], seguindo o padrão de pro-

VARIANTES FATORES	t		l ₁		w		ø		TOTAL
	Nº	%	No	%	No	%	No	%	
A. Seg. antecedente									
a	6	16,7	7	19,4	23	63,9	0	0	36
E	0	0	1	12,5	6	75,0	1	12,5	8
i	3	11,1	2	7,4	9	33,3	13	48,1	27
o	0	0	3	21,4	3	21,4	8	57,2	14
u	0	0	0	0	0	0	5	100	5
B. Acento									
+ acento	9	11,8	13	17,1	41	53,9	13	17,1	76
- acento	0	0	0	0	0	0	14	100	14
C. Contexto									
SEGUINTE									
//	4	5,3	5	6,7	39	52,0	27	36,0	75
V	0	0	2	100	0	0	0	0	2
C	5	38,5	6	46,1	2	15,4	0	0	13
D. Número de Sílabas									
+ monossílabo	7	21,2	12	36,4	10	30,3	4	12,1	33
- monossílabo	2	3,5	1	1,8	31	54,4	23	40,4	57

Tabela 11. Número de ocorrências e percentual de frequência das variantes de (l) externo, no grupo de meia-idade, de acordo com fatores lingüísticos.

núncia de vogais átonas finais do português do Brasil⁷.

Na análise da fala da população de Saco Fundo, verificamos que todas as sílabas finais átonas terminadas por consoante ou semivogal são reduzidas ao padrão silábico CV; ex: [õmɪ] [fa'laru] [xe'vɔrvɪ] [as'kaze] etc. Diante desse fato, chegamos à conclusão de que a supressão de (l) externo em sílabas átonas não é afetada pelos fatores lingüísticos aqui considerados. Na verdade, para essa comunidade de fala, todas as palavras não-oxítonas terminam em vogal.

As variantes [t] e [lɪ] estão em evidente processo de desaparecimento em posição final de palavra e já não há distinção, em termos de frequência, entre o uso de uma ou de outra. Essas duas variantes só são favorecidas nos vocábulos monossilábicos.

6 Conclusão

O (l) pós-vocálico é realizado como uma consoante lateral velarizada pelos falantes velhos do povoado de Saco Fundo. Esta é, para eles, uma forma quase categórica, variando apenas em final de palavra com [lɪ] e, menos freqüentemente, com [ø].

O grupo de meia-idade inicia a mudança de [t] para [w], que, em posição final de palavra, atinge um índice de frequência superior ao de [t]. Fatores lingüísticos, particularmente a pausa, aliada a fatores externos - facilitação dos meios de transporte e comunicação⁸, promovendo um contato mais freqüente com os habitantes da sede do município - fazem expandir a variante [w], que atinge também, numa escala bem menor, o (l) em posição final de sílaba interna.

Os jovens já não usam as varian-

tes [t] e [lɪ] que, substituídas por [w], propiciaram também uma maior frequência de uso de [ø] em contextos específicos.

Abstract

This study analyses the variable (l) in posvocalic position, in the speech of the inhabitants of Saco Fundo - Monte Santo, situated in the northeastern part of the state of Bahia. The results reveal mechanism of change in the pronunciation of the variable - produced by the older speaks as a velarized lateral - towards the vocalized form already normal in Brazilian portuguese.

Notas

- 1 Consideramos aqui um sistema de cinco vogais [a] [e] [i] [ɔ] [u] já que [e] não ocorre antes de (l) em português e [o] não ocorre antes de l em final de palavra. As ocorrências dessa vogal antes de (l) em posição interna, cujo número foi muito baixo, foram computadas como [ɔ].
- 2 Não discriminamos a qualidade ou mesmo a classe de C ou V, limitando-nos apenas a considerar a sua presença.
- 3 Esse fator só foi considerado na análise do (l) em posição final de palavra.
- 4 As duas ocorrências de [l] registram-se no vocábulo "dificuldade" pronunciado "dificulidade". Consideramos, pois, ser esse um caso de lexicalização.
- 5 Essa emissão de [lɪ] ocorreu, curiosamente, na palavra "mal", pronunciada [malɪ].
- 6 Verificamos que a diferença de percentuais de [t] entre dissílabos e trissílabos era insignificante. Pareceu-nos, pois, acertado concluir que a oposição se dá entre monossílabos e não-monossílabos. Por essa razão, consideramos apenas esses sub-fatores como se pode ver na Tabela 11.
- 7 Cf. CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1985: 39)
- 8 A expansão do [w] coincide com a época da construção da ponte (1968) sobre o rio que

corta a precária estrada que liga o povoado à sede do município.

Referências Bibliográficas

- CÂMARA JR., J Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1977.
- CUNHA, Celso e CINTRA. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of liquids*. Pennsylvania, Universidade da Pennsylvania, 1983. Tese de Doutorado.

CONDICIONAMENTOS SÓCIO E GEOLINGÜÍSTICOS NA REALIZAÇÃO DO /R/ NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dinah Callou

(UFRJ/CAPES)

João Antônio de Moraes

(UFRJ / CNPq)

Resumo

Estudo dos condicionamentos sócio e geolingüísticos na realização do /R/ no português do Brasil, com delimitação de áreas dialetais baseadas na distribuição deste segmento fônico nas 5 cidades do projeto NURC. Índícios de mudança através da gradação etária e distinção entre as falas masculinas e femininas.

1 - Introdução

O fonema /R/, como se sabe, apresenta um elevado grau de poliformismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil (CALLOU 1987). Por ser um fonema que - numa perspectiva funcionalista - está menos integrado ao sistema fonológico da língua, oferece uma latitude articulatória ampla, uma flexibilidade que permite seu deslocamento tanto na dimensão vertical (de vibrante a fricativa) quanto no eixo longitudinal, com uma tendência observada em quase todas as línguas, à posteriorização de seu ponto de articulação (Granda Gutierrez 1966, Martinet 1969, Pålsson 1972).

Pretende-se aqui:

- estabelecer uma delimitação de áreas dialetais, com base na distribuição do R nas cinco capitais do NURC / Brasil;
- observar prováveis indícios de mudança através da gradação etária;
- estabelecer eventual distinção entre as falas masculina e feminina .

2 - Metodologia

Analisaram-se, segundo a meto-

dologia sociolingüística quantitativa laboviana (Sankoff 1988), trinta inquiridos do tipo diálogo entre informante e documentador (DID) do *corpus* do Projeto NURC/ Brasil (Castilho 1990), distribuídos por área geográfica: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife; faixa etária: 1 - de 25 a 35 anos, 2 - de 36 a 55 e 3 - de 36 em diante; e sexo.

Consideraram-se sete variantes do fonema /R/, a saber:

- vibrante apical múltipla R 1
- vibrante uvular R 2
- fricativa velar R 3
- fricativa laríngea (aspiração) R 4
- vibrante apical simples R 5
- aproximante retroflexa R 6
- zero fonético (não realização) R 0'

Após a audição e classificação das variantes, 5626 ocorrências foram codificadas segundo 15 grupos de fatores, lingüísticos e extra - lingüísticos:

- caráter surdo ou sonoro do segmento;
- posição do segmento na sílaba;
- posição da sílaba no vocábulo;
- caráter acentuado ou não do vocábulo que contém o segmento;
- tonicidade da sílaba que contém o segmento;
- número de sílabas do vocábulo;
- natureza do segmento precedente (vogal nasal, vogal oral, consoante ou pausa);
- ponto de articulação do segmento vocálico antecedente;
- modo de articulação do segmento sub-

- seqüente;
- ponto de articulação do segmento subsequente;
- caráter surdo ou sonoro do segmento subsequente;
- classe do vocábulo;
- faixa etária;
- sexo;
- origem geográfica.

Essas ocorrências, foram posteriormente distribuídas por quatro contextos:

- contexto 1 (pós-vocálico final) - 2.226 ocs.
- contexto 2 (pós-vocálico interno) - 2.108 ocs.
- contexto 3 (inicial de vocábulo) - 804 ocs.
- contexto 4 (intervocálico) - 358 ocs.

3 - Análise e discussão dos dados

3.1 Distribuição por região

A distribuição geral das sete variantes do *R* nas cinco capitais, sem levar em conta a sua posição no vocábulo, pode ser observada nas **figuras 1 e 2** e na **tabela 1**. Como se pode verificar, em São Paulo e Porto Alegre foram registradas as sete variantes do *R* (**fig. 1**), sua distribuição revelando uma coincidência quase absoluta de seus índices de frequência. Em relação ao Rio de Janeiro, Salvador e Recife, observe-se que as variantes fricativas velar (*R* 3) e aspirada (*R* 4) apresentam, no geral comportamentos comparáveis (**fig. 2**).

Ressalte-se, entretanto, que o índice de frequência da velar (*R* 3) aumenta no sentido norte/sul, na mesma proporção em que diminui o índice de frequência da aspirada (*R* 4), como podemos verificar na **figura 3**.

O mapa sintético, que estabelece um feixe de isoglossas percentuais (**fig. 4**), opõe nitidamente a região sul (São Paulo e Porto Alegre) às regiões sudeste (Rio de Janeiro) e nordeste (Salvador e Reci-

fe). A primeira isoglossa se refere à vibrante apical simples (———), caracterizando, pelas médias das frequências observadas nas cidades, uma área - 53,5% de ocorrência -, por oposição à outra - 4% apenas de ocorrência. A segunda isoglossa (— — —) diz respeito ao *R* fricativo (velar ou aspirado), cuja frequência torna evidente, mais uma vez, a oposição entre as duas áreas (6,5% *versus* 36%). A terceira linha demarcatória (- - - -) embora não sendo estatisticamente significativa, dá conta da realização da aproximante retroflexa, realização esta que, ainda que estigmatizada, apresenta um percentual de ocorrência na fala culta, restrita, porém, à região sul (São Paulo e Porto Alegre, 3,5%). Por fim a quarta isoglossa (~~~~) opõe a ausência absoluta de vibrante apical múltipla, ao norte, a um percentual de 7%, ao sul.

3.2 - Distribuição por contexto

Os resultados globais, por não discriminarem os contextos pré e pós-vocálicos, neutralizam distinções que se evidenciam se considerarmos cada contexto isoladamente.

CONTEXTO 1 (pós-vocálico final)
- maR, gostaR

Embora, no cômputo geral (**figs. 1 e 2**), a ocorrência de queda do /R/ (*R* ∅) esteja homogeneamente distribuída, observa-se, neste contexto, uma diminuição de sua frequência no sentido norte/sul:

RE/SSA	61%
RJ/SP	49%
POA	37%

Em relação aos outros tipos de /R/, os dados relativos a esse contexto específico não alteram significativamente a configuração global observada anteriormente (cf. **fig. 5 versus figs. 1 e 2**).

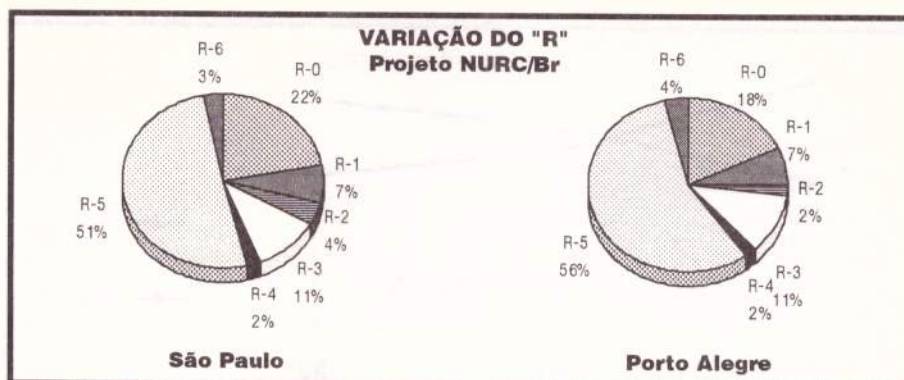


Figura 1. Percentual de ocorrência das variantes do /R/ nas cidades de São Paulo e Porto Alegre, sem discriminar contextos.

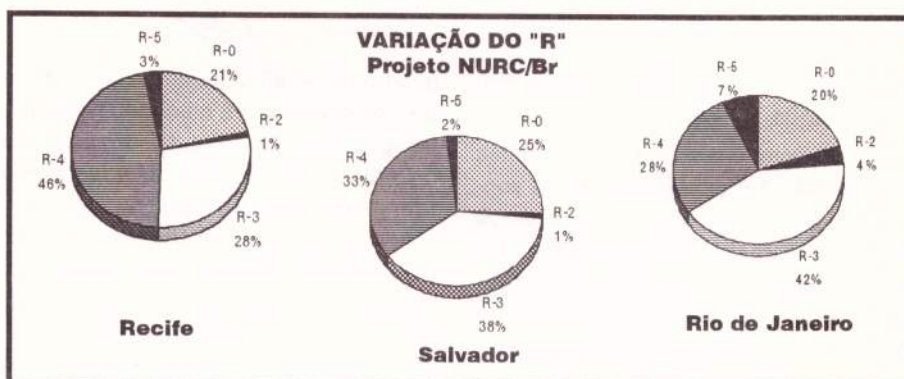


Figura 2. Percentual de ocorrência das variantes do /R/ nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, sem discriminar contextos.

Tipo de R	zero	vbr. mult.	uvu.	vel.	asp.	vbr. simp.	retr.	total
Cidade	0	1	2	3	4	5	6	
Rio	N 237	0	41	483	322	80	0	1163
	% 20	0	4	42	28	7	0	
SP	N 255	78	51	121	20	579	35	1139
	% 22	7	4	11	2	51	3	
Sal	N 197	0	7	304	265	19	0	792
	% 25	0	1	38	33	2	0	
Rec	N 309	0	19	406	665	4	0	1439
	% 21	0	1	28	46	3	0	
Poa	N 184	74	19	105	19	560	37	998
	% 18	7	2	11	2	56	4	
Total	N 1182	152	137	1419	1291	1278	72	5531
	% 21	3	2	26	23	23	1	

Tabela 1. Distribuição das variantes do /R/ nas cinco cidades.

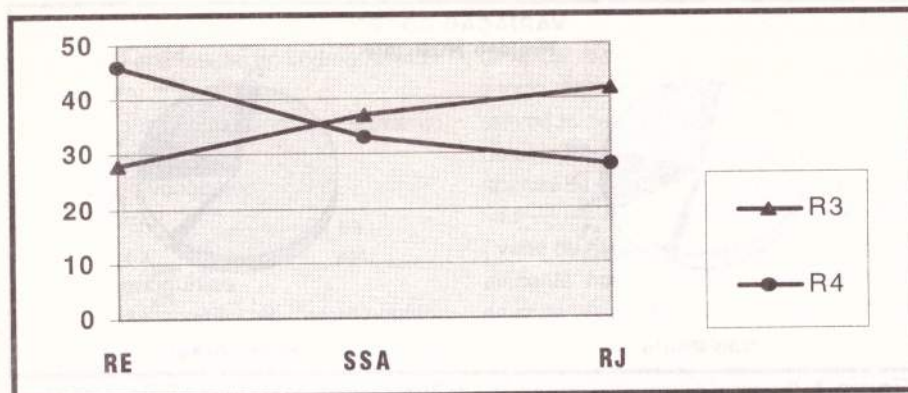


Figura 3. índices de frequência da variante velar (R 3) e aspirada (R 4) nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

CONTEXTO 2 (pós-vocálico medial) - MaRta.

O comportamento das variantes no contexto 2 é semelhante ao do contexto 1, evidenciando mais uma vez a oposição norte/sul. Nesse contexto, não ocorre queda e o percentual de aspiração obedece ao mesmo padrão que se observa no contexto 3 (pré-vocálico inicial), embora com índice menor de ocorrência. É no contexto 2 que a vibrante simples apresenta taxa de ocorrência mais elevada e contrastiva (em média 85,5% ao sul vs. 3,5% ao norte), sendo ainda nesta posição que ocorre, no sul, a variante retroflexa (**fig. 6**).

CONTEXTO 3 (pré-vocálico inicial de vocábulo) - Rato.

No que diz respeito à realização da vibrante múltipla ápico-alveolar e da uvular, fica mais nítida a oposição sul/norte: 25% vs. 0% e 14% vs. 3,5%, respectivamente. Vale lembrar que, em relação a esta última, os dados globais não revelavam uma oposição entre as duas áreas.

Quanto à fricativa velar, os dados apontam uma inversão em relação ao

quadro geral, ou seja, neste contexto, a taxa de ocorrência é menor ao norte que ao sul (26,5% vs. 45%), sendo que o Rio de Janeiro comporta-se, no caso, como Porto Alegre e São Paulo (**fig. 7**).

A variante aspirada opõe com maior nitidez, neste contexto, a região sul às demais cidades consideradas. Nota-se ainda um contínuo índice de aspiração, apresentando a taxa mais elevada em Recife (77%) e a menos elevada em SP e POA (6,55%), passando por Salvador (67%) e Rio (47%) (**fig.8**).

CONTEXTO 4 (intervocálico) - caRRo.

A realização aspirada apresenta comportamento similar nos contextos 3 e 4, com taxas ligeiramente menores no contexto intervocálico.

Os dados neste contexto não apontam uma variação diatópica significativa, no que se refere à fricativa velar, que é a realização mais freqüente, embora São Paulo e Rio de Janeiro, como se pode ver na **figura 9**, apresentem índices de ocorrência mais elevados.

A variante vibrante ápico-alveolar

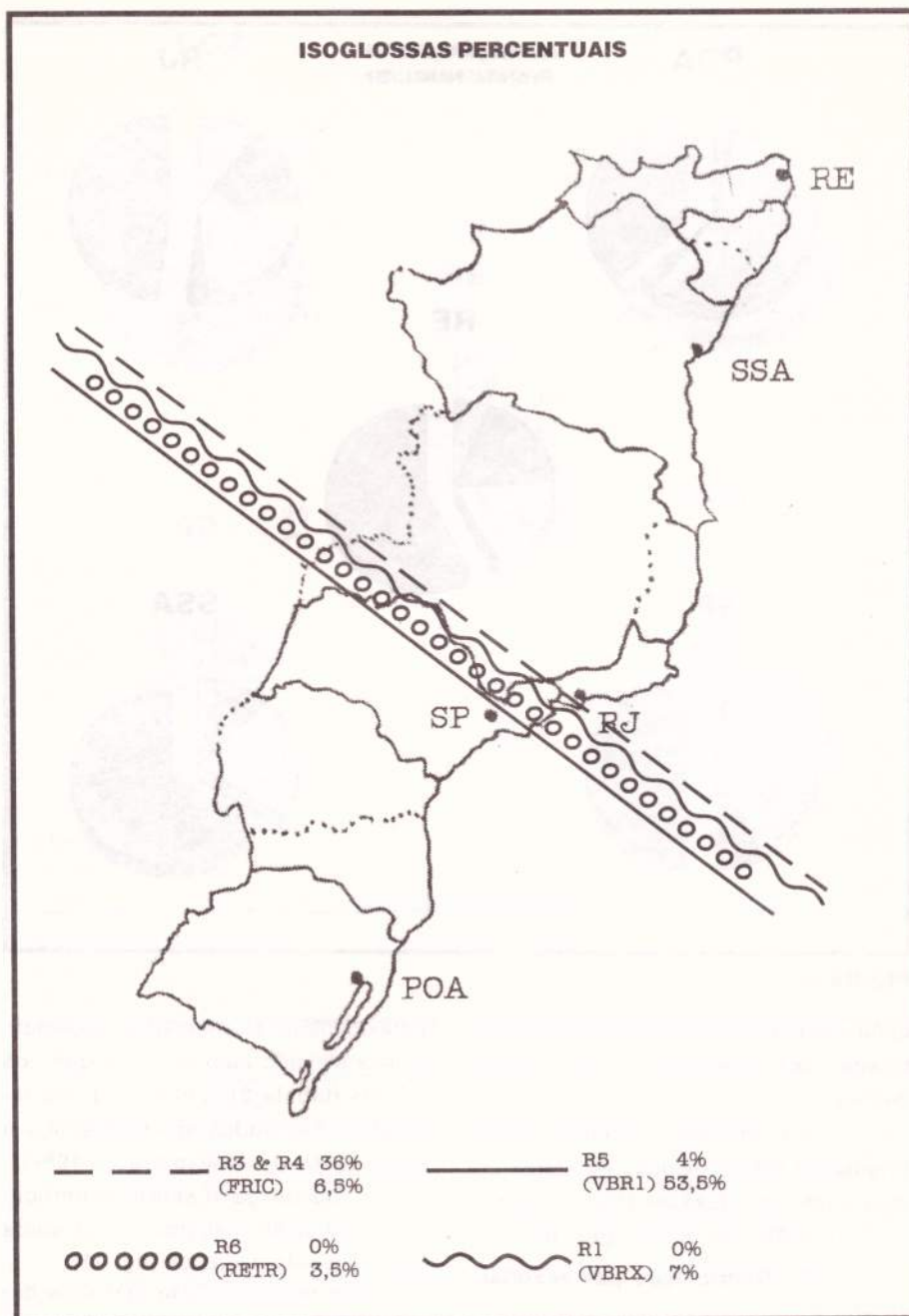


Figura 4. Isoglossas percentuais referentes às variantes retroflexa, vibrante ápico-alveolar simples, ápico-alveolar múltipla e fricativa (velar e aspirada)

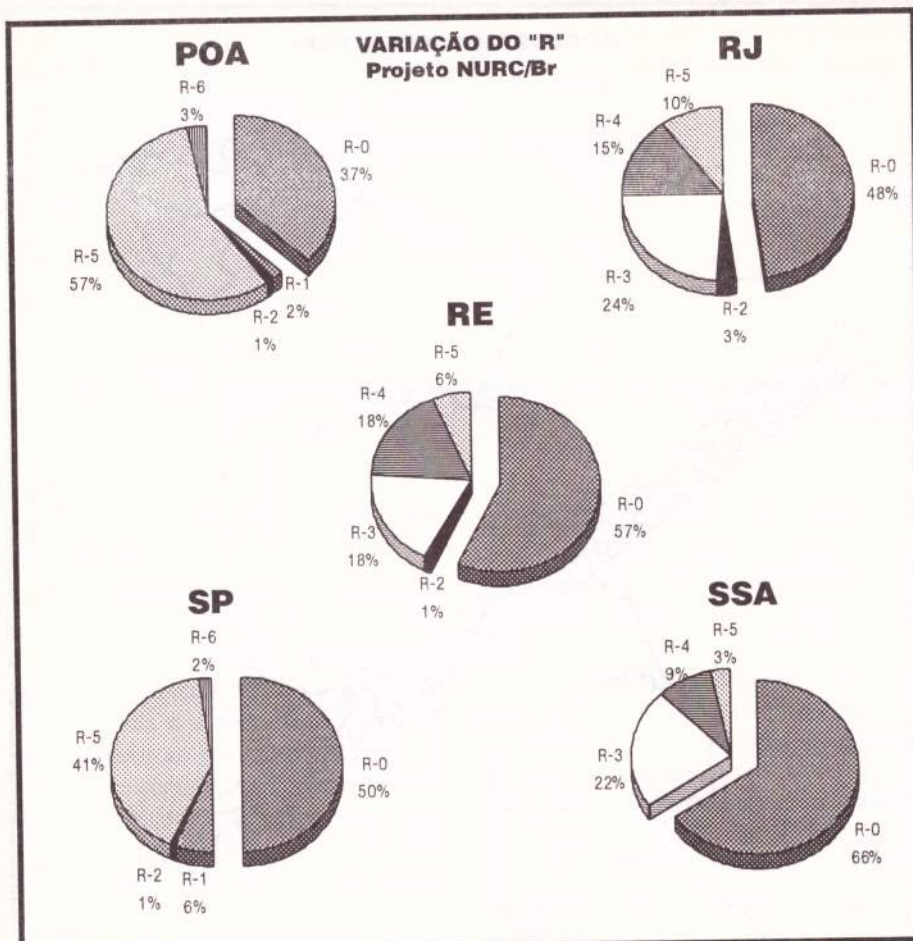


Figura 5. Posvocálico Final

opõe a fala de Porto Alegre à das outras cidades: 36% contra 5% em SP e 0% nas demais.

Por outro lado, a vibrante uvular singulariza SP em relação às outras cidades, com uma taxa de 11% *versus* 3% em POA e 0% nas demais (fig. 10).

3.3 - Distribuição por sexo/faixa etária

Pela análise dos dados, pôde-se verificar que o índice de aspiração, no

contexto inicial, é, em média, nitidamente mais elevado nas mulheres que nos homens (tabela 2), confirmando os resultados observados anteriormente em dados do Rio de Janeiro (Callou 1987).

O quadro geral, sem levar em conta a distribuição diatópica, torna ainda mais clara esta diferença (fig. 11).

Em relação à faixa etária, os dados parecem evidenciar uma mudança no sentido de um aumento de aspiração com o ápice de frequência nas faixas mais jo-

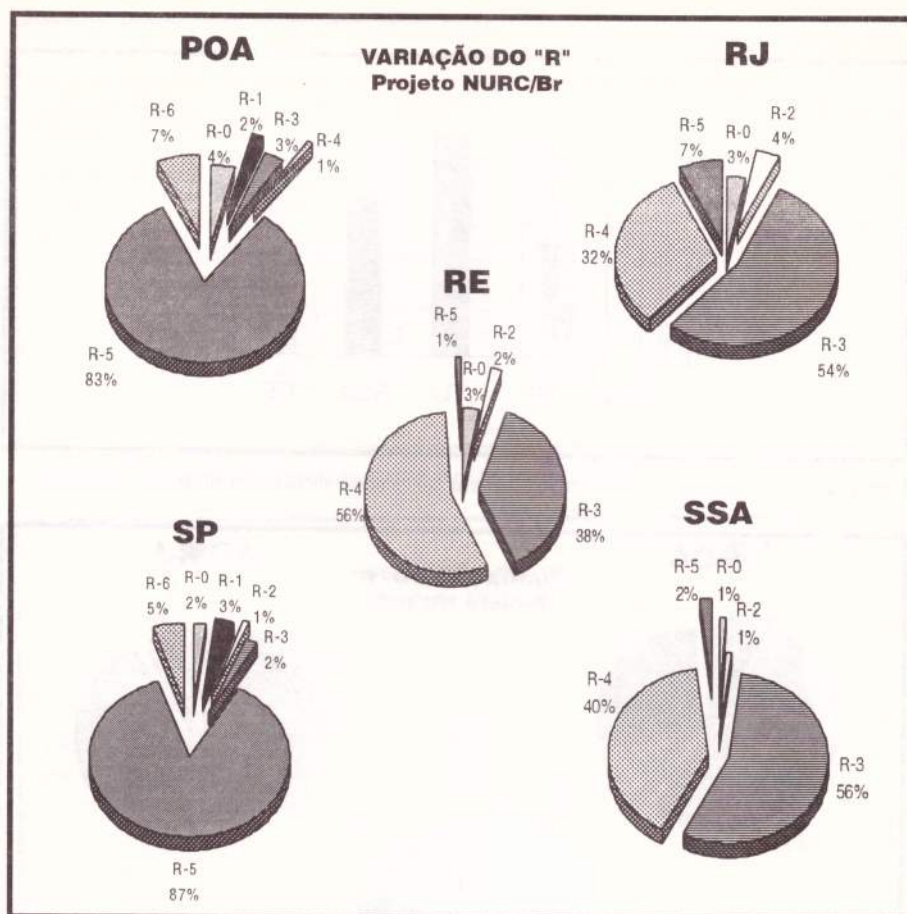


Figura 6. Posvocálico Medial

cidade falante	SP	RJ	POA	SSA	RE
H 3	0	5	8	49	38
H 2	0	39	7	67	73
H 1	12	65	4	54	70
M 3	17	33	0	75	75
M 2	0	65	14	75	97
M 1	22	61	22	100	83

Tabela 2. Frequência de uso, em percentagem, da variante aspirada em contexto inicial, discriminada segundo origem geográfica, sexo e faixa etária.

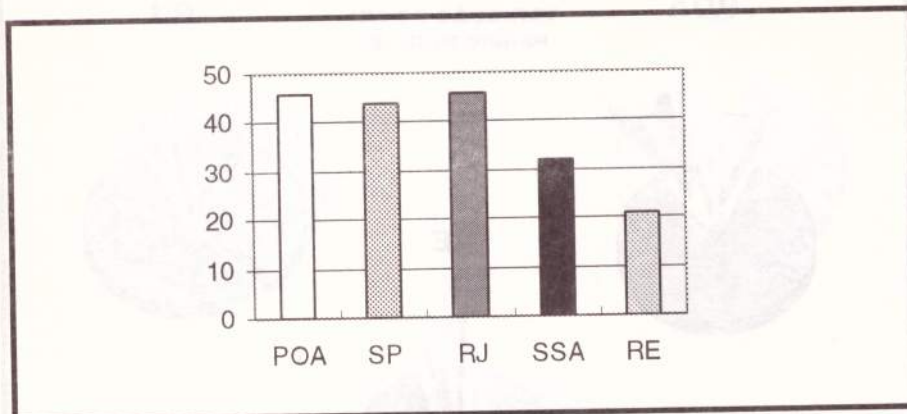


Figura 7. Distribuição por cidade da fricativa velar no contexto inicial de vocábulo

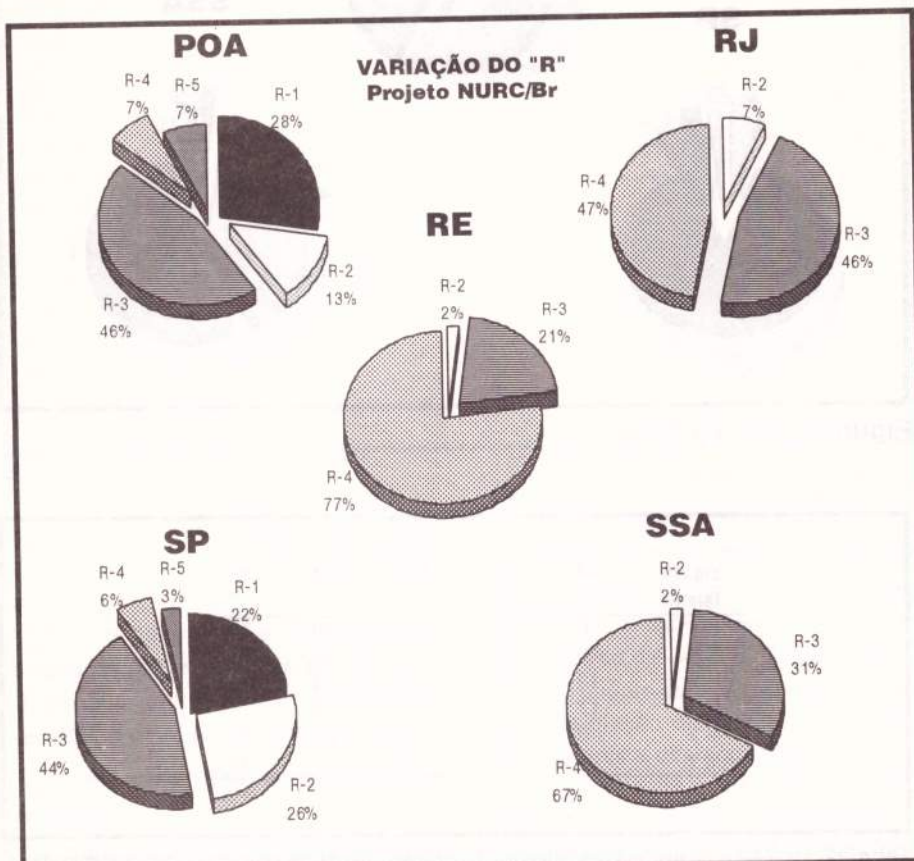


Figura 8. Inicial

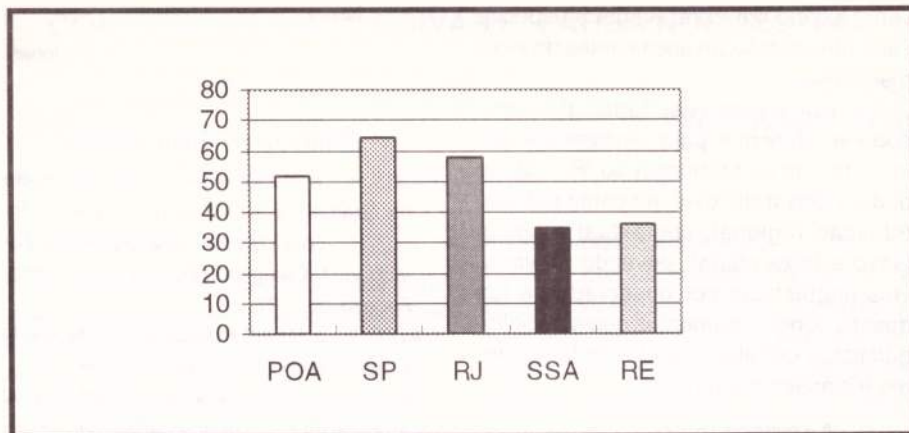


Figura 9. Distribuição por cidade da fricativa aspirada intervocálica

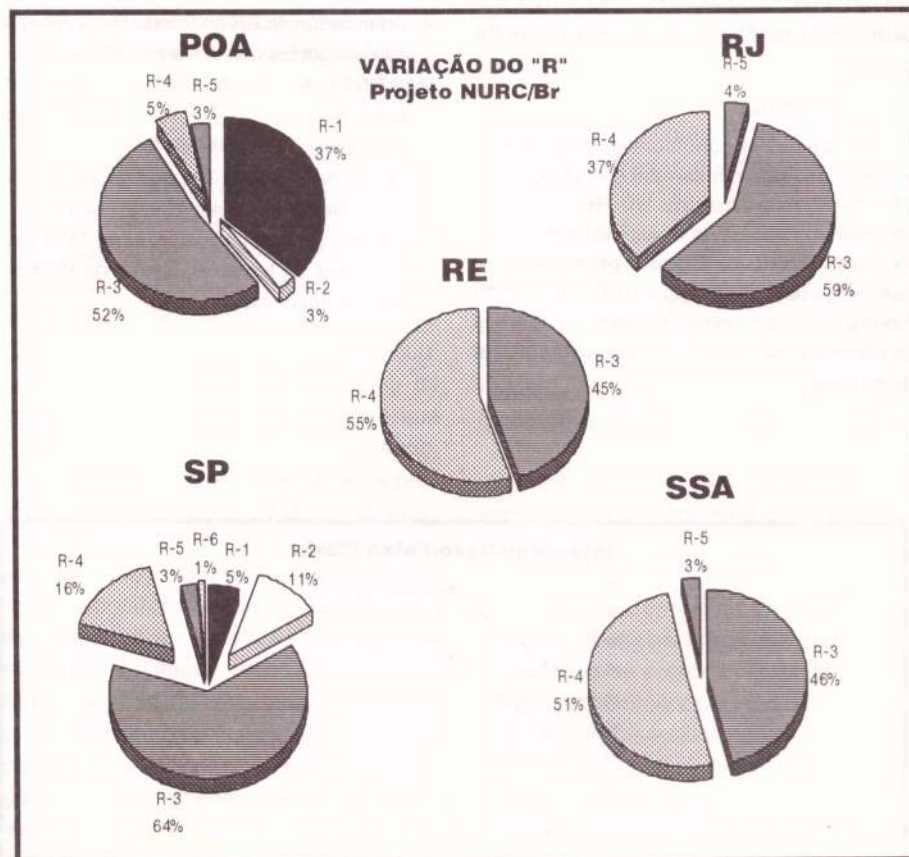


Figura 10. Intervocálico

vens, exceto em Porto Alegre e especificamente em relação aos falantes do sexo masculino.

Por esses resultados parciais, pode-se inferir que, para o estabelecimento da norma de pronúncia do /R/, não se poderá deixar de levar em conta sua distribuição regional, contextual e social (sexo e faixa etária), devendo as variáveis lingüísticas ser observadas à luz desses condicionamentos geo e sociolingüísticos, correlacionando ainda variantes e classes gramaticais.

Agradecimentos

Expressamos o nosso agradecimento ao bolsista Albert Stuckenbruck por sua colaboração em todas as etapas da pesquisa.

Résumé

Etude des conditionnements socio et géolinguistiques concernant la réalisation du /R/ dans le portugais du Brésil, avec délimitation des zones dialectales basées sur la distribution de ce segment phonique dans les cinq villes du projet NURC. Indices de changement à travers l'âge des locuteurs et distinction entre les variations masculines et féminines.

Nota

- 1 - Para a realização fonética desses fones, cf. Catford (1988).

Referências Bibliográficas

- CASTILHO, A. (1990) Apresentação do Projeto da Gramática do Português Falado. In: _____ (org.) *Gramática do Português Falado Vol I*, Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, pp. 7-27.
- CATFORD, J. (1988) *A practical Introduction to Phonetics*, Oxford: Clarendon Press.
- CALLOU, D. (1987) *Varição e Distribuição da Vibrante na Fala Urbana Culta da Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: UFRJ/ PROED.
- GRANDA GUTIERREZ, G. (1966) La Velarización de RR en Puerto Rico. *Revista de Filología Española*, Madrid, 49: 181-227.
- MARTINET, A. R. du Latin au Français d' Aujourd'hui. In: _____ *Le Français Sans Fard*, Paris: PUF, pp.132-143.
- PÄULSSON, C. (1972) *The Northumbrian Burr*, Lund: Berlingska Boktryckeriet Lund.
- SANKOFF, D. (1988) *Variable Rules*, Montréal: Université de Montreal, Centre de Recherches Mathématiques.



Figura 11. Distribuição da variante aspirada em contexto inicial; por sexo e faixa etária

CONSTRITIVAS IMPLOSIVAS EM ÁREA NORDESTINA

Jacyra Mota
Vera Rollemberg
UFBa

Resumo

A partir de dados fornecidos pelo *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e pelo *Atlas Lingüístico de Sergipe*, analisam-se as realizações de consoantes constritivas em distribuição implosiva em seus diversos contextos fônicos de ocorrência e depreende-se o fator lingüístico que favorece a palatalização dessas consoantes. Confrontam-se esses dados com os que documentam o processo de palatalização de constritivas implosivas em outras áreas nordestinas.

1. Preliminares

Os fonemas consonânticos constritivos alveolares não-sonoro /s/ e sonoro /z/ e palatais não-sonoro /ʃ/ e sonoro /ʒ/ do português têm sua oposição neutralizada quando figuram em distribuição implosiva. Se o segmento fônico a eles subsequente, após limite de sílaba ou de vocábulo, condiciona regularmente sua realização quanto ao traço sonoridade, sua natureza alveolar, dita sibilante pelo efeito auditivo que produz, ou palatal, também identificada como chiante, registra-se de modo variado pelas diferentes áreas geográficas brasileiras. Certas áreas se individualizam pela predominância de realizações palatais, como é o caso, por muitos referido, da variedade carioca com o seu chiamento característico¹, enquanto outras se configuram como de realizações majoritariamente alveolares, sendo inúmeras as referências a esse fato lingüístico, em sua maioria assistemáticas, em autores que se vêm ocupando de

nossa diversidade dialetal.

O *corpus* analisado no presente trabalho foi reunido a partir do levantamento² de formas que documentam realizações das consoantes constritivas implosivas cartografadas no *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*³ e no *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*⁴ e anotadas a informantes de área rural, de grau de escolaridade geralmente nulo, às vezes reduzido.

Os dados⁵ revelam uma concorrência entre variantes constritivas alveolares e constritivas palatais em área de Bahia e Sergipe, ao lado de outras variantes minoritárias. Eles serão examinados segundo o contexto fônico de ocorrência que permite agrupá-los (a) segundo a sua distribuição em final de sílaba interna ou de vocábulo e (b) segundo a natureza do segmento fônico subsequente, seja consoante ou limite de vocábulo.

2. Constritivas implosivas em sílaba interna e em final de vocábulo

2.1 Em sílaba interna

As ocorrências de constritivas implosivas coletadas em sílaba interna, se distribuídas de acordo com o traço sonoridade da consoante que inicia a sílaba seguinte, apresentam-se como segue.

2.1.1 Quando essa consoante é não-sonora, registram-se no *APFB* trezentas e oitenta e duas ocorrências em posição implosiva, sendo majoritária a concretização constritiva alveolar não-

sonora, em formas como **ci[s]co**, seguindo-se a realização constritiva palatal não-sonora, como em **cele[j]te**; registram-se, ainda, com percentual porém bem mais reduzido, realizações com transição articulatória de palatal para alveolar – **cele[s]te** – ou de alveolar para palatal – **e[s]pinha**; a vibrante uvular sonora – **po[p]tituta** – tem baixo índice de ocorrência e a redução a zero fonético também fica documentada em poucos casos, como em **re[ø]caldo**. É o que mostra a **tabela 1**.

	[s]	[j]	[ʃs]	[sj]	[p]	[ø]
Nº	208	143	15	10	02	04
%	54,45	37,43	3,93	2,62	0,52	1,05

Tabela 1: Variantes implosivas em sílaba interna antes de consoante não-sonora no APFB

O ALS documenta nessa mesma distribuição, como se vê na **tabela 2**, a predominância da variante palatal sobre a alveolar. Registram-se, minoritariamente, as realizações palatal-alveolar e alveolar-palatal, sendo baixo o percentual de incidência da variante constritiva faríngea, realizada em **ci[h]co**, por exemplo, assim como o do apagamento da implosiva.

	[s]	[j]	[ʃs]	[sj]	[p]	[ø]
Nº	46	100	03	01	02	02
%	29,87	64,93	1,95	0,65	1,3	1,3

Tabela 2: Variantes implosivas em sílaba interna antes de consoante não-sonora no ALS

2.1.2 Ainda em sílaba interna, quando é sonora a consoante da sílaba seguinte, verificam-se apenas trinta realizações constritivas sonoras na Bahia, distribuído com um certo equilíbrio o percentual de ocorrência da variante alveolar, como em **e[z]bugalhado** e da palatal, como em **e[ʒ]bugalhado**. Uma única vez se documenta a transição articulatória de palatal para alveolar –

e[ʒ]botecado –, havendo ainda realizações da vibrante uvular, como em **co[p]me e damião**. Esses dados se reúnem na **tabela 3**.

	[z]	[ʒ]	[ʒz]	[p]
Nº	12	11	01	06
%	40,0	36,67	3,33	20,0

Tabela 3: Variantes implosivas em sílaba interna antes de consoante sonora no APFB

Em Sergipe, se constata nessa distribuição a mesma redução no número de ocorrências – elas são apenas oito – assim como um equilibrado percentual de incidência para a alveolar sonora e para a palatal sonora. Ao seu lado se registra uma ocorrência da velar sonora, em **co[x]me e damião**, e uma da transição articulatória palatal para faríngea em **co[ʃh]me e damião**. É o que se vê na **tabela 4**.

	[z]	[ʒ]	[x]	[ʃh]
Nº	03	03	01	01
%	37,5	37,5	12,5	12,5

Tabela 4: Variantes implosivas em sílaba interna antes de consoante sonora no ALS

2.2 Em sílaba final

Em distribuição final de vocábulo devem-se distinguir os casos em que às realizações em exame se segue limite de vocábulo acompanhado de consoante dos casos em que essas realizações figuram diante de pausa. Antes de consoante que inicia o vocábulo seguinte, as ocorrências se reduzem muito em número, tendo em vista que as respostas cartografadas são predominantemente de natureza monovocabular.

2.2.1 Diante de consoante não-sonora o APFB registra apenas quatro exemplos, um com a alveolar e três com

a palatal não-sonoras. No ALS cinco são os exemplos, sempre com a palatal não-sonora.

2.2.2 Se a consoante da palavra subsequente é sonora, a realização alveolar sonora é a que tem percentual mais alto na Bahia (61.54%), seguida da palatal sonora (30.77%), havendo ainda uma única ocorrência da uvular sonora no reduzido total de treze exemplos. Em Sergipe elas são um pouco mais numerosas nesse contexto – em número de vinte e uma – com um relativo equilíbrio para o percentual de incidência da palatal e da alveolar sonoras (47.82% e 42.86%). Registra-se, ainda, um exemplo da realização velar-palatal – *sinai* [x₃], não é? – e um da variante faríngea.

2.2.3 Em final de vocábulo diante de pausa, os dados nos dois atlas se aproximam em relação às variantes não-sonoras alveolar ou palatal, sendo nítida a preferência pela alveolar, sobretudo em Sergipe, como demonstram as tabelas 5 e 6.

	[s]	[ʃ]	[ʃs]
Nº	91	47	03
%	64.54	33.33	2.13

Tabela 5: Variantes implosivas em sílaba final diante de pausa no APFB.

	[s]	[ʃ]	[ʃs]	[x]	[h]
Nº	61	19	01	01	02
%	72.62	22.62	1.19	1.19	2.38

Tabela 6: Variantes implosivas em sílaba final diante de pausa no ALS

A realização palatal-alveolar tem baixo índice de ocorrência tanto na Bahia como em Sergipe, além de nesse último documentarem-se, também com muito baixa incidência, as variantes velar e faríngea.

2.3 Dados globais

Tomados de modo global, os dados se apresentam como na **tabela 7**. Na Bahia, predominam as variantes alveolares sobre as palatais. Em Sergipe, entretanto, os índices de frequência dessas variantes pouco se distanciam, sendo o das palatais ligeiramente superior ao das alveolares.

3. Constrictivas implosivas e os traços de zona de articulação da consoante subsequente

Atendo-nos às variantes alveolares e palatais, uma vez que as demais têm baixa representatividade no *corpus*, passamos a examiná-las em sua relação com a natureza da consoante subsequente quanto aos traços que definem a sua zona de articulação.

Em vista do baixo índice de ocorrência de exemplos em distribuição final de vocábulo antes de palavra iniciada por consoante, que decorre, como já referido, da natureza predominantemente monovocabular das respostas transcritas, reunimos os dados recolhidos nessa distribuição aos que figuram em final de sílaba interna.

Áreas geográficas	Alveolares		Palatais		Outras	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Bahia	234	53.91	161	37.10	39	8.99
Sergipe	128	43.54	145	49.32	21	7.14

Tabela 7: Variantes implosivas no APFB e no ALS: dados globais

Contextos	APFB				ALS			
	Alveolar		Palatal		Alveolar		Palatal	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
/—(\$) /p/	24	58.54	17	41.46	04	57.14	03	42.86
/—(\$) /t/	40	36.36	70	63.64	05	5.81	81	94.19
/—(\$) /k/	145	71.08	59	28.92	37	63.79	21	36.21

Tabela 8: Variantes implosivas em sílaba interna e em sílaba final, antes de consoante não-sonora, no APFB e no ALS

3.1 Como podemos observar na **tabela 8**, que apresenta os dados diante de oclusivas não-sonoras, os mais altos percentuais da variante alveolar não-sonora verificam-se diante de consoante velar, seguindo-se o contexto com presença de consoante labial, tanto na Bahia quanto em Sergipe. Por outro lado, a presença de implosiva palatal não-sonora registra-se, nos dois casos, com percentual mais elevado quando contextualmente segue-se-lhe a consoante dental.

Quanto às variantes sonoras, o pequeno número de exemplos documentados dificulta considerações de ordem estatística. Os percentuais de ocorrência das implosivas alveolar e palatal que precedem consoante sonora são os que figuram na **tabela 9**.

3.2 Podemos assim constatar que

a variação entre alveolar e palatal das constrictivas implosivas relaciona-se com os traços de zona de articulação da consoante subsequente: antes de consoante labial e velar há maior frequência da alveolar; precedendo a consoante dental não-sonora figura majoritariamente a realização palatal.

Outro aspecto observado é a diferença entre a incidência da constrictiva alveolar e da constrictiva palatal diante da oclusiva dental não-sonora no APFB e no ALS. Em Sergipe a palatal é mais frequente do que na Bahia, chegando a atingir a quase totalidade dos dados, com o significativo índice de 94.19%.

A consoante oclusiva dental não-sonora apresenta-se, nos dados examinados, sob duas variantes: uma dental e outra palatalizada por influência contex-

Contextos	APFB				ALS			
	Alveolar		Palatal		Alveolar		Palatal	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
/—(\$) /b/	06	54.55	05	45.45	03	50.0	03	50.0
/—(\$) /m/	08	80.0	02	20.0	-	-	-	-
/—(\$) /d/	03	60.0	02	40.0	03	60.0	02	40.0
/—(\$) /n/	03	33.33	06	66.67	06	42.86	08	57.14

Tabela 9: Variantes implosivas em sílaba interna e em sílaba final, antes de consoante sonora, no APFB e no ALS.

Variantes de /t/	APFB				ALS			
	Alveolar		Palatal		Alveolar		Palatal	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[t̪]	04	22.22	14	77.78	-	-	-	-
[t]	06	75.0	02	25.0	01	16.67	05	83.33

Tabela 10: Variantes implosivas em sílaba interna em relação às variantes da oclusiva dental não-sonora na seqüência /t+/i/ no APFB e no ALS.

tual da vogal anterior alta em realizações de formas do tipo **arco celes**[t̪]e, **pros**[t̪]ituta. A variante dental documenta-se diante de certas vogais – como em **costura**, **diarista** – e da vibrante alveolar – como em **estrela**; além disso, ela concorre com a variante palatalizada na seqüência /t+/i/, uma vez que a consoante mantém freqüentemente, antes da vogal /i/, sua articulação oclusiva dental, às vezes bastante tensa, em realização habitual na área nordestina.

As trinta e duas ocorrências – vinte e seis no APFB e seis no ALS – das variantes palatalizada e dental da oclusiva na seqüência /t+/i/ em sua relação com as variantes alveolar ou palatal da constritiva que as antecede podem ser observadas na **tabela 10**.

Reunidas todas as ocorrências de /t/ precedidas de constritivas implosivas, quer diante da vogal /i/, quer diante de outros segmentos fônicos — em número de cento e noventa e seis, cento e dez cartografadas no APFB e oitenta e seis no ALS — os dados se mostram como na **tabela 11**, em que se distribuem as

Variantes de /t/	Alveolar		Palatal	
	Nº	%	Nº	%
[t̪]	04	22.22	14	77.78
[t]	41	23.03	137	76.79
Totais por implosiva	45	22.96	151	71.04

Tabela 11: Variantes implosivas em sílaba interna e em sílaba final em relação às variantes da oclusiva dental não-sonora no APFB e no ALS

variantes não-sonoras alveolar e palatal da implosiva segundo a natureza palatalizada ou dental do /t/ subsequente.

O exame da tabela anterior permite constatar um número bem menor de realizações do /t̪/ sob a variante palatalizada (dezoito ocorrências), frente ao elevado número de casos em que a oclusiva se realiza sob a variante dental (cento e setenta e oito ocorrências, sendo catorze na seqüência /t+/i/ e as demais antes de outros segmentos vocálicos ou da vibrante alveolar).

Atentando-se para as ocorrências de constritivas implosivas documentadas antes da variante dental do /t/, inclusive na seqüência /t+/i/, vê-se que a implosiva sob a realização palatal figura com índice bem mais elevado de freqüência do que a alveolar.

Situação semelhante se constata se se toma o total dos dados referentes a cada uma das variantes implosivas diante de /t/: considerada a soma das formas registradas nos dois atlas, a constritiva palatal apresenta elevado percentual de ocorrência em detrimento da variante alveolar.

3.3 A análise dos dados evidencia que, na área em estudo, não é a realização palatalizada da oclusiva dental subsequente [t̪] que favorece, como se poderia imaginar, a assimilação de traços entre a constritiva implosiva e a consoante que se lhe segue. Ela autoriza, antes, a suposição de que a oclusiva em sua realização dental, apresentando traços de zona de articulação coincidentes

com os da constritiva alveolar, favorece, por um processo dissimilatório, a modificação do traço anterioridade da consoante implosiva, por outras palavras, sua palatalização.

O processo de posteriorização da constritiva em final de sílaba, favorecido pela consoante dental que se lhe segue, está mais avançado, como vimos, em áreas de Sergipe do que na Bahia. Destaque-se, com relação à primeira, que não se registra no ALS, após a constritiva implosiva, qualquer realização palatalizada da oclusiva na seqüência /t+/l/, mas tão somente a realização dental freqüente em área nordestina.

A palatalização de constritivas implosivas, iniciada no contexto que a favorece, vai atingindo gradativamente os demais, originando a coocorrência de realizações alveolares e palatais em algumas áreas, como ficou visto para a Bahia e Sergipe, que pode ser constatada mesmo em distribuição final absoluta.

Vale ressaltar que os dados referentes às realizações constritivas em distribuição implosiva na Bahia e em Sergipe confirmam o fato já destacado por Silva Neto⁶ de que a palatalização das constritivas "começa em fim de sílaba interior", atingindo depois a distribuição final de vocábulo diante de pausa.

3.4 Merece relevo o fato de que situação semelhante a essa constatada na Bahia e em Sergipe pode ser verificada em outras áreas dialetais nordestinas. Além de referências antigas, sistemáticas, a realizações palatais de constritivas implosivas no Ceará, sempre precedendo consoante dental⁷, trabalhos mais recentes fornecem elementos que confirmam que as constritivas implosivas se vêm sujeitando a um processo de palatalização favorecido por consoante mar-

cada pelo traço anterioridade que figura na sílaba seguinte.

Em consulta às cartas do *Atlas Lingüístico da Paraíba*⁸ verifica-se esse condicionamento no que diz respeito à dental não-sonora: registra-se diante dessa consoante apenas a constritiva palatal, com ausência da realização alveolar. Antes de outras consoantes não-sonoras e em posição final absoluta, no entanto, documenta-se unicamente a variante alveolar.

Em dados recolhidos da fala de Nata⁹ — área em que predominam as realizações alveolares — a variante palatal tem a sua distribuição limitada aos contextos em que estão presentes as consoantes /t/ e /d/, quando a constritiva implosiva encontra-se em distribuição medial de palavra. Em final de palavra, diante de consoante imediatamente seguinte, o contexto favorecedor se amplia, incluindo também a nasal /n/ e a lateral /l/. Em distribuição final absoluta, porém, ocorre sempre a realização alveolar.

Esses dados referentes à Paraíba e ao Rio Grande do Norte não somente vêm em favor da aludida suposição de que na Bahia e em Sergipe a modificação do traço anterioridade da constritiva implosiva não-sonora é favorecida pelo traço anterioridade da oclusiva de sílaba seguinte, mas também ampliam o contexto que favorece a palatalização de constritivas implosivas, nele incluindo as consoantes sonoras /d, n, l/, igualmente marcadas como anteriores.

De referência à Bahia, acrescenta-se que a análise de um segmento do *corpus* reunido em Salvador para o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC)¹⁰ revela a coocorrência de variantes alveolares e de variantes palatais para as constritivas implosivas em falantes cultos des-

sa cidade. Em quatro dos possíveis contextos de ocorrência — em sílaba interna e em final de vocábulo quer diante de consoante não-sonora quer diante de consoante sonora subsequente — as variantes palatais superam em número as variantes alveolares, enquanto em final de vocábulo diante de pausa a realização alveolar é a mais freqüente. Se se examina o percentual de ocorrência da variante palatal antes de cada uma das consoantes não-sonoras imediatamente seguintes — /p, t, k, f/ — os dados mostram que a variante implosiva palatal tem marcante predominância sobre a alveolar exatamente quando se lhe segue a oclusiva dental não-sonora, tanto em sílaba interna quanto em final de vocábulo.

4. Considerações finais

As variantes dialetais brasileiras, quanto ao processo de palatalização de consoantes constrictivas implosivas, encontram-se em fases distintas.

Os dialetos de algumas áreas se caracterizam pela realização majoritária de implosivas alveolares, entre elas São Paulo, como é sabido. Em outras áreas, a consoante da sílaba imediata, quando marcada pelo traço anterioridade, seleciona as variantes palatais que coocorrem com as alveolares, embora com graus distintos de freqüência. Diante da oclusiva /t/ documenta-se a implosiva palatal não-sonora, não se constatando a alveolar, que ocorre antes das outras consoantes não-sonoras, como na Paraíba. O contexto favorável à palatalização pode se estender a outras consoantes marcadas como anteriores, levando à alternância entre alveolares e palatais, como é o caso da fala de Natal. O processo de palatalização, mais avançado no contexto que o favorece, vai alcançando os de-

mais contextos, registrando-se até mesmo em final absoluto de palavra a concorrência entre alveolar e palatal, como na área rural de Bahia e Sergipe e na variedade culta de Salvador. Em outras áreas, finalmente, o processo de palatalização de constrictivas implosivas generaliza-se ainda mais: elas se individualizam pela alta predominância de realizações palatais sobre alveolares em qualquer contexto fônico, como é o caso do Rio de Janeiro.

A realização das consoantes constrictivas implosivas é fato lingüístico que, se rigorosamente investigado, poderia vir a ser utilizado — conjugado a outros — para uma adequada delimitação de variedades dialetais da língua portuguesa no espaço brasileiro, assim como para a caracterização, quem sabe, de diferentes estratos sociais a que pertencem seus falantes.



Résumé

A partir de données fournies par l'Atlas Prévio dos Falares Baianos et par l'Atlas Linguistique de Sergipe, on analyse les réalisations des consonnes constrictives en distribution implosive en leurs divers contextes phoniques d'occurrence et on met en évidence le facteur linguistique qui favorise la palatalisation de ces consonnes. On compare ces données avec celles qui attestent le processus de palatalisation de constrictives implosives en d'autres régions du Nord-Est.

Notas

- 1 A propósito de constrictivas implosivas nessa área, cf. CALLOU, Dinah Maria & MARQUES, Maria Helena. O -s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. *Littera*, Rio de Janeiro, 14: 9-137,

- 1975, trabalho que as examina, pela primeira vez, com base em dados sistematicamente recolhidos.
- 2 Consideramos a ocorrência das variantes nos pontos, desprezando a frequência com que se manifestaram em cada um deles.
 - 3 ROSSI, Nelson *et alii*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
 - 4 FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; FREITAS, Judith; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera & ROSSI, Nelson. Salvador: Universidade Federal da Bahia / Fundação Estadual de Cultura do Estado de Sergipe, 1987.
 - 5 Retomam-se nesse trabalho os dados analisados em comunicação apresentada pelas autoras ao III Encontro Nacional de Fonética e Fonologia (João Pessoa, PB, set. 1988) sob o título *Constritivas implosivas no 'falar baiano'*.
 - 6 Cf. SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1986, p.173.
 - 7 Cf., entre outros, CASTRO, J. Liberal de. *Extração da média aritmética da pronúncia nacional. Caracterização de base carioca, como resultado da média. Notas subsidiárias a respeito do linguajar cearense e RÉVAH, I.S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours*. I Congresso Brasileiro da Língua Falada no Teatro, *Anais ...* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. p. 101-110 e 387-399, respectivamente.
 - 8 ARAGÃO, Maria do Socorro & MENEZES, Cleuza. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, vol.I, 1984.
 - 9 Cf. PESSOA, Maria Angélica. O -s pós-vocálico na fala de Natal. I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil, *Atas ...* Salvador, UFBA/Instituto de Letras, 1986. p. 209-216. O trabalho analisa dados de quatro informantes femininas, duas estudantes universitárias, de classe média alta e duas semi-alfabetizadas, todas com idades entre 20 e 25 anos.
 - 10 Trata-se de uma amostra constituída de vinte e quatro inquéritos, sendo doze do tipo elocução em situação formal e doze do tipo diálogo entre informante e documentador, que documentam o desempenho lingüístico de falantes de formação universitária de ambos os sexos e de três faixas etárias, analisadas pelas autoras desse trabalho, que vêm desenvolvendo, com a participação de estudantes bolsistas do CNPq, o projeto "Consoantes implosivas na norma culta brasileira".

VARIAÇÃO GEOGRÁFICA: REPENSANDO ESTRATÉGIAS DESCRITIVAS*

Myrian Barbosa da Silva
UFBa/CNPq

Resumo

O que usualmente se tem considerado como características do português do Brasil parece resultar dos limites da pesquisa sobre os dialetos nacionais. Neste trabalho discute-se a necessidade de se estimular as descrições em áreas pouco investigadas e as dificuldades de se confrontarem resultados de trabalhos já concluídos, de modo a se constituir um quadro mais aproximado da realidade lingüística do país.

1 - Introdução

Num país com as dimensões do Brasil qualquer empreendimento se torna uma tarefa para muitos. Não seria diferente para o lingüista interessado em generalizações sobre o português, muito menos, para o sociolingüista e para o dialetólogo envolvidos na descrição da variedade brasileira. As pesquisas individuais, a par da contribuição que possam dar, acabam por ter uma importância muito localizada. Muitos trabalhos de boa qualidade, frutos desse esforço isolado, têm tido como destino as prateleiras da biblioteca do seu autor ou do curso de pós-graduação que o gerou, apesar das tentativas de divulgação através de catálogos bibliográficos, que, com muita dificuldade, têm sido editados.

Não estão nesse caso as investigações sobre as pretônicas brasileiras, traço que despertou, nas duas últimas décadas, o interesse de vários lingüistas, espalhados em alguns pontos do país. No entanto, para que se arme todo o que-

bra-cabeça, nesse grande tabuleiro nacional ainda falta muito, e será necessário que se superem algumas dificuldades.

A primeira delas, inerente à própria extensão do território, relaciona-se com os recursos necessários para cobri-lo inteiramente.

A segunda refere-se à dificuldade de serem confrontados resultados fornecidos por trabalhos com pressupostos teóricos diferentes, obtidos por metodologias diversas, ou por trabalhos que partilhem os mesmos pressupostos mas que, por não terem sido discutidos suficientemente, correm por trilhos próprios, nem sempre paralelos.

2 - O que temos até agora

Como se sabe, as pretônicas podem ser consideradas uma das marcas geográficas mais importantes do português. Elas distinguem a nossa variedade da européia, e, dentro do Brasil, os dialetos do Norte e do Sul.

Considerando as informações recolhidas num certo número de trabalhos de orientação variada¹, parece possível afirmar que o que separa as regiões não é a elevação (ou o alteamento, ou o alçamento como preferem outros) das pretônicas. De sul a norte observa-se o fenômeno, que tem manifestações quantitativamente diversa em cada parte e se espalha de modo diferente pelo léxico da língua, mas que atua em contextos fônicos bem semelhantes. A natureza desse fenômeno tem sido discutida, principal-

VARIAÇÃO GEOGRÁFICA: REPENSANDO ESTRATÉGIAS DESCRITIVAS*

Myrian Barbosa da Silva
UFBA/CNPq

Resumo

O que usualmente se tem considerado como características do português do Brasil parece resultar dos limites da pesquisa sobre os dialetos nacionais. Neste trabalho discute-se a necessidade de se estimular as descrições em áreas pouco investigadas e as dificuldades de se confrontarem resultados de trabalhos já concluídos, de modo a se constituir um quadro mais aproximado da realidade lingüística do país.

1 - Introdução

Num país com as dimensões do Brasil qualquer empreendimento se torna uma tarefa para muitos. Não seria diferente para o lingüista interessado em generalizações sobre o português, muito menos, para o sociolingüista e para o dialetólogo envolvidos na descrição da variedade brasileira. As pesquisas individuais, a par da contribuição que possam dar, acabam por ter uma importância muito localizada. Muitos trabalhos de boa qualidade, frutos desse esforço isolado, têm tido como destino as prateleiras da biblioteca do seu autor ou do curso de pós-graduação que o gerou, apesar das tentativas de divulgação através de catálogos bibliográficos, que, com muita dificuldade, têm sido editados.

Não estão nesse caso as investigações sobre as pretônicas brasileiras, traço que despertou, nas duas últimas décadas, o interesse de vários lingüistas, espalhados em alguns pontos do país. No entanto, para que se arme todo o que-

bra-cabeça, nesse grande tabuleiro nacional ainda falta muito, e será necessário que se superem algumas dificuldades.

A primeira delas, inerente à própria extensão do território, relaciona-se com os recursos necessários para cobri-lo inteiramente.

A segunda refere-se à dificuldade de serem confrontados resultados fornecidos por trabalhos com pressupostos teóricos diferentes, obtidos por metodologias diversas, ou por trabalhos que partilhem os mesmos pressupostos mas que, por não terem sido discutidos suficientemente, correm por trilhos próprios, nem sempre paralelos.

2 - O que temos até agora

Como se sabe, as pretônicas podem ser consideradas uma das marcas geográficas mais importantes do português. Elas distinguem a nossa variedade da européia, e, dentro do Brasil, os dialetos do Norte e do Sul.

Considerando as informações recolhidas num certo número de trabalhos de orientação variada¹, parece possível afirmar que o que separa as regiões não é a elevação (ou o alteamento, ou o alçamento como preferem outros) das pretônicas. De sul a norte observa-se o fenômeno, que tem manifestações quantitativamente diversa em cada parte e se espalha de modo diferente pelo léxico da língua, mas que atua em contextos fônicos bem semelhantes. A natureza desse fenômeno tem sido discutida, principal-

mente, por Oliveira, que defende a tese de que essa regra não segue um modelo neogramático, mas se encaixa entre os casos de difusão lexical.

Um dos traços que distingue os dialetos brasileiros, como disse Nascentes, é a presença x ausência de pretônicas abertas. Reunindo-se informações de várias procedências, constata-se hoje a existência de três comportamentos em relação a esse traço:

- a) o de áreas onde **é** e **ó** só se realizam em sílaba pré-acentuada naqueles casos previstos por Nascentes: nos derivados em *-inho*, *-zinho* e *-mente*, que conservam a vogal primitivamente acentuada;
- b) o de áreas onde se verifica a alternância entre pretônicas de timbre aberto e fechado, com preferência pelas primeiras;
- c) o de áreas que admitem a alternância entre pretônicas médias e baixas, ainda que as últimas ocorram em percentagem muitíssimo baixa.

Os limites dessas áreas estão por se estabelecer e a bibliografia conhecida leva a crer que dentro delas diferenças contextuais produzam um quadro mais complexo.

As pesquisas de Callou/Leite, no Rio e a de Bortoni *et alii* em Brasília revelaram a existência de dialetos que, embora prefiram as pretônicas de timbre fechado, admitem as de timbre aberto em outros contextos além dos previstos por Nascentes (de derivados de *-zinho*, *-inho* e *-mente*). Coincide que nas duas cidades verificou-se uma forte imigração de nordestinos. A diferença entre os resultados das duas pesquisas reside no fato de que em Brasília os pesquisadores observaram uma situação que sugere perda de regra², o que não se pode inferir

dos resultados publicados sobre o Rio de Janeiro. Sendo a imigração para a Capital Federal um processo mais recente, a diferença pode estar no fato de uma mudança não se ter ainda completado aí.

Mas os nordestinos não imigraram apenas para essas cidades. Se numerosos, podem ter deixado o seu rastro lingüístico, sua marca forte, como diz o poeta, *as coisas belas* que ajudaram a erguer pela força do seu braço em São Paulo e em outros estados do Sul.

Sem quantificar, Rodrigues (1974:174) registrou as pretônicas de timbre aberto no dialeto caipira de Piracicaba e Abaurre-Gnerre (1981:27) as inclui na lista de exemplos do dialeto capixaba.

No Norte, no chamado falar amazonense, área de predominância dos **és** e **ós**, também não há segurança de uniformidade. Os trabalhos de Cunha e Silva (1980) sobre Manaus, e o de Vieira (1979) sobre algumas cidades do interior do Pará têm orientações teóricas diferentes, e os *corpora* apresentados sugerem uma convergência da fala manauense para o padrão nordestino, enquanto, estranhamente, os dialetos paraenses seguem o modelo do sul.

3 - Como avançar?

Para prosseguir atingindo o objetivo de produzir trabalhos cada vez mais intercomparáveis, precisamos, a meu ver, de um acordo e de uma estratégia. Um acordo em relação à própria concepção do fenômeno e uma estratégia sobre o modo de processar os dados e de estender a pesquisa a outras regiões.

O primeiro ponto que trago para discussão é a necessidade de ver a regra de elevação como um processo independente, que deve ser estudado à parte, ou como uma variação binária, isto

é, entre pretônicas altas e não-altas (reunindo aí médias e baixas), ou como um fenômeno de difusão lexical, como propõe Oliveira (1992:32-41).

A conseqüência dessa visão é que, no estudo das pretônicas não-altas, os dados de realizações altas não deveriam figurar. Se tenho, por exemplo, no dialeto X 45 ocorrências de **is**, 35 de **ês** e 20 de **és** deverei atribuir respectivamente 45%, 35% e 20% da amostra à realização alta, média e baixa. Mas se considero à parte a alternância entre **ês** e **és** a proporção entre essas variáveis dependentes muda: os **ês** passam a constituir 63,63% da amostra concorrendo com 36,36% de **és** o que, me parece, espelhará melhor o papel das pretônicas baixas naquele dialeto.

A própria denominação que tem sido atribuída às regras envolvidas revela uma visão diferenciada delas. Se por um lado, seguindo Bisol (1981), a maior parte dos estudos preferiu referir-se à alternância entre altas e não-altas como regra de elevação, pressupondo um processo que tem como ponto de partida a vogal média, por outro a alternância entre médias e baixas não logrou tanta concordância. Naturalmente isso aconteceu por ela ter sido vista de modo diferente por cada grupo de pesquisadores.

Barbosa da Silva (1989) a denominou *regras de timbre*. Callou et alii (1986,1991) consideraram as realizações baixas produto de uma *regra de abaixamento*, mantendo como básica a vogal média, embora admitam no trabalho mais recente (p.77) a hipótese de interpretar a ocorrência de vogais baixas como uma manutenção, o processo histórico sendo $\acute{e} > \hat{e} > i$. Bortoni et alii (1992:15) também se referem ao *abaixamento* de **e** e **o**, mas não fica claro no referido trabalho

se elas atribuem a esse termo a passagem de média a baixa, como sugerem as tabelas que separam as percentagens entre altas, médias e baixas ou se esse termo está sendo usado para alternância entre não-altas e altas, já que as tabelas que apresentam os pesos relativos dos fatores são construídas reunindo médias e baixas com o rótulo *Abaixamento ê + é*.

Se aceita a sugestão que aqui apresento de se estudar isoladamente a alternância entre médias e baixas, proponho que se discuta a natureza dessa regra.

Em 1989, descrevendo o dialeto culto de Salvador deparei-me com o que se poderia chamar de uma alternância fraca entre as pretônicas médias e baixas, isto é, em que uma das variantes não ultrapassava o limite de 7%, mas era quantitativamente significativa em um dos contextos (antes de sílaba contendo vogal alta).

O contexto vocálico da sílaba subsequente favorecia, pois, uma das variantes e, em alguns casos, a alternância se estabelecia por conta de umas poucas ocorrências da variante concorrente. Isso aconteceu, por exemplo, no contexto de vogais médias, onde 111 **ôs** se contrapunham a 6 **ós**; e no ambiente da baixas (ó e é), sendo, então, os **ós** que prevaleciam sobre os **ôs** com 119 casos contra 5. Essa distância aumentada na presença da vogal a: 253 registros de ó e apenas 2 de ô.

Esse fenômeno foi também constatado entre as pretônicas não-recuadas:

	ô	ó	Total
antes de u,i	72	134	206
antes de ô,ê	111	6	117
antes de ó,é	5	119	124
antes de a	2	253	255

	ê	é	Total
antes de u,i	116	299	415
antes de ô,ê	260	3	263
antes de ã,é	1	193	194
antes de a	9	365	374

Levando em conta o número excessivamente reduzido de pretônicas média e baixa em contextos complementamente distribuídos, optei por descrever essa alternância como uma regra categórica e tratar as "exceções" (que no contexto de vogais altas eram muitas!), como um caso de interferência dialetal³. Também foi essa a interpretação de MAIA (1986:209-26) para as realizações de pretônicas com o timbre fechado como em *côração péruca sêdosa* também constatadas no dialeto de Natal. Ampliando, posteriormente, o estudo dessas exceções em uma amostra do Projeto NURC, delimitada especialmente para isso, observei que o comportamento dos dados configurava uma regra variável estável que atingia mais as mulheres e as faixas etárias intermediárias⁴, entre os 36 e os 55 anos. Ainda falta pois responder: que especificidades há na ocorrência de pretônicas médias em território onde predominam as baixas ou, ao contrário, na ocorrência de baixas em território onde predominam as médias? E que coincidências há, se as há?

Outro ponto para reflexão, que cabe mais no terreno das estratégias, relaciona-se com o isolamento de contextos. No sentido de tornar possível a intercomparação dos resultados, creio, *data vênia*, que seria útil separar alguns contextos que podem produzir diferenças significativas em alguns ou em todos os dialetos. Os que me ocorrem são os que se mostraram pertinentes na fala de Salvador, mas certamente haverá outros,

que novas investigações poderão levantar. Refiro-me, no caso mencionado, à posição inicial de palavra, à posição imediatamente antes de vogal (em hiato), às realizações provenientes de monotongação, que determinam um comportamento das pretônicas completamente diverso do que se observa no contexto entre consoantes. No caso especial da *elevação das pretônicas médias*, também pareceu-me importante isolar as vogais nasais das orais.

Finalmente, relacionada com a hipótese difusionista, vem a questão: todas as ocorrências de pretônicas devem fazer parte da amostra computável, sem levar em conta a sua ocorrência invariável em um dado vocábulo? O que vem a ser uma ocorrência invariável? Uma palavra que ocorre três vezes de modo invariável, pode não sê-lo se ampliarmos no *corpus*. Também uma palavra pode ser invariável no âmbito do informante, mas variável se computarmos os dados de toda a comunidade.

Em 1989 retirei da amostra todos os derivados de *-inho*, *-zinho*, *-ão*, *-ona* e *-mente*, já conhecidos por conservarem a vogal tônica da palavra primitiva. Mas também retirei todas as palavras com mais de vinte ocorrências invariáveis na amostra. Mesmo assim além desse número ainda encontrei variações, como *jórnais* (67v) e *jurnais* (1v.), *purque* (147v) e *pôrque* (8v). Essas observações não figuram nos trabalhos publicados senão esporadicamente, e são dados muito importantes para quem quer comparar resultados, sobretudo quando esses são expressos numericamente.

4 - Concluindo

Ainda que a empresa pareça demasiadamente grande, que os recursos sejam

reduzidos, especialmente em algumas áreas, seria possível tentar algumas estratégias para atrair outros pesquisadores para o estudo das pretônicas. Os cursos de pós-graduação que recebem pessoas de pontos tão diversos do país poderiam funcionar como estimulador de projetos que visem ao estudo desse assim como de outros traços dialetais importantes, de modo a que se possam estabelecer confrontos com trabalhos de diversas regiões, desenhando assim o quadro dialetal brasileiro.

Résumé

Ce qu'on a habituellement considéré comme des caractéristiques du portugais du Brésil semble résulter des limites de la recherche concernant les dialectes nationaux. Dans ce travail, on discute la nécessité de stimuler les descriptions dans des domaines peu étudiés et les difficultés à confronter des résultats de travaux conclus, de manière à construire un tableau plus proche de la réalité linguistique du pays.

Notas

- * Uma versão deste trabalho foi inicialmente apresentada no IX Encontro Nacional da ANPOLL, em Caxambu, em julho de 1994.
- 1 Cf. BARBOSA DA SILVA (1989:62-76)
- 2 Nas famílias de nordestinos constatou-se entre os pais: 65% de és e ós; entre os filhos: 17%.(Cf: BORTONI *et alii*, 1992 p.11).
- 3 Vários argumentos foram então considerados (Cf: BARBOSA DA SILVA, 1989:84-129, ou, mais resumidamente, 1991:79-89).
- 4 Cf. BARBOSA DA SILVA, 1993.

Referências Bibliográficas

- ABAUURRE-GNERRE, Maria Bernadete. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual no português do Brasil. *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas. 2 : 23-43, 1981.
- BARBOSA DA SILVA, M.. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. Rio de Janeiro, /s.c.p./, 1989. (Tese de Doutorado, UFRJ)
- _____. Um traço regional na fala culta de Salvador. *Organon*. Porto Alegre, UFRGS/ Instituto de Letras, 5 (18), 1991.
- _____. *Relatório Final ao CNPq*. Salvador /s.c.p./ 1993.
- BORTONI, S. M.; GOMES, C. A. e MALVAR, E.. Aspectos da difusão lexical. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, 1 : 31-41, jul./dez., 1992.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador, UFBA, 5 : 151-62, dez. 1986.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. & COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*. Porto Alegre, UFRGS/ Instituto de Letras, 5 (18), 1991.
- CUNHA E SILVA, Rita de Cássia B.. *Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus*. Rio de Janeiro, /s.c.p./, 1980 (Dissertação de Mestrado, PUC-RJ)
- MAIA, Vera Lúcia Medeiros. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador, UFBA, 5 : 209-26, dez. 1986.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da difusão lexical. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, 1 : 31-41, jul./dez., 1992.
- RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Ática, 1974. (Ensaio 5)
- VIEIRA, Maria Nazaré C.. *Aspectos do falar Paraense: fonética, fonologia e semântica*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1983.



Universidade Federal da Bahia
Centro Editorial e Didático

Impresso na Gráfica Universitária do
Centro Editorial e Didático da UFBA,
rua Barão de Geremoabo s/nº, Campus
Universitário da Federação, Ondina.
CEP: 40170-290, Salvador-Bahia
Tel.: (071)245-9564/Fax: (071)235-8991
Atendemos pelo reembolso postal